

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE TECNOLOGIA
DEPARTAMENTO DE ENGENHARIA FLORESTAL**

**GUARDA-PARQUES E A PROTEÇÃO DE VALORES
AMBIENTAIS E CULTURAIS NO PARQUE NACIONAL
DA CHAPADA DOS VEADEIROS (PNCV)**

MARCELO DANIEL SEGALERBA BOURDETTE

ORIENTADOR: PROF. DR. REUBER ALBUQUERQUE BRANDÃO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM CIÊNCIAS FLORESTAIS

**PUBLICAÇÃO PPGEFL.DM - 242/2014
BRASÍLIA/DF: OUTUBRO - 2014**

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE TECNOLOGIA
DEPARTAMENTO DE ENGENHARIA FLORESTAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS FLORESTAIS**

**GUARDA-PARQUES E A PROTEÇÃO DE VALORES
AMBIENTAIS E CULTURAIS NO PARQUE NACIONAL
DA CHAPADA DOS VEADEIROS (PNCV)**

MARCELO DANIEL SEGALERBA BOURDETTE

APROVADA POR:

Prof. Dr. Reuber Albuquerque Brandão- UnB
Orientador

Prof. Dr. Jesus Manuel Delgado Mendez - UFRB
Examinador Externo

Prof. Dr. Fernando Paiva Scardua- UnB Gama
Examinador Interno

Brasília, 29 de agosto de 2014.

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA
CENTRAL DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. ACERVO 1018297.**

<p>Bourdette, Marcelo Daniel Segalerba. B768g Guarda-parques e a proteção de valores ambientais e culturais no Parque Nacional Chapada dos Veadeiros (PNCV) / Marcelo Daniel Segalerba Bourdette. -- 2014. 155 f. : il. ; 30 cm.</p> <p>Dissertação (mestrado) - Universidade de Brasília, Faculdade de Tecnologia, Departamento de Engenharia Florestal, Programa de Pós-Graduação em Ciências Florestais. Inclui bibliografia. Orientação: Reuber Albuquerque Brandão.</p> <p>1. Florestas - Conservação. 2. Parques nacionais - Proteção. 3. Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros (GO) - Proteção ambiental. I.Brandão, Reuber Albuquerque. II. Título.</p> <p style="text-align: right;">CDU 502.3</p>

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

BOURDETTE, M. D. S. (2014). Guarda-parques e a proteção de valores ambientais e culturais no Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros (PNCV), Brasil. Dissertação de Mestrado em Ciências Florestais. Publicação **PPGEFL.DM 242/2014**. Departamento de Engenharia Florestal, Universidade de Brasília - UnB, Brasília/DF.2014.155p.

CESSÃO DE DIREITOS

AUTOR: Marcelo Daniel Segalerba Bourdette.

TÍTULO: Guarda-Parques e a Proteção de Valores Ambientais e Culturais no Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros (PNCV).

GRAU: Mestre

ANO: 2014

É concedida à Universidade de Brasília permissão para reproduzir cópias desta dissertação de mestrado e para emprestar ou vender tais cópias somente para propósitos acadêmicos e científicos. O autor reserva outros direitos de publicação e nenhuma parte dessa dissertação de mestrado pode ser reproduzida sem autorização por escrito do autor.

Marcelo Daniel Segalerba Bourdette
SHIS QL 06 - Conjunto 08 - Casa 06.
Lago Sul - Brasília - DF - 71.620-085 – Brasil.

Dedico

Para minha avó recentemente falecida Josefa Porto “Chola”, em eterno agradecimento por todos os seus cuidados e amor que recebemos desde criança e pelos importantes e inesquecíveis valores transmitidos em favor da proteção da vida.

Para as minhas amadas filhas, Marina e Sofia, que muito antes de nascer inspiraram sempre todos os meus esforços de proteção ambiental, com ânimo para poder lhes oferecer um mundo nas melhores condições possíveis.

Para Ana Carolina Kalume por seu insubstituível e precioso apoio.

Para todos os Guarda-parques que tem perdido a sua vida no cumprimento de seu dever e para todos aqueles que no dia a dia sacrificam-se em prol do cuidado dos valores presentes nas Áreas Protegidas.

Agradeço imensamente

Ao professor, Reuber Albuquerque Brandão, nosso orientador, por toda a confiança depositada, pela grande oportunidade oferecida, pelo alto valor da sua amizade, pelas excelentes e muito inspiradoras aulas presenciadas que foram todo um privilégio ao longo de toda a nossa pós-graduação.

Ao professor Jesus Delgado, por todo seu carisma, pela confiança depositada e disposição permanente a nos auxiliar, pela amizade, pelo seus exemplos e valores humanos, por todo o conhecimento que recebemos ao longo do curso de especialização (AMUC).

Aos professores Reginaldo Sérgio Pereira e Anderson Marcos de Souza por todo seu apoio e confiança recebida e pelas vitais sugestões para o aprimoramento do nosso trabalho.

Aos professores da FCA-UDE, em especial para Javier Duran, Alfredo Bellagamba e Claudio Williman, por todo seu apoio, confiança e bons exemplos como docentes e profissionais. Ao Prof. Nin pela transmissão de conhecimentos e paixão transmitida sobre as árvores.

Aos professores do curso (DUMAC) Javier Salgado Ortiz e Wilian de Jesús Aguilar Cordero por toda a confiança e apoio para nos recomendar para esta pós-graduação. Ao Prof. Pedro César Cantú Martínez pelo seu magistral curso e vital ajuda para incorporar outra forma de olhar para a problemática dos impactos ambientais e sua discussão acadêmica.

Aos professores e colegas do Departamento de Pós-Graduação e do Laboratório de Fauna e Unidades de Conservação (LAFUC) pela amizade, apoio e conselhos recebidos ao longo da realização desta pesquisa. Especialmente, para as colegas Sthefany Henrique de Souza Teixeira e Ana Beatriz dos Santos Costa pelo seu inestimável apoio no processo de análise de juizado das entrevistas desenvolvidas.

À professora Ana Magnólia Bezerra Mendes e ao colega Murylo Galvão do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília (UnB) por toda a sua amizade, apoio, treinamento e recomendações para poder avançar e aplicar a metodologia de pesquisa “Análise de conteúdo”.

À secretaria do Programa de Pós-Graduação em Ciências Florestais, particularmente para Francisco Cesar Borges Silva (Chiquinho) por todo o seu profissionalismo, qualidade de atendimento e cooperação em todos os trâmites efetuados ao longo do processo do mestrado.

À professora e amiga, Daniela Favaro Garrossini, pela amizade, pelo apoio profissional e familiar permanente.

Às alunas da Universidade Católica de Brasília, Renata Cardoso Marques dos Santos, Jéssica Eufrásio e Rosileia Araújo pelo vital apoio na decupagem das entrevistas desenvolvidas nesta pesquisa.

Aos colegas Luis Antonio Tovar Narvaez e Daniel Paz pelo apoio com material bibliográfico de suporte para o desenvolvimento do nosso trabalho de dissertação.

Aos alunos da disciplina Administração e Manejo de Unidades de Conservação (Engenharia Florestal - Faculdade de Tecnologia), pelas oportunidades de intercâmbio de experiências e conhecimentos nas longas jornadas de aula e pelos bons momentos vivenciados nas saídas de campo.

Para meus pais Graciela Anair Bourdette e Ricardo Segalerba em resposta a todo seu grande esforço desenvolvido durante a minha criação. Para minhas queridas filhas Marina e Sofia, pelo tempo extraído e os momentos que não conseguimos vivenciar em conjunto, entanto, tentávamos cumprir com as obrigações da pós-graduação. Para Ana Goretti Kalume Maranhão e Maria José Felix pelo apoio, carinho, preocupação e suporte desde que cheguei a Brasília e particularmente nos momentos críticos de realização desta dissertação. À Ana Carolina Kalume pelas vitais orientações acadêmicas e acompanhamento ao longo da pesquisa.

Ao amigo, Fabio Pereira Margarido, por ser um grande camarada, pela sua amizade, por ser um profissional exemplar e competente, pela companhia e estímulo nas matérias cursadas em conjunto, pelo exemplo de trato humano que ele pratica e nos norteia permanentemente.

Ao amigo, Alejandro Crossa (Tato) pela eterna e profunda amizade muito além de qualquer circunstância, pelo exemplo de trato e qualidade humana, por ser um grande exemplo de esforçado trabalhador e lutador na vida.

A toda minha grande família espalhada por vários países, que sempre esteve preocupada e seguiu com atenção a evolução da nossa tarefa, périplos de vida, pesares e sucessos.

A todos os nossos amigos trabalhadores das Áreas Protegidas sem exceção, por serem permanentes fontes de inspiração e norteadores dos nossos esforços na área. Ao Guarda-parque e amigo Rick Smith por ser um dos nossos maiores mentores como profissional Guarda-parque das Áreas Protegidas, por toda sua confiança, preocupação e permanente apoio ao longo destes anos. Ao Guarda-parque e amigo Juan Carlos Gambarotta por ter sido um forte motivo da nossa vinculação eterna com a proteção das Áreas Protegidas. Aos Guarda-parques e amigos Sean Willmore, Tegan Burton, Paula Silva e Francisco Semedo por toda sua confiança, apoio e amizade que ultrapassa os oceanos que nos separam.

Aos colegas da Associação Brasileira de Guarda-parques por tantos esforços, avanços e jornadas compartilhadas. Aos colegas Guarda-parques do Amapá em gratidão pelo aprendizado e maravilhosa experiência vivenciada nos últimos anos. Aos colegas e amigos Guarda-parques do Uruguai e do Portugal que levamos sempre na nossa memória.

Às pessoas entrevistadas durante a pesquisa de campo, pela sua compressão, confiança, amizade, tempo concedido, conhecimento e informação repassada.

À CAPES, que, por meio do programa de incentivo às pesquisas de Pós-Graduação, apoiou financeiramente várias etapas da realização desta dissertação.

RESUMO

GUARDA-PARQUES E A PROTEÇÃO DE VALORES AMBIENTAIS E CULTURAIS NO PARQUE NACIONAL DA CHAPADA DOS VEADEIROS (PNCV)

Autor: Marcelo Daniel Segalerba Bourdette

Orientador: Prof. Dr. Reuber Albuquerque Brandão

Programa de Pós-Graduação em Ciências Florestais

Brasília, outubro de 2014.

O presente trabalho tem como objetivo analisar a necessidade de Guarda-parques no Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros (PNCV), em função dos problemas e ameaças presentes, como forma de assegurar a qualidade e permanência dos valores ambientais e culturais. A pesquisa analisou a pertinência da figura do Guarda-parque, sua caracterização e perfil necessário dentro desta UC, oferecendo um panorama do quadro e número, que consiga atender às necessidades de proteção efetiva. O percurso metodológico adotado partiu da realização de 30 entrevistas em profundidade, com seis tipos de atores: *i*) Analistas Ambientais do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio); *ii*) Guardas Patrimoniais; *iii*) Guias Locais; *iv*) Brigadistas *v*) Visitantes e *vi*) Comunidade. O processo de análise dos dados coletados tomou como base a utilização da Análise de Conteúdo. Os resultados obtidos apontam para a necessidade da existência de Guarda-parques em quantidade suficiente, especialmente capacitados para atuarem com vistas a resolver os problemas de proteção.

Palavras-chave: Unidades de Conservação, Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros, Guarda-parques, Proteção, Manejo.

ABSTRACT

PARK RANGERS AND THE PROTECTION OF ENVIRONMENTAL AND CULTURAL VALUES IN CHAPADA DOS VEADEIROS NATIONAL PARK (PNCV)

Author: Marcelo Daniel Segalerba Bourdette

Supervisor: Prof. Dr. Reuber Albuquerque Brandão

Programa de Pós-Graduação em Ciências Florestais

Brasília, October 2014.

This study aims to analyze the need for park rangers in Chapada dos Veadeiros National Park (PNCV), considering the present problems and threats, in order to ensure the quality and permanence of environmental and cultural values. The research assesses the pertinence of park rangers, their characterization and the profile required for this Protected Area, providing a possible perspective of the workforce and quantity number that can meet the needs of effective protection. The methodological approach adopted the conduction of 30 in-depth interviews with six types of actors: i) Employees of the Chico Mendes Institute for the Conservation of Biodiversity (ICMBio); ii) Patrimony Guards; iii) Local Guides; iv) Fire Brigade v) Visitors and, vi) the Community. The methodology of Content Analysis was the basis of the field data examination. The results point the need for the existence of park rangers in sufficient quantity, specially trained to work on this unit in order to solve the protection problems.

Keywords: Conservation Units, Park Rangers, Chapada dos Veadeiros National Park, Protection, Management.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Valores a serem protegidas nas Áreas Protegidas.	38
Tabela 2: Descrição das diferentes esferas de proteção nas áreas protegidas	39
Tabela 3: Recursos Humanos efetivos no Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros.	49
Tabela 4: Principais problemas e ameaças em 2005-2006 e 2010 afetando o PNCV	73
Tabela 5: Alguns dos valores presentes no PNCV, segundo estudos 2005/2006 e 2010.	74
Tabela 6: Situação de vulnerabilidade e dificuldades enfrentadas para uma proteção efetiva, estudos Rappam 2005/2006 e 2010	74
Tabela 7: Comparação do perfil de Guarda-parque sugerido pelos entrevistados para o PNCV e as Competências Universais essenciais dos Guarda-parques, segundo a Federação Internacional de Guarda-parques.	104
Tabela 8: Valores e atitudes do Guarda-parque para o PNCV sugerido pelos grupos.	109
Tabela 9: Qualidades valores e atitudes desejadas para os Guarda-parques.....	110
Tabela 10: Opiniões dos grupos entrevistados em relação às condições e características que deveriam ter os Guarda-parques para trabalhar no PNCV.	111
Tabela 11: Comparativo de quantidade de Guarda-parques por hectare	129

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Principais problemas e desafios para a gestão de Unidades de Conservação no Brasil.	44
Figura 2: Localização do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros.....	47
Figura 3: Triângulo de proteção nas Áreas Protegidas.	57
Figura 4: O universo dos Guarda-parques no Brasil.Fonte: Elaborado pelo autor.....	68

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Denominações internacionais sobre os Guarda-parques.	54
Quadro 2: Diferentes nomes que recebe o desenvolvimento das funções de Guarda- parque no Brasil nas Áreas Protegidas.....	64
Quadro 3: Lista de Estados brasileiros que reconhecem a profissão dentro da legislação estadual.....	70
Quadro 4: Estados brasileiros que tem Associações de Guarda-parques reconhecidas ou em processo de reconhecimento.	71

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Opinião dos entrevistados sobre a importância do Parque. Fonte: Elaborado pelo autor.....	80
Gráfico 2: Opinião dos entrevistados sobre o fogo como problema principal da unidade.	85
Gráfico 3: Opinião dos entrevistados sobre o fogo como problema principal da unidade em função dos grupos. Fonte: Elaborado pelo autor.....	86
Gráfico 4: Opinião dos entrevistados sobre a necessidade de ter Guarda-parques no Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros. Fonte: Elaborado pelo autor.	94
Gráfico 5: Opinião dos grupos entrevistados sobre a necessidade de ter Guarda-parques no Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros. Fonte: Elaborado pelo autor.	100
Gráfico 6: Valores máximos e mínimos de guarda-parques requeridos por grupo.	113
Gráfico 7: Opinião dos grupos entrevistados sobre a sensação de segurança com a presença de Guarda-parques no Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros. Fonte: Elaborado pelo autor.	115
Gráfico 8: Opinião dos grupos entrevistados sobre a necessidade de segurança no Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros. Fonte: Elaborado pelo autor.....	117

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Associação dos Condutores de Visitantes da Chapada dos Veadeiros	ACVCV
Associação Brasileira de Guarda-parques	ABG
Áreas de Proteção Ambiental	APA
Áreas Protegidas	APs
Capacidade de Carga	CC
Convenção da Diversidade Biológica	CDB
Conselho Estadual do Meio Ambiente	CEMAM
Curso de Capacitação para Guarda-parques	CGP
Capacidade de Manejo	CM
Conselho Nacional do Meio Ambiente	CONAMA
Conselho Consultivo do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros	CONPARQUE
Federação Internacional de Guarda-parques	FIG
Global Positioning System	GPS
Guarda-parque	GP
Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis	IBAMA
Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística	IBGE
Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade	ICMBio
Instituto Nacional de Meteorologia	INMET
Manejo Integrado do Fogo	MIF
Ministério de Meio Ambiente	MMA
Organização Internacional do Trabalho	OIT
Organização Mundial do Turismo	OMT
Organização Não Governamental	ONG
Plano de Manejo	PM

Parque Nacional	PN
Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros	PNCV
Plano Operativo Anual	POA
Centro Nacional de Prevenção e Combate aos Incêndios Florestais do Ibama	PREVFOGO
Rapid Assessment and Prioritization of Protected Area Management (Avaliação Rápida e Priorização do Manejo de Unidades de Conservação)	RAPPAM
Serviços Ecológicos	SE
Sistema Estadual de Unidades de Conservação	SEUC
Sistema de Monitoramento da Biodiversidade em Unidades de Conservação	SIMBIO
Sistema de Autorização e Informação em Biodiversidade	SISBIO
Sistema Nacional de Unidades de Conservação	SNUC
Unidades de Conservação	UC
Universidade de Brasília	UNB

SUMÁRIO

PARTE I - INTRODUÇÃO E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	xvi
CAPÍTULO 1 – INTRODUÇÃO	17
1.1 Objetivo Geral.....	20
1.2 Objetivos Específicos	20
1.3 Hipótese.....	20
1.4 Procedimentos Metodológicos.....	20
1.4.1 Pesquisa exploratória e descritiva.....	22
1.4.2 A escolha do instrumento de coleta de dados: entrevista em profundidade	22
1.4.3 A escolha da amostra	24
1.4.4 Etapas de pesquisa	27
1.4.5 Primeira etapa: Levantamento Bibliográfico	28
1.4.6 Segunda etapa: Análise dos dados obtidos na primeira etapa e aplicação do instrumento de coleta de dados	29
1.4.7 Terceira etapa: Análise dos dados	29
1.4.8 Características da Análise Categorical Indutiva	30
1.4.9 Quarta etapa: Redação e validação dos produtos gerados	30
1.4.10 Análise dos dados	30
1.5 Estrutura da Dissertação	32
PARTE II - AS AREAS PROTEGIDAS E AS UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL, O PARQUE NACIONAL DA CHAPADA DOS VEADEIROS E OS GUARDA-PARQUES	36
CAPÍTULO 2 – AS UNIDADES DE CONSERVAÇÃO E O PARQUE NACIONAL DA CHAPADA DOS VEADEIROS	37
2.1 O surgimento das primeiras Unidades de Conservação no Brasil.....	40
2.2 A Situação de proteção das Unidades de Conservação no Brasil	42
2.3 O Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros (PNCV)	45
2.3.1 Caracterização do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros (PNCV).....	46
2.3.2 Os recursos humanos que protegem o Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros (PNCV).....	49
CAPÍTULO 3 - O GUARDA-PARQUE	52
3.1 O que é um Guarda-parque.....	53
3.2 Perfil e competências dos Guarda-parques.....	56
3.3 A Federação Internacional de Guarda-parques.....	60
3.4 O contexto dos Guarda-parques Brasileiros	62

3.5 A falta de Guarda-parques nas Unidades de Conservação do Brasil	72
3.6 A falta de Guarda-parques no Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros.....	72
PARTE III - ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	76
CAPÍTULO 4 - ANÁLISE DOS DADOS	77
4.1 A percepção da importância dos valores ambientais no Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros (PNCV).....	77
4.2 - A importância cultural do PNCV para os entrevistados	80
4.3 A importância econômica do PNCV para a Comunidade	81
4.4 - Os principais problemas para a proteção no PNCV na percepção do entrevistados	84
4.4.1 O problema do fogo	84
4.4.2 Insuficiente fiscalização: controle e vigilância	87
4.4.3 A necessidade de preparação no atendimento ao visitante	90
4.4.4 Insuficientes funcionários para a proteção do Parque	90
4.4.5 Insuficiente infraestrutura, equipamentos e materiais	92
4.5 A figura do Guarda-parque no contexto de proteção do PNCV	93
4.6 A importância dos Guarda-parques.....	97
4.7 A concepção das funções do Guarda-parque dentro do PNCV	100
4.8 O perfil do Guarda-parque do PNCV	102
4.9 Quantidade de Guarda-parques necessários para o PNCV.....	112
4.10 Sensação de segurança com a presença de Guarda-parques.....	114
4.10.1 A sensação de segurança pessoal que experimentam os protetores do parque	118
CAPÍTULO 5 - DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	120
5.1 Importância do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros	120
5.2 Os incêndios como principal problema da unidade.....	120
5.3 A necessidade de maior fiscalização	121
5.4 Maior número de pessoas atuantes na proteção da unidade.....	122
5.5 A necessidade de Guarda-parques.....	124
5.6 Perfil do Guarda-parque necessário para atuar no PNCV	125
5.7 Valores e condições pessoais desejáveis para um Guarda-parque.....	127
5.8 Conhecimentos mínimos necessários de um Guarda-parque.....	127
5.9 Quantidade de Guarda-parques estimados para o PNCV	128
5.10 A necessidade de segurança na Unidade	130
CAPÍTULO 6 – RECOMENDAÇÕES	132
CONCLUSÃO.....	134
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	138
APÊNDICES	148

APÊNDICE A.....	149
APÊNDICE B.....	151
ANEXOS.....	153
ANEXO I.....	154

**PARTE I - INTRODUÇÃO E PROCEDIMENTOS
METODOLÓGICOS**

CAPÍTULO 1 – INTRODUÇÃO

De acordo com registros fósseis encontrados, há aproximadamente 40.000 anos, o *Homo sapiens sapiens* (a forma mais recente da nossa espécie) vem transitando pelo planeta tentando garantir a sua sobrevivência. Ainda assim, isto representa apenas um breve lapso de tempo comparado com os 4.600 milhões de anos estimados da existência da Terra. Desde lá, as profundas revoluções culturais subsequentes e os avanços tecnológicos associados permitiram ao homem alterar e controlar cada vez maiores partes do planeta para tentar satisfazer as suas necessidades básicas em rápido crescimento. Essas mudanças culturais, junto com o aumento populacional e o uso exponencial dos recursos naturais têm derivado em visíveis e importantes efeitos sobre o planeta, gerando contaminação e degradação ambiental. E ao longo dos anos, foi tanta a destruição e o desmatamento, que os vitais habitats de muitas formas de vida vegetal e animal foram muito afetados, causando ou apresando extinções (MILLER, 1994).

Ao longo da história humana existiram diversas ações de proteção da natureza que incluíam a criação de áreas protegidas. Somado a isto, a concepção moderna de proteção, baseada na instauração de espaços naturais públicos, teve seu começo em meados do século XIX (DAVENPORT, 2002; ARAUJO, 2012). Nessa época, alguns naturalistas, escritores e filósofos norte-americanos como Ralph Waldo Emerson, Henry David Thoreau, John Muir e outros, conseguiram tomar consciência da rápida devastação que acontecia por causa do homem e propuseram que parte das terras públicas e seus valores estéticos, faunísticos e florísticos fossem protegidas como herança para as futuras gerações. E, apesar de uma enorme resistência de políticos e cidadãos comuns, conseguiram gerar as bases para o surgimento das primeiras áreas protegidas da era moderna (MILLER, 1994).

Com o tempo, o valor cênico tomado como uns dos principais fatores para a criação das primeiras Áreas Protegidas modernas foi evoluindo para a preservação da diversidade biológica, proteção de ecossistemas, espécies, e uso sustentável dos recursos. Em consequência, a criação de áreas protegidas foi uns dos caminhos achados pelo homem moderno para conviver com a Natureza e proteger ela, pensando no valor de legado para as futuras gerações e tentando evitar a perda dos vitais valores

ambientais pelas permanentes investidas humanas (VIANA; GANEM, 2005), (DAVENPORT, 2002).

O estabelecimento de áreas protegidas é considerado, atualmente, em grande parte do mundo, o principal instrumento para a conservação da biodiversidade (BRUNER et al., 2001, BARBOSA, 2008). Se as áreas naturais e culturais protegidas ocupam uma posição de prestígio no contexto social mundial e até já foram qualificadas como tesouros de um país, independentemente de qualquer contexto, elas devem se perpetuar o máximo possível para o bem da humanidade (DELGADO-MENDEZ, 2008).

As altas e crescentes taxas de extinção, entre outros indicadores, apresentam a situação atual do sistema global de conservação, que se encontra longe do ideal (TERBORGH; SCHAIK, 2002). Considerando que, na maioria das vezes, a simples proteção legal não tem sido suficiente para manter a integridade das áreas protegidas e permitir que os objetivos de conservação sejam devidamente alcançados (OLDFIELD, 1988; HAUFF, 2004; ARAUJO, 2012). Machlis e Tichnell (1985) realizaram um estudo global sobre o grau de implementação das UC e encontraram como principal resultado o fato de que grande parte das UC pesquisadas não tinha condições adequadas de funcionamento.

O termo “parques de papel” advém da falta de condições para aquelas UC que, apesar de estarem legalmente estabelecidas, não são implementadas de forma adequada e com vistas à redução da degradação ambiental (MACHLIS; TICHNELL 1985; BRUNER *et al.*, 2001, TERBORGH; SCHAIK, 2002, ARAUJO, 2012; RODRÍGUEZ-RODRÍGUEZ, 2014; MEDEIROS; IRVING; GARAY, 2007)

O Brasil tem uma importância fundamental para a biodiversidade do planeta e para o campo da biologia da conservação, considerando que em nenhum outro lugar, as necessidades de proteção da natureza são mais críticas. (LOVEJOY, 2005). Mas, as Unidades de Conservação enfrentam uma série de problemas relacionados à regularização fundiária, poucos recursos financeiros, precária e insuficiente infraestrutura, baixo conhecimento gerencial, pessoal reduzido e carência de pessoal capacitado, planejamento insuficiente, baixa eficácia de gestão, além de processos distorcidos para a elaboração e implementação de planos de manejo (JORGE PÁDUA, 1997; MILANO, 1997).

A baixa efetividade da gestão das Unidades de Conservação Brasileiras explica-se, em boa parte, pela falta de uma cultura organizacional não voltada para resultados e

baixo reconhecimento e valorização dos funcionários. Isto gera forte desmotivação, conflitos na equipe, conflitos com as comunidades vizinhas, escassa proatividade e capacidade de inovação. Por consequência disto, as UC bem implantadas, com suficiente quantidade de equipamentos e pessoal técnico, não produzem os resultados esperados (ARAUJO, CABRAL, MARQUES, 2012).

A proteção adequada das UC depende de recursos humanos treinados em quantidade suficiente, no que diz respeito à eficiência sobre o uso de recursos financeiros e de segurança fundiária (MARQUES, 2012). A insuficiência de recursos humanos e financeiros é um obstáculo a uma gestão eficaz das UC Brasileiras (FARIA, 2012). A efetividade nos parques está correlacionada com a quantidade de Guarda-parques presentes e com o impedimento das atividades ilegais no desenvolvimento das suas ações de proteção (BRUNER *et al.*, 2001).

A região da Chapada dos Veadeiros é uma zona de especial singularidade e relevância para a conservação da biodiversidade que apresenta um mosaico de diferentes tipos de UC, acompanhando ao Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros (PNCV) de caráter federal, conformado por 15 Reservas Particulares do Patrimônio Natural (RPPN) de caráter federal, três Parques Municipais (PM) e uma Área de Proteção Ambiental (APA), (LIMA, 2014).

A criação do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros foi uma ação fundamental para a preservação de paisagens de especial beleza cênica, manutenção da biodiversidade e fitofisionomias do cerrado de altitude, seguindo as estratégias de conservação da biodiversidade que aconteceram em diversos biomas brasileiros a partir a segunda metade do século XX (BRASIL, 2009).

Seus destacados atributos naturais posicionam o PNCV como uma das áreas mais importantes de conservação do Planalto Central do Brasil. Constitui uma das áreas-núcleo da Reserva da Biosfera do Cerrado Fase II, inserindo-se no corredor ecológico Paraná-Pirineus e na Área de Proteção Ambiental – APA do Pouso Alto. Sua beleza cênica é conhecida internacionalmente, sendo que em 2001 a União Mundial pela Natureza - IUCN emitiu parecer favorável ao título de Patrimônio Mundial (BRASIL, 2009).

Tomando como base a importância do PNCV para a conservação, a carência de pessoal em quantidade e qualidade que apresentam as UC Brasileiras, o papel mundial dos Guarda-parques na proteção das Áreas Protegidas e a necessidade de cumprir com os objetivos de manejo da unidade, este trabalho propõe uma análise sobre a necessidade

de Guarda-parques para a conservação dos valores ambientais e culturais no Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros (PNCV), em função dos problemas e ameaças presentes.

1.1 Objetivo Geral

A presente pesquisa tem como objetivo analisar a necessidade de Guarda-parques para a proteção dos valores ambientais e culturais no Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros (PNCV), em função dos problemas e ameaças presentes.

1.2 Objetivos Específicos

- Identificar os principais problemas e ameaças presentes dentro do PNCV, que coloquem em risco a qualidade e permanência dos valores ambientais e culturais.
- Caracterizar o perfil profissional do Guarda-parque.
- Definir o quadro funcional de Guarda-parques que atenda às necessidades de proteção efetiva dentro da Unidade.

1.3 Hipótese

O Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros (PNCV) necessita de Guarda-parques para proteger e assegurar a permanência dos valores ambientais e culturais, vidas humanas e valores patrimoniais presentes. Em vista disto, a incorporação ou contratação de Guarda-parques integrados em um corpo de profissionais devidamente organizados e preparados resultará em uma melhor proteção dos valores mencionados.

1.4 Procedimentos Metodológicos

Como forma de alcançar os objetivos propostos, a presente pesquisa consiste em um análise qualitativa analítica, empreendida em um estudo exploratório e descritivo, a partir da aplicação de entrevistas em profundidade com seis tipos de atores sociais, a

saber: *i*) Membros da comunidade, *ii*) Brigadistas; *iii*) Funcionários do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), *iv*) Guardas-Patrimoniais; *v*) Guias Locais; *vi*) Visitantes, com vistas à formulação de recomendações de manejo direcionadas aos problemas de proteção existentes no Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros. A análise foi desenvolvida tomando como base o trabalho de Laurence Bardin (2009), por meio da realização de um exame aprofundado das categorias resultantes para apresentar e discutir os objetivos da pesquisa.

É nessa perspectiva que se inscreve esta proposta de investigação: "Avaliação da necessidade de Guarda-parques para a proteção dos valores ambientais e culturais no Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros (PNCV)". Diante da necessidade de aprofundar o conhecimento sobre as dinâmicas e a proteção dos valores ambientais e culturais no Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros considerando o contexto dos Guarda-parques, questão escassamente pesquisada no Brasil, optou-se por realizar uma pesquisa de campo com seis grupos de atores. Essa modalidade de pesquisa é caracterizada pelo estudo aprofundado da dinâmica de um determinado fenômeno, com vistas à obtenção de conhecimento mais amplo e detalhado sobre o mesmo (GIL, 1999).

A realização das entrevistas foi desenvolvida entre setembro e novembro de 2013 e representou um primeiro esforço de aproximação da realidade e do contexto e necessidade do trabalho dos Guarda-parques em uma Área Protegida, bem como das questões de manejo e gestão desta Unidade de Conservação. Para a realização das entrevistas individuais semiestruturadas foi elaborado e desenvolvido um roteiro composto por questões inerentes ao objetivo da pesquisa. Os dados foram tratados mediante análise de conteúdo do tipo categorial indutiva, em três etapas cronológicas: *i*) pré-análise; *ii*) exploração do material (leitura flutuante) e *iii*) tratamento dos resultados, inferência e interpretação.

A escolha adequada de métodos e teorias convenientes, no reconhecimento e na análise de diferentes perspectivas, e na variedade de abordagens e métodos, são aspectos essenciais da pesquisa qualitativa (FLICK, 2009). O pesquisador deve ser inserir no mesmo ambiente do ator pesquisado para entender o contexto (GOLDENBERG 2007, FLICK 2009).

A subjetividade do pesquisador e do objeto que está sendo estudado pode se tornar parte do processo de pesquisa, na medida em que as reflexões do pesquisador sobre suas atitudes e observações em campo são dados que podem ocupar um papel relevante, inclusive no processo de interpretação do material coletado por meio da

aplicação do instrumento de coleta de dados, e seu resultado está exposto em diários de pesquisa ou em protocolos de contexto, ou mesmo na constituição de anexos da pesquisa (FLICK, 2009).

Há um número limitado de interpretações ou versões da realidade. Embora as experiências possam parecer únicas ao indivíduo, às representações de tais experiências não surgem das mentes individuais; em alguma medida, elas são o resultado de processos sociais mais amplos (BAUER & GASKELL 2002).

1.4.1 Pesquisa exploratória e descritiva

Os estudos exploratórios são empreendidos com objetivo de ampliar o conhecimento do pesquisador sobre o fenômeno a ser investigado e em estudos posteriores mais estruturados. A pesquisa exploratória é um instrumento necessário para a obtenção da experiência que auxilie a formulação de hipóteses significativas para a pesquisa mais definitiva (SELLTIZ *et al.*, 1987). Assim, a utilização dos estudos exploratórios na presente dissertação será realizada de forma a garantir melhor compreensão do material a ser coletado.

Segundo o autor, os estudos exploratórios podem gerar novos problemas que irão integrar pesquisas posteriores. Ele explica que este tipo de estudo envolve levantamento bibliográfico e documental, e técnicas como entrevistas em profundidade.

Já a pesquisa descritiva é um tipo de estudo cujas características podem ser coletadas de um determinado grupo, população, fenômeno ou estabelecimento de relações entre variáveis (GIL, 1999). Desta forma, a realização de pesquisa qualitativa, em conjunto com a entrevista em profundidade utilizada nesse trabalho terá como objetivo a estruturação de resoluções e entendimentos sobre os fatos que serão abordados.

1.4.2 A escolha do instrumento de coleta de dados: entrevista em profundidade

Jorge Duarte (2006) apresenta a pesquisa exploratória e descritiva que toma como base a realização de entrevistas em profundidade para entender um determinado assunto, que parte da busca de informações, percepções e experiências adquiridas por

meio de um informante. Cabe ao pesquisador analisá-las e apresentá-las de forma estruturada.

Selltizet *al.* (1987) define a escolha pela realização de entrevistas em profundidade como forma de produção de um estudo que contenha uma amostra bem definida da população em estudo. Ele afirma que as entrevistas não estruturadas permitem o levantamento de informações por meio das respostas dos entrevistados, e a determinação do significado pessoal de suas atitudes. “Ela não só permite que o entrevistado se expresse em detalhe quanto ao assunto da entrevista, mas também pode eliciar os contextos sociais e pessoais de crenças e sentimentos” (SELLTIZ *et al.*, 1987, p. 40).

Antônio Carlos Gil (1999) corrobora o autor e define as seguintes questões na obtenção dos objetivos da pesquisa:

a) a entrevista possibilita a obtenção de dados referentes aos mais diversos aspectos da vida social; b) a entrevista é uma técnica muito eficiente para a obtenção de dados em profundidade acerca do comportamento humano; c) os dados obtidos são suscetíveis de classificação e de qualificação (GIL, 1999, p. 118).

Segundo o autor, algumas questões são importantes e devem ser levadas em consideração antes de formular as perguntas, como:

a) só devem ser feitas perguntas diretamente quando o entrevistado estiver pronto para dar a informação desejada e na forma precisa; b) devem ser feitas em primeiro lugar perguntas que não conduzam à recusa em responder, ou que possam provocar algum negativismo; c) deve ser feita uma pergunta de cada vez; d) as perguntas não devem deixar implícitas as respostas; e) convém manter na mente as questões mais importantes até que se tenha a informação adequada sobre elas; assim que uma questão tenha sido respondida, deve ser abandonada em favor da seguinte.

Durante a produção das entrevistas em profundidade, Duarte (2006) elenca como principais critérios para a construção das entrevistas abertas, o número de questões inseridas no roteiro de entrevistas. O autor explica que há a necessidade de quatro a sete questões amplas que possam originar outras no decorrer da entrevista:

A lista de questões-chave pode ser adaptada e alterada no decorrer das entrevistas. Uma questão pode ser dividida em duas e outras duas podem ser reunidas em uma só, por exemplo. Por isso, é natural o pesquisador começar com um roteiro e terminar com outro, um pouco diferente (DUARTE, 2006, p.66).

As entrevistas em profundidade foram orientadas pelos seguintes objetivos: aprofundar o conhecimento sobre os problemas e ameaças presentes dentro do PNCV, que coloquem em risco a qualidade e permanência dos valores ambientais e culturais; aprofundar o conhecimento sobre a figura do Guarda-parque necessária para dar resposta eficiente a esses problemas e ameaças apresentados e definir o quadro funcional de Guarda-parques que atenda às necessidades de proteção efetiva dentro da Unidade.

O objetivo dessas entrevistas foi conhecer a opinião dos entrevistados que correspondem aos seis grupos de atores, a partir do lugar em que cada um deles constrói o conhecimento em relação aos processos de entendimento sobre a necessidade de Guarda-parques para o PNCV. O roteiro de entrevistas em profundidade encontra-se no Apêndice B desta pesquisa.

1.4.3 A escolha da amostra

Neste trabalho de pesquisa, a escolha dos entrevistados ou informantes foi feita de forma criteriosa, obedecendo a seis classes de atores: *i*) Funcionários do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBIO); *ii*) Guardas Patrimoniais; *iii*) Guias Locais; *iv*) Visitantes, *v*) Comunidade, e *vi*) Brigadistas. Esta escolha se deu em função da necessidade de discutir os problemas de manejo do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros e por ser representativa da população que visita, reside no entorno ou trabalha no Parque.

À coleta de informações foi realizada em 16 saídas de campo tentando compatibilizar as necessidades da pesquisa com o reconhecimento e respeito pelas condições conjunturais da gestão do parque e a disponibilidade de tempo e agenda dos vitais atores a serem entrevistados. Essa escolha foi empreendida pelo fato das entrevistas em profundidade representarem uma forma de coleta de dados em que o espaço da palavra e a sua escuta atenta pelo pesquisador permitem acesso à dinâmica intersubjetiva entre pesquisador e indivíduo, para, desta forma, perceber aquilo que é fonte de dificuldades, de pressões, de desafios suscetíveis de gerar ações em âmbito interno e externo ao objeto da pesquisa. Nesse sentido, foi vital a aplicação da técnica “Rapport” usada para gerar um clima de confiança, uma ligação de sintonia e empatia com os entrevistados.

Foram entrevistadas 30 pessoas, durante o período de 21 de setembro a 30 de novembro de 2013. As entrevistas foram transcritas fidedignamente ao conteúdo das entrevistas, incluindo, vícios de linguagem, pausas e a terminologia utilizada por cada um dos entrevistados. Partimos do princípio de que os atores entrevistados são capazes de responder às perguntas propostas no roteiro com respostas confiáveis quanto ao conteúdo questionado.

Para analisar a amostra, foi utilizada a Análise Categórica Indutiva, que é a mais rápida e eficaz, “na condição de se aplicar a discursos diretos (significações manifestas) e simples” (BARDIN, 2009) e na realização de um exame aprofundado de categorias empregadas para apresentar e discutir os problemas de manejo do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros.

Tal processo de análise foi realizado em quatro partes. A saber:

i) Pré-análise: Esta fase conta com alguns requisitos, como a leitura flutuante, na qual o pesquisador estabelece contato com os documentos que serão analisados. Após esse passo é feita a escolha dos documentos. Nesse caso, foi realizada uma delimitação de análise. O roteiro de perguntas que se encontra no Apêndice B. Essa fase “tem por objetivo a organização, embora ela própria seja composta por atividades não estruturadas, ‘abertas’, por oposição à exploração sistemática dos documentos” (BARDIN, 2009, p.122).

Após esse momento, o próximo passo é a regra de representatividade ou o corpus da amostra (BARDIN, 2009). Que, no caso deste trabalho foram as seis classes de atores entrevistados: *i) Funcionários do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio); ii) Guardas Patrimoniais; iii) Guias Locais; iv) Visitantes, v) Comunidade e vi) Brigadistas.*

ii) Formulação: é a referenciação dos índices e a elaboração de indicadores. Os índices serão a menção explícita de um tema em uma mensagem. Esse tema, de maneira geral, representa grande importância para o locutor quanto mais frequente é a sua repetição. Já os indicadores correspondem à frequência desse tema de maneira absoluta ou relativa a outros temas.

iii) Preparação do material que trata-se de uma edição do material coletado (BARDIN, 2009)

Após a pré-análise, inicia-se a exploração do material. “Esta fase longa e fastidiosa, consiste essencialmente em operações de codificação, decomposição ou enumeração, em função de regras previamente formuladas” (BARDIN, 2009, p. 127).

iv) A última parte do processo consta do tratamento dos resultados obtidos e sua interpretação. Este momento permite “estabelecer quadros de resultados, diagramas, figuras e modelos, os quais condensam e põem em relevo as informações fornecidas pela análise” (BARDIN, 2009, p. 127). Nesta etapa, o pesquisador tem à sua disposição o material analisado, o que possibilitará a ele a proposição de inferências e interpretações a propósito dos objetivos previstos.

Neste trabalho foram seguidos os critérios de: a) exaustividade; b) representatividade; c) homogeneidade; d) pertinência; e) exclusividade e f) análise de juízes.

A análise de juízes proposta foi empreendida a partir do olhar de três pesquisadores selecionados para análise do material coletado e compilado pelo pesquisador, como forma de sistematização das análises categoriais empreendidas.

A análise de conteúdo temático-categorial possui algumas etapas que facilitam a compreensão do material coletado (OLIVEIRA 2008). Como a leitura flutuante, que implica na leitura exaustiva do material coletado durante a pesquisa, no caso do presente trabalho, se aplica a cinco grupos de atores pertencentes ao PNCV “de forma que o pesquisador se deixe impressionar pelos conteúdos presentes, como se *flutuasse* sobre o texto, ou seja, sem a intenção de perceber elementos específicos na leitura” (OLIVEIRA, 2008, p. 572). Durante esse período, o pesquisador orienta a realização do estudo para que sejam construídas hipóteses provisórias sobre o objeto estudado, e também sobre os conteúdos do texto analisado.

Após essa etapa, devem ser criadas unidades de registro (UR) (OLIVEIRA, 2008). Elas são palavras ou frases que servirão para análise do material. Existem também as unidades de significação ou temas, que são associadas às unidades de registro. Nesse caso cada tema será composto por um conjunto de unidades de registro.

Depois de definidas as categorias e os temas, ou seja, as unidades de registro e as unidades de significação, o material foi analisado e agrupado em tabelas. Os resultados podem ser apresentados de diversas formas, como descrição cursiva acompanhada de exemplificação de unidades de registro significativas para cada categoria, ou ainda, na forma de tabelas, gráficos ou quadros, seguidos de descrições (OLIVEIRA, 2008).

As categorias representam a reconstrução do discurso, a partir da lógica do pesquisador:

Portanto expressam uma intencionalidade de re-representar o objeto de estudo, a partir de um olhar teórico específico. Essa lógica aplicada ao objeto de estudo e as construções teóricas dela emanadas precisam ser explicitadas, em termos do objeto reconstruído pela análise num trabalho posterior à aplicação da técnica (OLIVEIRA, 2008, p. 573).

Para que a criação de temas e categorias possa chegar a um resultado relevante para a pesquisa, um conjunto de características podem ser destacadas; como a importância de quantificar os temas em termos de total de unidades de registro no conjunto de toda a análise das entrevistas (OLIVEIRA, 2008).

1.4.4 Etapas de pesquisa

A partir do exposto, é possível afirmar que a pesquisa centra-se à lógica linear, a partir do momento em que nelas estão propostas ações que tomam como base a escolha de uma teoria, o levantamento de hipótese, a seleção da amostra, coleta de dados, interpretação e análise dos dados obtidos, (Figura 1).

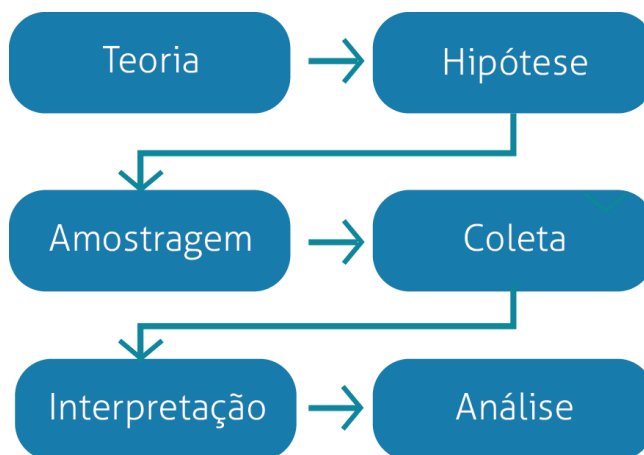


Figura 1: Modelo linear do processo de pesquisa (adaptado de FLICK, 2009, p. 100)

Este encadeamento proposto provém de uma postura que toma como base a construção de um plano de pesquisa que reserva sua parte central à interpretação dos

dados, como forma de investigação de um material fundamental para o desenvolvimento da pesquisa.

O método utilizado para coleta de dados foi um levantamento documental e a aplicação de questionários, em um contexto metodológico que se divide em quatro etapas, de acordo com os objetivos específicos propostos e as etapas abaixo:

1.4.5 Primeira etapa: Levantamento Bibliográfico

A primeira etapa corresponde a um levantamento documental sobre o Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros, que incluí um levantamento sobre os problemas e ameaças que afetam a unidade. Propõe-se uma revisão das informações disponíveis em instituições governamentais, no âmbito federal, estadual, e municipal, a saber: Ministério do Meio Ambiente, Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis, Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, Secretaria do Meio Ambiente e dos Recursos Hídricos do Estado de Goiás, Prefeituras dos Municípios Cavalcante, Alto Paraíso, Colinas do Sul e Teresina de Goiás.

1.1 Levantamento bibliográfico e documental sobre o Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros: (instrumentos de gestão, publicações científicas, legislação, relatórios, imagens áreas, imagens de satélites).

1.2 Revisão do processo de implementação (histórico administrativo, financeiro e operacional).

1.3 Levantamento dos problemas e ameaças que afetam a unidade (histórico de conflitos, ocorrências). Ex. incêndios, invasões.

1.4 Levantamento do quadro funcional atuante (atribuições, contexto de trabalho, problemas no desenvolvimento das funções)

1.5 Levantamento sobre Guarda-parques (cenário nacional e internacional)

1.4.6 Segunda etapa: Análise dos dados obtidos na primeira etapa e aplicação do instrumento de coleta de dados

A segunda etapa envolve uma análise das informações obtidas a partir do levantamento documental e pesquisa de campo e a realização de entrevistas em profundidade.

2.1 Leitura e análise primária das informações obtidas a partir do levantamento documental

2.2 Levantamento de dados:

- a- Realização de entrevistas em profundidade com seis tipos de atores e aplicação de questionários: i) Funcionários do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio); ii) Guardas Patrimoniais; iii) Guias Locais; iv) Visitantes, v) Comunidade e vi) Brigadistas.
- b- Observações de campo e participação em atividade de combate a incêndios, controle e vigilância, atendimento ao turista, educação ambiental, relacionamento comunitário e resgate de visitantes.
- c- Participação em apresentações e debates públicos

1.4.7 Terceira etapa: Análise dos dados

A terceira etapa foi composta pela análise qualitativa das informações obtidas na segunda etapa, conforme o método de análise de conteúdo proposto por Bardin (2009). Esta análise foi fundamental para detecção de:

- a- Problemas e ameaças
- b- Capacidade de gestão e infraestrutura. Organização, ações implementadas, planejamento
- c- Necessidade de Guarda-parques e determinação do quadro funcional para a Unidade de Conservação.

Esta análise foi realizada por meio da Análise Categrorial Indutiva, um método qualitativo de análise de conteúdo utilizado para identificar temas, estudando documentos, gravações e material impresso e verbal, como o empreendido na presente pesquisa, que tomou como base a obtenção de dados por meio da aplicação de um instrumento de coleta de dados para 30 indivíduos, de seis grupos distintos de atores do PNCV e seu entorno.

1.4.8 Características da Análise Categorical Indutiva

Como o nome indica, a análise de conteúdo indutivo se baseia no raciocínio indutivo, em que os temas surgem a partir dos dados brutos por meio de exame repetido e comparação. Em contraste com as técnicas quantitativas de análise de conteúdo, que permite aos pesquisadores obter medidas quantitativas de fontes não-numéricas de informação, a análise de conteúdo indutivo no presente trabalho foi utilizada como forma de identificar temas-chave, reduzindo o material a um conjunto de temas ou categorias.

Nesta pesquisa, a análise de conteúdo indutivo pretende organizar os dados brutos obtidos por meio do trabalho de campo realizado, mediante codificação aberta, em que o material foi analisado, por repetidas leituras do material, após o processo de transcrição das notas e títulos em uma folha de codificação. O passo seguinte envolveu o agrupamento dos dados, reduzindo o número de categorias, por meio de uma combinação de posições semelhantes em categorias mais amplas. Utilizando este processo, foi possível sistematizar o conteúdo obtido e aumentar a compreensão do material. Foram utilizados os seguintes passos: *i*) Unidade de registro temas; *ii*) Unidade de análises (recorrência); *iii*) Unidade de apresentação (os índices obtidos); *iv*) Agrupamento de temas, e, *v*) Seleção das Categorias de Análise.

1.4.9 Quarta etapa: Redação e validação dos produtos gerados

A quarta etapa é composta pelas seguintes produtos:

- Quadro com os principais problemas e ameaças presentes dentro do PNCV que coloquem em risco a qualidade e permanência dos valores ambientais e culturais.
- Caracterização da figura do Guarda-parque para a PNCV
- Quadro funcional de Guarda-parques que atenda às necessidades de proteção efetiva dentro da Unidade.

1.4.10 Análise dos dados

As entrevistas em profundidade foram analisadas de acordo com a análise categorial temática, metodologia que está intrinsecamente relacionada à compreensão das dinâmicas observadas por meio do trabalho de campo realizado no PNCV.

- Descrição minuciosa da importância do PNCV e quais as questões que cada um dos grupos ressaltava, como, por exemplo: quais aspectos, dentre as questões ambientais e importância econômica para a comunidade, histórico-cultural, fazem do parque um local de relevância;
- Principais problemas e ameaças identificados pelos grupos que poderiam atingir a permanência e qualidade dos valores;
- A percepção sobre o que representa um Guarda-parque e sua importância em uma Unidade de Conservação, qual o perfil de Guarda-parque para atuar na proteção do PNCV;
- Uma estimativa numérica, que foi inquirida de cada entrevistado sobre a necessidade de Guarda-parques para o PNCV;
- Percepção do risco laboral dos funcionários que atuam no trabalho de proteção do PNCV.

Desta forma, é possível afirmar que:

- É a partir da identificação da percepção do risco laboral dos funcionários que atuam no trabalho de proteção do PNCV, que serão observadas as condições de trabalho presentes, as necessárias e o perfil do Guarda-parque para essas condições.
- Da identificação dos principais problemas e ameaças identificados pelos grupos, que será possível identificar o perfil de Guarda-parque para atender a esses problemas, como por exemplo, a prevenção e combate aos incêndios.
- É preciso conhecer o perfil de um Guarda-parque e sua importância dentro de uma Unidade de Conservação como forma de identificar a cadeia de serviços que este poderia desenvolver.

Inspirada na análise de conteúdo categorial desenvolvida por Bardin (2009), a Análise Categórica Indutiva se caracteriza por um olhar particular sobre as informações. Na organização do material para codificação, foi abandonada a frequência de ocorrências da unidade de registro para dar lugar ao núcleo de sentido, que é formado a partir dos temas presentes nas narrativas.

Assim, essa técnica aproxima-se dos princípios centrais presentes nesta investigação que se propõe a analisar a necessidade de Guarda-parques para proteção do PNCV. Optou-se por essa técnica de análise por se tratar de processos cuja dinâmica

envolvem questões ligadas diretamente aos tipos de qualificações e ao quantitativo de profissionais que devem atuar em uma Unidade de Conservação o PNCV.

Estão descritos abaixo os procedimentos utilizados para a realização das análises. São eles:

- Transcrição das entrevistas em profundidade realizadas *in loco* durante o período de 21 de setembro a 30 de novembro no PNCV. Cada entrevista durou em média 30 a 40 minutos e foi gravada para posterior transcrição.
- Identificação nas verbalizações com destaques aos núcleos de sentido que estavam latentes nas falas, mediante sua recorrência ou aparição e que tinham significado para o objeto estudado no presente trabalho. Os núcleos de sentido identificados formaram os temas propostos.
- O agrupamento dos temas formou uma categoria, a partir das verbalizações como forma de descrição. Assim, o critério de semelhança ou de significado de cada unidade permitiu seu agrupamento.
- As categorias foram constituídas a partir dos temas que, por sua vez, foram construídos a partir das verbalizações, que se procedeu em uma volta à fala das pessoas.
- A nomeação de cada categoria foi realizada a partir da construção dos temas, por exemplo, "importância cultural", que representa um tema, e a partir deste, foi construída a categoria: "importância do parque".
- A inferência fez parte de cada uma das categorias construídas, pois permitiu que fossem captados os conflitos presentes nas falas de cada um dos seis tipos de atores pesquisados e tais questões foram retratadas em cada uma das categorias.

As inferências também foram estabelecidas de acordo com os objetivos da pesquisa e com os conceitos teóricos apresentados. Na interpretação das informações obtidas buscou-se ir além da explicação dos resultados, mediante a confirmação das hipóteses levantadas inicialmente, como apresentado no Capítulo 4, destinado à apresentação das análises obtidas.

1.5 Estrutura da Dissertação

Esta dissertação está dividida em três partes e quatro capítulos, iniciadas com a apresentação dos objetivos da pesquisa e encerradas com a discussão dos resultados

obtidos na análise de dados. Esta divisão visa disponibilizar o conteúdo de forma clara para o leitor levando em conta a realização do trabalho. O objetivo foi conduzir o leitor pelo mesmo percurso que nos levou aos resultados obtidos.

Inicialmente decidimos incluir um primeiro e único capítulo introduzindo o tema e apresentando os procedimentos metodológicos utilizados ao longo da pesquisa. Notavelmente teórica, esta primeira parte explica as razões da escolha de um estudo sobre a necessidade de Guarda-parques para a proteção dos valores ambientais e culturais no Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros (PNCV).

A importância desta contextualização encontra-se no fato de que foi a partir dela que foi construído o material de análise. Faz parte dos procedimentos metodológicos, o esclarecimento sobre como foram aplicadas 30 entrevistas em profundidade, em uma composição que privilegia as opiniões e verbalizações obtidas a partir de seis classes de atores que compõem o contexto regional e operativo do PNCV.

A segunda parte trata dos conceitos relativos às Áreas Protegidas, às Unidades de Conservação no Brasil, incluindo a caracterização do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros, unidade que se situa no Bioma Cerrado, criada pelo Decreto nº 49.875, de 11 de janeiro de 1961, sendo uma Unidade de Conservação de proteção integral. Compreender o contexto de criação, operacionalidade e problemática é premissa para analisar e sistematizar as informações recolhidas.

Também na segunda parte, desenvolve-se uma reflexão sobre o Guarda-parque, profissional capacitado para desenvolver a proteção integral dos valores naturais e culturais dentro das áreas protegidas constituídas legalmente, participando de todas as atividades realizadas. Ele é o responsável pelo desenvolvimento da proteção em campo, pela visibilidade da unidade, pela redução dos níveis de risco, pelo aumento da segurança e grau de satisfação dos visitantes, pela mediação em conflitos, pela educação e interpretação ambiental, pela proteção e valorização dos sítios históricos e culturais, pelo desenvolvimento e acompanhamento das atividades de pesquisa e monitoramento e pelas atividades de manutenção dentro da unidade.

Na terceira e última parte desta dissertação são apresentados a análise dos dados, a discussão dos resultados, recomendações e conclusões. Cabem a esta parte do trabalho, o quarto e o quinto e último capítulo. No quarto capítulo estão inclusas as estratégias de análise sobre a construção do perfil do Guarda-parque e em que medida as verbalizações obtidas durante a realização da pesquisa de campo mostram a necessidade de um corpo efetivo de profissionais que atuem na proteção dos valores ambientais e

culturais do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros. Esta contextualização da gênese de formação do perfil do Guarda-parque é um esforço fundamental para explicarmos como foi empreendido o processo de construção dos quadros de análise, que deram origem às análises presentes neste trabalho de pesquisa. E por fim, no quinto capítulo encontram-se as discussões propostas em torno dos resultados obtidos.

O instrumento de coleta de dados (Apêndice B) foi composto por duas partes. Uma primeira, que trata da identificação dos valores presentes no Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros e a identificação dos principais problemas e ameaças; e uma segunda parte composta pela identificação da proteção aplicada em relação à identificação de uma figura de proteção em campo e sua ligação com a sensação de segurança presente. A primeira parte foi formada por um bloco de cinco questões, que versavam sobre a representação do parque e os problemas e ameaças, a partir da visão dos entrevistados. Continha ainda uma última questão que indagava sobre o que precisaria ser feito para que o parque se mantivesse protegido. A segunda parte continha seis questões que tratavam sobre critérios de proteção e preparação de profissionais específicos para atuarem na unidade, além de questões sobre a segurança do parque. As respostas corroboram com a hipótese levantada e apontam um quadro de mudança em curso, a partir da percepção dos entrevistados, que confirmaram a necessidade de implantação de um quadro de profissionais especialmente qualificados para atuar no PNCV, representado pela figura dos Guarda-parques.

A análise dos resultados foi realizada por meio da utilização da metodologia de Análise de Conteúdo. Também, foi desenvolvida uma análise de juizado (julgamento do conteúdo por três indivíduos selecionados) das 30 entrevistas em profundidade realizadas. As informações obtidas foram o fruto de 16 saídas de campo ao Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros e seu entorno, que deram origem a 141 páginas de áudio transcritas, analisadas em âmbito de juizado, compiladas e apresentadas como resultados. A partir da leitura deste capítulo, o leitor pode compreender como foi realizado o processo de obtenção de dados e a percepção dos atores pesquisados sobre a necessidade de contar com a figura dos Guarda-parques no PNCV. Por fim, chegamos à conclusão, com a realização de um balanço geral da pesquisa e dos principais resultados.

Desta forma, esta pesquisa visa não apenas analisar a necessidade de Guarda-parques para a proteção dos valores ambientais e culturais no Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros e seu perfil necessário, como também apresenta uma reflexão

acerca da situação dos Guarda-parques no Brasil e sua relação com a efetividade de proteção e manejo. Desta forma, entendemos ser fundamental que o universo das Ciências Florestais passe a contar com um acervo específico, reflexivo e crítico no que diz respeito aos estudos sobre o Guarda-parque como figura representativa da proteção dentro das UCs, a determinação de seu perfil e a discussão sobre a urgente necessidade do reconhecimento e inserção no contexto municipal, estadual e federal das Unidades de Conservação.

**PARTE II - AS AREAS PROTEGIDAS E AS UNIDADES
DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL, O PARQUE
NACIONAL DA CHAPADA DOS VEADEIROS E OS
GUARDA-PARQUES**

CAPÍTULO 2 – AS UNIDADES DE CONSERVAÇÃO E O PARQUE NACIONAL DA CHAPADA DOS VEADEIROS

As áreas protegidas são a solução mais eficiente para o homem tentar assegurar a disponibilidade presente e futura de serviços ambientais que o ajudam a garantir sua existência. Com as Áreas Protegidas, se pretende satisfazer intrínsecas necessidades humanas no plano material, espiritual e cultural. Estas, também detêm um valor incalculável para o conhecimento humano e aportam benefícios diretos e indiretos de ordem econômica, cultural e espiritual, gerando desenvolvimento local e nacional, formando parte da identidade e do patrimônio ambiental e cultural nacional.

As Áreas Protegidas tem sido historicamente vulneráveis, ante os impactos negativos das atividades e pressões humanas. Diariamente, inúmeros destes impactos decorrem da ineficiência das políticas públicas, de processos de gestão pouco eficientes que derivam em uma baixa efetividade de manejo e proteção. Muitas áreas protegidas têm visto seus atributos ambientais e culturais afetados seriamente e até trocada a sua categoria, por não ter uma gestão ativa efetiva e um quadro profissional de proteção de acordo com as necessidades. A escassa organização e planejamento, somada a uma clara falta de investimento e insuficiente pessoal de campo, torna a situação preocupante do ponto de vista da preservação e conservação ambiental. Para isso, implicitamente requerem muito cuidado e responsabilidade de suas instituições gestoras, para lograr que não desapareçam, percam qualidade e que definitivamente atendam aos objetivos que justificaram sua criação.

De alguma forma, as Áreas Protegidas são um específico e genuíno invento do homem, gerado em primeira instancia, para tentar atender às necessidades e fins humanos. As áreas protegidas em caráter de “invento humano” não se protegem “sozinhas” e dependem estrita e exclusivamente do especial cuidado de seu inventor e maior interessado. Parece razoável pensar que elas deveriam contar com uma desenvolvida e sólida proteção efetiva que oferecesse todas as garantias possíveis: presentes e futuras. E como não existem mecanismos efetivos para evitar que as áreas “não protegidas” formalmente sejam usufruídas abertamente para fins humanos, a sobrevivência da natureza exclusivamente nos parques é quase inevitável (TERBORGH, SCHAIK, 2002). Apesar que 13% da superfície terrestre esteja dedicada para a conservação, apenas a metade desse valor conta com efetiva proteção (FISCHER, 2008). Mesmo se todas as áreas protegidas fossem bem manejadas, a humanidade ainda

teria acesso direto aos 90% restante da terra e seus recursos naturais. E como os interesses humanos sempre estão em primeiro lugar, essa pequena porção dedicada a proteger a biodiversidade deve ser vigorosamente defendida (FISCHER, 2008). Assim, os que se esforçam para conservar a biodiversidade do planeta estão envolvidos em uma luta contra o tempo (TERBORGH, 2002).

Proteger a diversidade biológica é uma questão estratégica para a toda a humanidade, pela relevância dos inúmeros serviços ambientais e econômicos providos pela natureza (GANEM, 2011). Nessa linha de pensamento, Alan Moore (1993) afirma:

Protegemos para a conservação dos recursos naturais, culturais, históricos e arqueológicos; para a regulação ambiental, incluindo a proteção das bacias hidrográficas que nos provêm (abastecem) de água; a conservação do material genético e a perpetuação da diversidade de espécies; para a recreação e turismo, lazer, excursões, reflexão, contemplação, belezas cênicas e benefícios econômicos; para facilitar a educação e a pesquisa; para o conhecimento e benefícios científicos que obteremos dos recursos. Um dos propósitos básicos das áreas silvestres é a de protegê-las. É um conceito integral à sua existência, porque não protegê-las geralmente implica em perdê-las (MOORE, 1993).

A Tabela 1 apresenta os valores presentes nas áreas protegidas, considerando: os valores naturais, culturais, a proteção da vida humana e os valores patrimoniais. Esta conceituação abrangente dos valores, ajuda a compreender a real dimensão das responsabilidades que o corpo de protetores tem no seu trabalho e a diversidade de qualificações, capacidades, destrezas e habilidades que devem ter para poder efetivar a proteção.

Tabela 1: Valores a serem protegidas nas Áreas Protegidas.

COMPOSIÇÃO	VALORES
Sistemas e componentes ambientais, diversidade biológica, espécies endêmicas, raras, em perigo, paisagens, valores paleontológicos.	VALORES NATURAIS
Elementos e sítios históricos, arqueológicos, valores etnológicos.	VALORES CULTURAIS
Visitantes (turistas, pesquisadores, prestadores de serviço), funcionários.	VIDAS HUMANAS

Infraestruturas, meios de transporte, equipamentos e materiais.	VALORES PATRIMONIAIS
-----------------------------------------------------------------	----------------------

Fonte: Adaptado de Moore (1993).

Frequentemente, estes valores e suas particularidades de proteção são difíceis de perceber e compreender, não só pelos usuários das Áreas Protegidas e as comunidades vizinhas, também, pela própria entidade gestora e seus representantes, desestimando a importância do apoio das atividades de proteção e o recursos humanos necessários para atender o desafio.

As informações detalhadas na Tabela 2 descrevem as diferentes esferas de proteção nas áreas protegidas, detalhando, as principais ações de proteção e os ilícitos e condicionantes ambientais a enfrentar, em um contexto de multiplicidade e variabilidade dos problemas e ameaças.

Tabela 2: Descrição das diferentes esferas de proteção nas áreas protegidas

<p><u>Proteção dos recursos da área protegida das ações humanas</u> (coleta e amostras de espécies, caça e pesca furtiva, manipulação dos recursos biológicos, atividades madeireiras e garimpeiras ilegais, vandalismo, invasões, contaminação, etc.)</p>
<p><u>Proteção dos recursos diante dos fenômenos naturais</u> (catástrofes naturais, grandes tormentas, secas, incêndios, inundações, etc.)</p> <p><u>Proteção dos recursos diante de outros recursos da própria área protegida</u> (espécies invasoras, superpopulações, etc.)</p>
<p><u>Proteção de pessoas dos perigos e dos próprios recursos da área protegida</u> (ataques de fauna, condições climáticas adversas, reações alérgicas a determinadas espécies de plantas e animais, pessoas perdidas, etc.)</p>
<p><u>Proteção de pessoas da ação de outras pessoas</u> (perturbações, ataques, vandalismos, assaltos, tiroteios e outros delitos de um modo geral)</p>

Fonte: Elaboração do autor a partir de Moore (1993).

Os problemas e ameaças apresentados são comuns em várias áreas protegidas a nível mundial e desafiando a capacidade de proteção estabelecida pela gestão da área.

Considerando um provável cenário futuro de maior pressão humana, demanda pelos recursos naturais, contaminação e impactos provocados pelas mudanças climáticas, estas esferas, alvos de proteção e sua problemática, podem mudar drasticamente, acrescentando os desafios.

2.1 O surgimento das primeiras Unidades de Conservação no Brasil

De alguma forma, a base conceitual para a definição e instalação de unidades de conservação no Brasil, remete aos tempos do império (séculos XVIII e XIX), com as primeiras leis de proteção à vegetação nativa. Já em 1861 (DECISÃO Nº 577 – AGRICULTURA, COMÉRCIO E OBRAS PÚBLICAS) é criada a Floresta Nacional da Tijuca, desapropriando, por indenização, e imediatamente se geram instruções provisórias para o plantio e conservação das florestas da Tijuca e Paineiras, na governança do Imperador Dom Pedro II. A flamante “área protegida” tinha entre seus objetivos principais o cuidado das nascentes para garantir o abastecimento de água para a comunidade de Rio de Janeiro (proteção dos serviços ambientais). Os desmatamentos na área, causa dos majoritariamente pelas plantações de café na época, diminuíram a vazão dos rios que ali nasciam, o que ficou mais preocupante em períodos de seca prolongada e no período da chuva, prejudicando a comunidade com deslizamentos, barro e assoreamento dos corpos de água. Depois de ser criada e já no processo de recomposição e regeneração florestal, virou uma área de visitação, lazer e valorizada pelos seus efeitos terapêuticos e curativos (LORDEIRO, 2002). Em 1961, passou a ser chamada de Parque Nacional do Rio de Janeiro para mudar em 1967 para Parque Nacional da Tijuca. Já em 1991, o parque foi declarado pela UNESCO Patrimônio Natural da Humanidade e Reserva da Biosfera (DRUMMOND, 1998).

Posteriormente, ao final do século XIX, o Parque Estadual da Capital, outrora Parque Estadual da Cidade, foi criado em 1896 na cidade de São Paulo. E já no século XX, foi criado o primeiro parque nacional no Brasil (Parque Nacional Itatiaia) em 1937, e os de Iguaçu e Serra dos Órgãos em 1939 (PÁDUA, 1997).

Os estados de São Paulo, Minas Gerais, Paraná e Rio Grande do Sul foram pioneiros na criação de unidades de conservação e materializaram alguns parques estaduais nas décadas de 1940 e 1950. A maioria dos quase 180 parques estaduais existentes hoje foi criada a partir do início da década de 1980, ou seja, já havia unidades de conservação anteriores à constituição de 1988, mas estas só passaram

definitivamente a integrar o sistema de proteção após a Lei nº 9.985/00 que regulamentou o artigo 225, § 1º. Incisos I, II, III e IV, da Constituição Federal (BRASIL, 2000).

A Lei do Sistema Nacional de Unidade de Conservação (SNUC), nº 9.985 de 18 de Julho de 2000, e o Decreto 4.340/2002 instituem o Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC), que categoriza as unidades, voltado à conservação e formas de uso dos recursos ambientais. A legislação pretende entre seus objetivos, definir as Unidades de Conservação como espaços territoriais e seus recursos ambientais, incluindo as águas jurisdicionais, com as características naturais relevantes, legalmente criadas pelo Poder Público, com objetivos de conservação e limites definidos, sob regime especial de administração, ao qual se aplicam garantias adequadas de proteção (MMA, 2000).

Estes instrumentos legais consolidam discussões de mais de duas décadas entre membros de governos e sociedade, constituindo-se em marco fundamental para uma série de ações ainda em curso e que visam à consolidação de um verdadeiro sistema de unidades de conservação (BRASIL, 2009, p. 7).

No tocante ao planejamento das Unidades de Conservação (UC), o SNUC determina que seja necessária para a implantação de UC a elaboração de um instrumento específico de planejamento, intitulado Plano de Manejo. Tal instrumento é responsável pela definição dos objetivos gerais da Unidade de Conservação, o estabelecimento de seu zoneamento, as normas a serem aplicadas para os usos possíveis da área e o manejo dos recursos naturais (MMA, 2009). Contempla ainda a implantação das estruturas físicas necessárias à gestão da unidade e define as ações para um cenário futuro, relevantes em um diagnóstico ambiental.

Toda área sobre a qual incida uma determinação legal para a sua proteção é um espaço desta categoria, que tem sua existência amparada na Constituição Federal, e cuja área só pode ser diminuída ou extinta através de lei. As unidades de conservação se incluem entre esses espaços especialmente protegidos, mas não os esgotam (BARBOSA, 2008, p. 12).

Apesar da promulgação da lei do SNUC no ano 2000, ainda não foi possível para o Brasil administrar as UCs como um sistema integrado, nem cumprir satisfatoriamente com os objetivos nacionais de conservação propostos no artigo 4º do SNUC (ARAÚJO, 2012).

Apesar do significativo aumento no número e superfície protegida por UC no Brasil nos últimos anos, existem motivos para supor que este não seja suficiente para garantir a conservação de ecossistemas, espécies, populações e genes, que continuariam ameaçados pelos processos de destruição, fragmentação e isolamento de habitats, pela sobre-exploração de espécies de animais e plantas, por espécies exóticas, pela poluição e por mudanças climáticas (DRUMMOND; FRANCO, 2010).

2.2 A Situação de proteção das Unidades de Conservação no Brasil

Em muitos casos, os grandes problemas para a criação de Unidades de Conservação têm sido inferiores aos problemas de efetiva implementação e o estabelecimento de uma gestão ativa efetiva com a inerente montagem de um sistema de proteção operando ativamente. Nesse sentido, ainda hoje, muitas Unidades de Conservação se encontram “no papel”, com inexistente ou escasso pessoal capacitado para conduzir esta difícil tarefa. Apenas decretar uma porção do território nacional como UC não é suficiente para protegê-la. Por isso é importante aprimorar a gestão para que elas cumpram a missão para a qual foram criadas (ARAÚJO, CABRAL, MARQUES, 2012). Segundo Corte (1997), gerir uma determinada área, seja em seus aspectos físicos, bióticos, econômicos ou sociais, representa exercer um conjunto de ações administrativas e políticas para que, partindo de uma realidade atual, se possa atingir um novo cenário, segundo objetivos preestabelecidos e previamente planejados.

A proteção de áreas é entendida como ações de controle e orientação que assegurem o cumprimento dos objetivos de manejo estabelecidos para a área e ações tendentes a amortizar aquelas atividades humanas ou situações naturais que ameacem a segurança pessoal dos usuários (MOORE, 1993).

O Brasil possui o maior sistema de Áreas Protegidas no mundo, cobrindo aproximadamente 220 milhões de ha. Apesar do sistema ter se expandido muito rapidamente desde 1990 até a metade do ano 2000, muitas áreas têm sofrido com perda de status de proteção, reclassificação, recortes de dimensões e menores restrições legais para usos dentro da Unidade. Desde 2008 a 2012, 7,3 milhões de ha foram afetados principalmente por questões de geração e transmissão de eletricidade na Amazônia. A mudança das políticas se apoia, entre outras, nos problemas crônicos da falta de recursos financeiros, falta de pessoal, vigilância, disputas de posse de terras e lentidão da justiça (BERNARD, PENNA, ARAÚJO, 2014).

A gestão pública das UC não consegue construir, implementar e fortalecer uma séria estrutura de proteção em campo, que seja eficiente e sustentável, e que, minimamente, permita pensar racionalmente em alguma chance futura de poder cumprir com os objetivos de conservação das diferentes UC, transitando pela efetividade de manejo. As unidades de conservação criadas para proteção integral da biodiversidade devem transformar o que são frequentemente áreas não manejadas em entidades bem administradas que, efetivamente, conservem a biodiversidade (RYLANDS, BRANDON 2005).

Ate que ponto se deve continuar a investir em UC de papel, que envolvem perdas permanentes de qualidade ambiental e áreas inseguras para a visitação publica? Em consequência, é possível enumerar alguns dos problemas crônicos enfrentados nas UC brasileiras (Figura 1):



Figura 1: Principais problemas e desafios para a gestão de Unidades de Conservação no Brasil. Fonte: Elaborado pelo autor.

Os problemas de gestão das UC Brasileiras são variados, alguns deles críticos e crônicos, como à falta de pessoal na proteção e a efetividade de manejo. Em muitas UC é preocupante o baixo índice de efetividade, caracterizado, particularmente, por uma gestão inexistente ou deficiente, falta ou relativa aplicação de instrumentos de gestão,

falta ou insuficiência de atividades de controle e vigilância, falta ou insuficiência de pessoal de campo especialmente preparado para atingir os distintos objetivos de Conservação. Nesse contexto é importante compreender, também, que as Unidades de Conservação não são territórios isolados e que é vital a interação com as áreas vizinhas e suas comunidades locais para a consecução dos objetivos, particularmente, na participação cidadã na proteção das UC.

As UC federais e estaduais apresentam um quadro financeiro deficitário, com a maioria do orçamento dedicado a cobrir despesas correntes do pessoal, restando para outros investimentos (MARQUES, 2012)

2.3 O Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros (PNCV)

O bioma Cerrado é o segundo em extensão territorial do Brasil, ocupando 23,92% do país. Sua área principal encontra-se na região central brasileira, embora existam áreas de Cerrado na região Amazônica, além de outros pontos do Nordeste, Sudeste e Sul do país. Ainda que o Cerrado esteja inserido no grupo das formações savânicas globais, é único com composição florística própria, cujas origens remontam ao período Cretáceo (BRASIL, 2009).

O Plano de Manejo do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros (PNCV) atesta para a área de distribuição geográfica em que o Cerrado está inserido, com planícies e regiões montanhosas, e altitudes de até cerca de 1.600 metros. Sua importância, em termos de biodiversidade, vem sendo cada vez mais destacada em função das diferentes fitofisionomias existentes no bioma, da conservação de recursos genéticos próprios e dos processos ecológicos únicos, em especial a resistência da vegetação à acidez e aos teores de alumínio presentes no solo. Todos estes fatores levaram a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura - UNESCO a reconhecer regiões de Cerrado como Reserva da Biosfera (BRASIL, 2009).

O Cerrado ocupa áreas dos estados de Goiás, Tocantins e o Distrito Federal, e parte dos estados da Bahia, Ceará, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Piauí, Rondônia e São Paulo. Existem, ainda, algumas partes de cerrado na Amazônia, na Caatinga, na Mata Atlântica, e no Pantanal. As incrustações do cerrado nos outros quatro biomas nos permitem perceber uma retração de sua área em função do avanço dos demais biomas (BRASIL, 2009).

O bioma Cerrado tem uma importância estratégica por sua localização no Planalto Central do Brasil. Interliga quase todos os biomas brasileiros, com exceção dos ecossistemas costeiros e marinhos e dos pampas gaúchos. Contempla mais de 2.000.000 km² e ocorre em altitudes que variam de 300m, como na baixada Cuiabana (MT), a mais de 1.600m, na Chapada dos Veadeiros (GO) (RIBEIRO, 2005).

Suas estações climáticas são nitidamente diferentes, com um inverno seco e um verão quente e úmido. A precipitação média anual de 1.500mm varia entre 750 e 2.000mm. A estação chuvosa concentra-se entre os meses de outubro a março e a temperatura média do mês mais frio é superior a 18°C (RIBEIRO, 2005). O clima se torna mais ameno ao sul do bioma e nos locais mais altos da região central, acima de 1.200m de altitude, com acentuação de baixas temperaturas no auge do inverno, entre os meses de junho e julho, como ocorre no Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros.

2.3.1 Caracterização do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros (PNCV)

Criado com base no Decreto nº 49.875, de 11 de janeiro de 1961, o PNCV é uma Unidade de Conservação de proteção integral que apresenta como principais atividades conflitantes a caça, queimadas, abertura de estradas, propriedades sem regularização fundiária, desmatamento, visitação em locais não autorizados, especulação imobiliária e atividades de mineração (MMA, 2009).

Segundo o Plano de Manejo proposto em 2009 pelo Ministério do Meio Ambiente (MMA/ ICMBIO), a unidade de conservação objeto deste estudo pertence à categoria de Parque Nacional (PN), a qual, segundo o SNUC, tem como objetivo a preservação de ecossistemas naturais de grande relevância ecológica e beleza cênica, possibilitando a realização de pesquisas científicas e o desenvolvimento de atividades de educação e interpretação ambiental, de recreação em contato com a natureza e de turismo ecológico.

Com área de 65.514,00 hectares, localiza-se na região da Chapada dos Veadeiros, no nordeste do estado de Goiás entre os municípios de Alto Paraíso de Goiás, Cavalcante, Colinas do Sul e Teresina de Goiás. É considerado a maior área de conservação ambiental e o mais importante atrativo eco turístico da região (MMA, 2009). O Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros fica a 260 km de Brasília (DF) e a 480 km de Goiânia, Goiás, como apresenta a Figura 2.

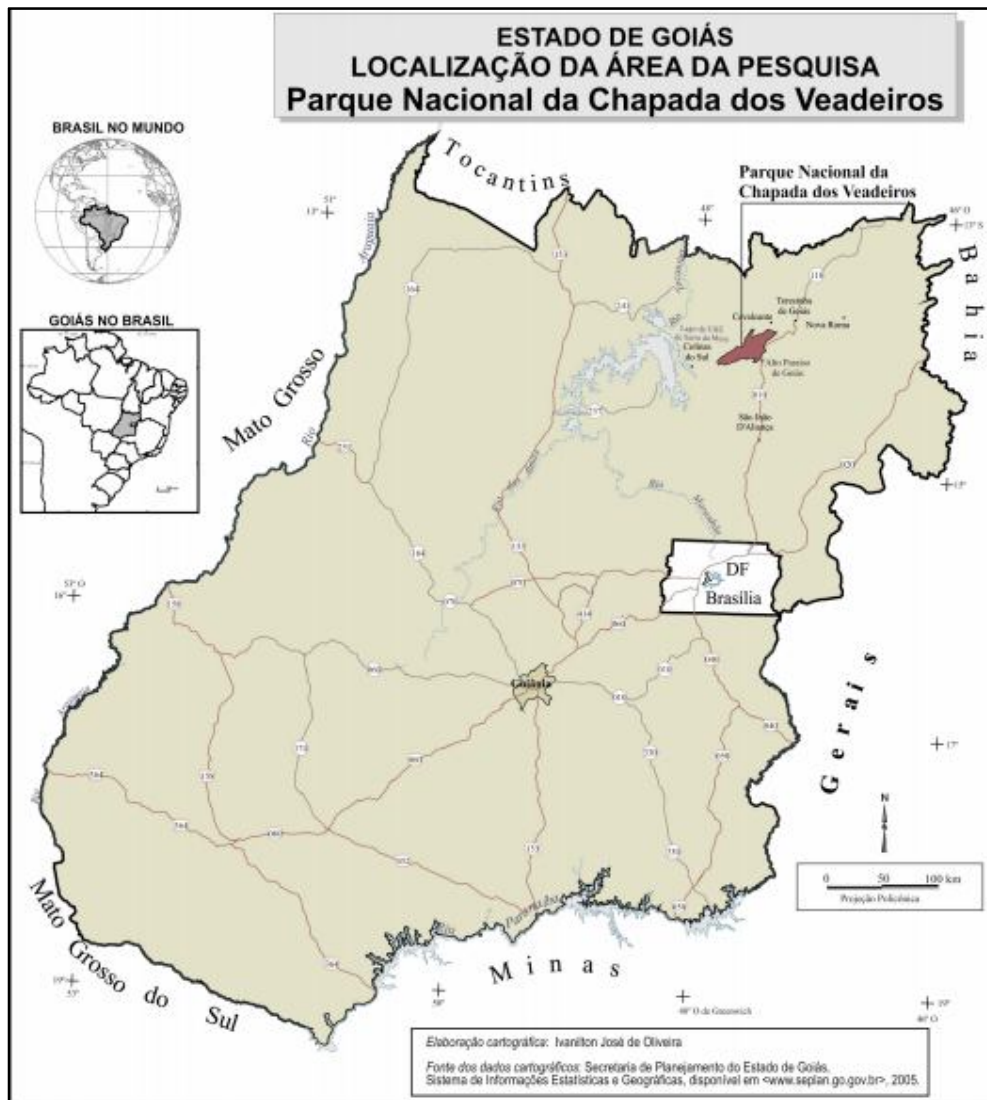


Figura 2: Localização do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros.
 Fonte: Ivanilton José de Oliveira(SEPLAN/GO).

O Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros integra um conjunto de 11 unidades, criadas entre 1959 e 1961, que, de forma inédita, incidu sobre trechos remotos do interior brasileiro, que à época faziam parte da política de interiorização político-administrativa, então em voga pela construção de Brasília e incluiu as primeiras unidades de conservação a proteger em trechos do bioma Cerrado, juntamente com os Parques Nacionais das Emas, do Araguaia e de Brasília (MMA, 2009).

Possui fitofisionomias com maior representatividade pelas formações savânicas estacionais campestres (campo rupestre, campo limpo e campo sujo) e porções de cerrado sentido restrito (denso, rupestre e ralo). Ocorrem formações florestais ladeadas

por campos úmidos substituídos por áreas permanentemente alagadas, com a presença de Buritis (vereda). Esse padrão apresenta imensa variedade de fisionomias (RIBEIRO *et al.*, 1983). Ademais, abriga uma grande diversidade de flora e fauna, que inclui espécies endêmicas para o bioma cerrado, espécies raras e ameaçadas de extinção (MMA, 2009).

O PNCV foi declarado Patrimônio Mundial Natural, em 2001, pela UNESCO e constitui uma das áreas-núcleo da Reserva da Biosfera do Cerrado. Representa uma das áreas mais importantes de conservação do Planalto Central do Brasil e o maior atrativo ecoturístico da região (ROCKTAESCHEL, 2003). É um dos parques com uma das maiores visibilidades do país e geração de benefícios econômicos, educativos e ambientais para a comunidade e o entorno.

Até o momento, o parque é uma das 313 Unidades de Conservação existentes no país sob a gestão do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), sendo este o responsável pelas iniciativas dentro do local.

Segundo Ortiz (2013), a taxa de visitação anual do PNCV é de cerca de 22 mil¹ turistas devido à possibilidade de se visitar cachoeiras, fazer trilhas e acampar na região.

Define-se por chapada qualquer região de plano horizontal que esteja a mais de 600 metros de altura. Além disso, quanto à sua formação rochosa característica, é comum a presença de arenitos - tipos de rochas com baixa resistência à erosão, sendo os quartzitos a maior parte da constituição do terreno da área do parque (GUERRA, 1987)

O relevo do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros é caracterizado por planícies e planaltos, incluindo serras e chapadas que dividem as bacias dos Rios Paraná e Maranhão. Seu principal rio é o Rio Preto, mas o PNCV também abriga afluentes dos rios da Pedra e do São Miguel. Ademais, possui as nascentes de rios como Montes Claros (ao Norte), das Cobras e parte do rio dos Couros (MMA, 2013).

Antes de se tornar um atrativo turístico, a região, chamada de Parque Nacional Tocantins, era povoada especialmente por garimpeiros, que vinham de todo o país à procura de pedras e metais preciosos (ROCKTAESCHEL, 2003). Devido à alta concentração de minerais com ênfase para o cristal, a região passou a atrair visitantes com interesse no cristal de rocha, atribuindo-lhe significados múltiplos, inclusive místicos. Ainda assim, apesar da exploração e das consequências do garimpo, a região

¹ORTIZ, Fabíola. *Chapada dos Veadeiros inaugura primeira travessia com pernoite*. Portal O Eco, 2013. Conteúdo disponível em: <<http://www.oeco.org.br/noticias/27300-chapada-dos-veadeiros-inaugura-primeira-travessia-com-pernoite>>. Acesso em Out., 2013.

abriga paisagens e recursos que atraem visitantes. Este fato permitiu que o trabalho garimpeiro fosse praticamente extinto, fazendo com que, hoje, a principal atividade econômica do local seja embasada no turismo e na visitação (MMA, 2013).

Mesmo com o desaparecimento quase que total do garimpo, o Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros ainda enfrenta problemas relacionados a incêndios, caça, contaminação, destruição, entre outros. Devido a estes e outros problemas, é necessária a permanente presença de responsáveis protetores da área, em qualidade e quantidade.

Considerando que o PNCV possui mais de 60% das espécies da flora e 80% da fauna de todo o Cerrado, parece sensato pensar que deve existir uma busca permanente pela efetividade de manejo e honrar os compromissos de proteção internacional assumidos, ²conforme decisão da Unesco, por meio do Comitê Gestor de Proteção de Áreas do Cerrado (2013), ou pela sigla em inglês: “Cerrado ProtectedAreas: Chapada dos Veadeiros and Emas National Parks”.

2.3.2 Os recursos humanos que protegem o Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros (PNCV)

Na Tabela 3 são apresentadas informações públicas correspondentes ao Cadastro Nacional de Unidades de Conservação do MMA (Relatório Parametrizado – Unidades de Conservação) onde se oferecem dados relativos aos recursos humanos que possui o Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros.

Tabela 3: Recursos Humanos efetivos no Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros.

														Recursos Humanos	
														Ano 2012	
Total							Atividade Fim							Atividade Meio	Regime trabalhista
	Dout.	Mest.	Esp.	Sup.	Méd.	Fund.	Dout.	Mest.	Esp.	Sup.	Méd.	Fund.			
5	0	2	0	3	0	0	0	0	0	0	0	0	Efetivo		
7	0	0	0	0	0	5	0	0	0	0	2	0	Terceirizado		
12													Total Anual		

Fonte: Relatório Parametrizado de Unidades de Conservação - Cadastro Nacional de Unidades de Conservação (2014).

² UNESCO, 2013. *Committee Decisions. 25COMX.A. Cerrado ProtectedAreas: Chapada dos Veadeiros and Emas National Parks (Brazil)*. Conteúdo disponível em: <http://whc.unesco.org/en/decisions/2320/>. Acesso em Nov. 2013.

Segundo os dados obtidos em 2012, são responsáveis por todas as atividades administrativas e operacionais do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros, de forma efetiva, cinco Analistas Ambientais do ICMBio, que possuem curso superior completo. Dois deles, com o título de mestre.

Outras sete pessoas trabalham de forma terceirizada por contrato, no qual, cinco pessoas contam com ensino fundamental e duas possuem ensino médio, totalizando 12 pessoas ao todo. Considerando que o parque tem 65.514 ha para cuidar, cada pessoa deve proteger aproximadamente 5.459 ha. Assim, cada funcionário efetivo deve proteger 13.102 ha.

Fora do universo oficial dos recursos humanos que apresenta o parque, existem brigadistas e guardas patrimoniais que auxiliam nos trabalhos cotidianos de prevenção e combate a incêndios e no cuidado do patrimônio físico (moradias, sede, centro de visitantes e outras infraestruturas).

Segundo o Plano de Manejo do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros, apesar dos concursos para analistas ambientais recentemente realizados, notadamente as UC continuam com enorme carência de recursos humanos. O número de servidores permanentes lotados no Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros é insuficiente para garantir seu funcionamento satisfatório, principalmente se forem considerados os seus aspectos físicos (extensão, características geomorfológicas, dificuldade de acesso, entre outros), bem como os aspectos de funcionamento, que exigem, por exemplo, funcionários para o controle da visitação nos finais de semana e feriados.

Dentro da estrutura administrativa do PNCV existe uma Coordenação de Proteção e Manejo composta por apenas um analista ambiental, que acumula funções relativas à fiscalização, realização de vistorias, monitoramento de pesquisas e prevenção e combate aos incêndios nas estações secas. Nesses períodos, 20 pessoas das comunidades do entorno são temporariamente contratadas e treinadas pelo PREVFOGO para composição da brigada de incêndios (BRASIL, 2009).

O PNCV possui alguns postos de controle e vigilância operados por Guardas patrimoniais durante todo o ano, em regime de escala. Contratualmente, eles efetuam funções relativas só ao cuidado do patrimônio. Ainda assim, alguns deles participam de outras funções como as de combate a incêndios por gosto pessoal e vocação de serviço. Da mesma forma, aparece a função do Brigadista, na qual alguns participam em tarefas de manutenção de trilhas, controle de turistas, retiro de lixo, resgates e outras.

Tanto Brigadistas quanto Guardas patrimoniais tem como missão, acionar, responsabilidades e competências bem delimitadas nos contratos de trabalho que assinam com as entidades contratantes. E até o processo seletivo é bem definido e apresenta diversos filtros para a seleção dos candidatos ideais. Ainda assim, estes processos apresentam diferenças importantes em conhecimentos, destrezas e habilidades que seriam exigidos aos Guarda-parques. Um fator determinante são as horas mínimas de curso que requer cada perfil. Para os Guarda-parques são requeridas um mínimo de 160 horas/aula com conteúdo prático e teórico (ACT Brasil, 2009).

A aplicação da lei com a existência de Guarda-parques em quantidade suficiente tem como resultado uma maior eficiência de proteção da biodiversidade nas áreas protegidas (Bruner et al., 2001).

Segundo o Plano de Manejo do PNCV (2009), a falta de pessoal para a ocupação dos quatro postos destinados à fiscalização condicionava as instalações a ações de vandalismo e saques. Atualmente, não existe uma rotina sistemática de fiscalização, principalmente em função da carência de recursos humanos. As rondas no PNCV são realizadas conforme os relatórios ou registros de infrações notificados pela chefia da Unidade. Além disso, as vias no interior do Parque são poucas e de condições precárias, dificultando o acesso às áreas onde se requer maior fiscalização.

A proteção das Unidades de Conservação e particularmente a proteção dos Parques Nacionais envolve um importante desafio profissional para os funcionários e suas instituições empregadoras para poder cumprir os objetivos de manejo com a maior efetividade possível. Nesse sentido, parece evidente a necessidade de contar com um perfil de funcionário que consiga atender todas as exigências que demanda a proteção integral de um parque nacional. Assim, no seguinte capítulo “O Guarda-parque”, serão abordadas as questões relativas da profissão, caracterização, papéis, competências e situação dos Guarda-parques no Brasil.

CAPÍTULO 3 - O GUARDA-PARQUE

Ao longo da história, diferentes grupos humanos tiveram que fazer algum tipo de manejo e proteção dos recursos naturais e culturais associados para poder assegurar a sua subsistência, aplicando desta forma, medidas específicas de proteção (MILLER, 1997).

Nesse sentido, considerando a necessidade de disponibilidade em quantidade e qualidade dos recursos, suas ameaças inerentes e seu principal usuário e interessado na proteção (o homem), podemos afirmar que sempre existiu alguma pessoa encarregada de efetivar esse manejo e proteção em um sítio delimitado, com algum tipo de planejamento, seguimento, estratégias e regras específicas a serem cumpridas. Portanto, eis aqui as raízes ancestrais das funções básicas dos Guarda-parques.

Como as áreas protegidas são um produto cultural humano destinado a tentar atender às necessidades humanas e manter a qualidade de vida, é razoável que elas sejam devidamente gerenciadas e protegidas pelos seus inventores e principais interessados. Assim, as funções básicas de um Guarda-parque devem ter surgido no momento exato de tentar manejar a primeira área protegida.

Nos Estados Unidos existem uma série de questionamentos e debates sobre qual foi o primeiro Parque Nacional ou Área Protegida (Yosemite ou Yellowstone) e ainda sobre o primeiro Guarda-parque. Alguns acreditam que foi Galen Clark (nascido em 21 de maio de 1866) a primeira pessoa formalmente nomeada e paga, para proteger e administrar Yosemite (responsabilidade desenvolvida por 24 anos). Outros, ao contrário, acreditam que foi Harry Yount, que trabalhava como Guarda-parque no Parque Nacional de Yellowstone durante 1880-1881. Nesse sentido, ele informava em um relatório, que era impossível para um homem só, fazer o patrulhamento do parque. Assim, ele insistiu para a formação de um corpo de Guarda-parques (FARABEE, 2003; ALBRIGHT; TAYLOR, 1929)

Harry Yount do Parque Nacional do Yellowstone foi o pai do serviço de Guarda-parques e o primeiro Guarda-parque a nível nacional (ALBRIGHT; TAYLOR, 1929).

3.1 O que é um Guarda-parque

Ao longo do planeta, do tempo e das culturas, vários nomes foram e são dados para descrever e caracterizar as mesmas “funções” desenvolvidas nas Áreas Protegidas pelos seus protetores.

A palavra “Ranger” ou “Park Ranger” tem a sua tradução literal e funcional na palavra “Guarda-parque” ou “Guarda-florestal”. O termo “Ranger” começou a ser utilizado na Inglaterra do século XIV, aparecendo primeiramente na carta da Floresta, normativa de 1217 e posteriormente foi ressuscitada do Britânico antigo pelos norte-americanos no século XIX e XX (COZ, 1905).

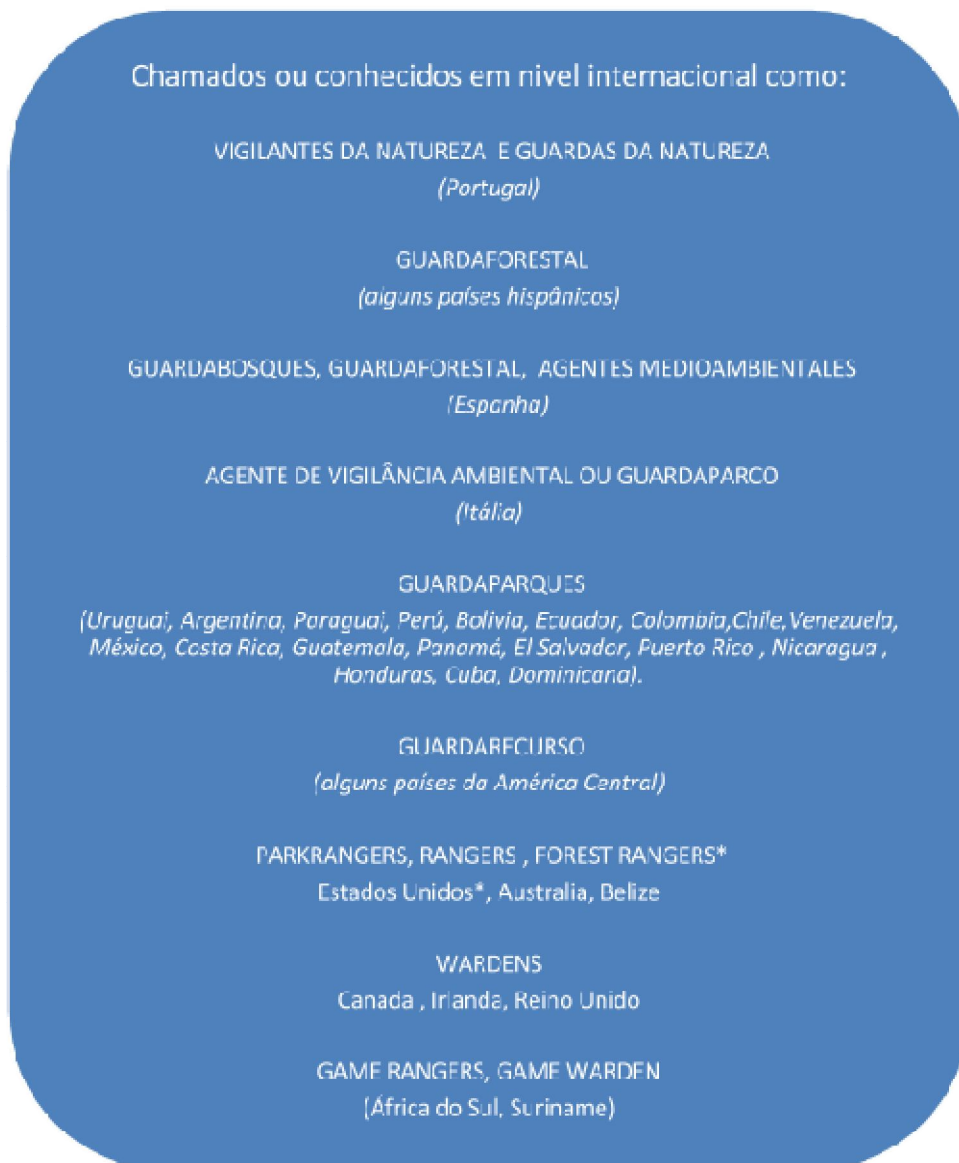
O termo “Ranger”, está associado a “regardadores” (palavra latina). “Regard” era um termo que significava fazer uma inspeção na floresta. Os “regardadores” eram funcionários com amplas habilidades e alcances que trabalhavam no campo fazendo cumprir a normativa das florestas reais, impondo a lei e a ordem contra a caça furtiva e outros ilícitos.

Os “Rangers” eram funcionários especialmente contratados ao serviço da coroa real para fazer cumprir o Código Florestal vigente com a função de patrulhar e proteger as Florestas Reais na Inglaterra medieval. O significado ou entendimento da palavra “Ranger” dava a ideia que o funcionário tinha um “amplo escopo de conhecimentos” e percorria e tomava conta de uma área grande. Montados em cavalos, recorriam o interior aplicando localmente a lei e a ordem em contra da caçaria furtiva. Suas funções protetoras e conservacionistas incluíam o patrulhamento nas florestas e campos, negociação de acordos para a venda de madeira, combate de caçadores ilegais e captura de bandidos que se ocultavam nas florestas. Os “Rangers”, contavam com muito respeito das comunidades locais, recebiam títulos de nobreza, atuavam localmente como árbitros e advogados e recebiam bons salários que permitiam uma vida digna por cima da média (COZ, 1905).

Para a maior parte dos Latino-americanos, as “funções” de proteção nas áreas protegidas se materializam na palavra “Guarda-parque”. Ainda assim, outras denominações para a mesma função também são utilizadas, como Guarda-recursos, Guarda-fauna, Guardas florestais, Guardas ambientais, Vigilantes da natureza, dentre outras. Mas, na essência encontram-se as mesmas características (BARRETO, 2009; FIGUEIROA & FLORIANI, 2012, IRF 2014).

Países e instituições usam nomes diferentes para a mesma função/posição no cuidado de um área protegida. Por exemplo, “Ranger” é o termo preferido nos Estados Unidos, Austrália e Belize. O Serviço Florestal dos EUA refere-se a posição de Guarda-Florestal (Forest Ranger). O serviço de parques nacionais dos Estados Unidos (National Park Service) refere-se a posição e nome de Guarda-parques (Park -Ranger), conforme mostra o Quadro 1, que segue.

Quadro 1: Denominações internacionais sobre os Guarda-parques.



Fonte: Elaborado pelo autor a partir de IRF (2014).

Chamados de diferentes formas a nível mundial eles se reconhecem automaticamente ao momento da definição do local de trabalho e as funções que desenvolvem nele. Em definitiva, o que nucleia as centenas de formas que se denominam aos Guarda-parques é a função e o local onde prestam seus serviços: “As áreas protegidas”.

A Federação Internacional de Guarda-parques (FIG) define ao Guarda-parque como: “a pessoa envolvida nas práticas de preservação e proteção de todos os aspectos das áreas selvagens, históricas ou sítios culturais. Os Guarda-parques propiciam oportunidades recreativas e interpretação de sítios, enquanto promovem relações entre as comunidades locais, as Áreas Protegidas e a administração da área”. O Guarda-parque pode ser um educador, ecologista, biólogo, professor, técnico, ou simplesmente alguém que se aproxima da natureza e atua em prol das áreas protegidas.

Já o Serviço de Parques Nacionais da Costa Rica define os Guarda-parques como: “o funcionário encarregado de velar pela proteção e segurança dos recursos presentes em uma Área de Conservação de acordo com a legislação vigente” (MOORE, 1993). Os Guarda-parques são peças primordiais nas unidades de conservação, são a pedra angular (SMITH, 2003).

Segundo a Associação Brasileira de Guarda-parques (ABG), “os Guarda-parques são a principal ferramenta de gestão para as unidades de conservação; são os profissionais preparados e capacitados para o trabalho dentro das áreas, executando atividades de conservação e preservação dos recursos naturais e culturais de um determinado local. Eles são o elo fundamental entre as políticas públicas e as comunidades locais das unidades de conservação onde eles desempenham seu trabalho”.

“Os Guarda-parque são os embaixadores da sua área para as populações locais e visitantes” (SMITH, 2003). Esse profissional é geralmente o primeiro a perceber mudanças nos padrões dos visitantes, nas atitudes da população local com relação ao uso da área ou dos próprios recursos. Ele é “os olhos e os ouvidos do manejo das áreas protegidas”, “é quem enfrenta os problemas em campo e procura soluções”.

Muitas vezes, os Guarda-parques enfrentam os desafios de tentar proteger os valores ambientais e culturais e as vidas humanas nas piores condições possíveis ao redor do planeta. Seja em regiões de montanha, socorrendo visitantes ou trabalhando sob tempestades, ou em áreas isoladas ou em áreas de conflito armado e tráfico. Às vezes é o único presente no local e na ação. Às vezes, é o único representante

governamental presente que se articula com as comunidades locais e tenta achar as soluções. Dentre as competências exercidas pelo Guarda-parque, não existe uniformidade nas atribuições da profissão nos entes federativos nacionais pesquisados (FIGUEIROA & FLORIANI, 2012, p. 3).

3.2 Perfil e competências dos Guarda-parques

O Guarda-parque é uma pessoa especialmente capacitada para desenvolver a proteção integral dos valores naturais e culturais dentro das áreas protegidas constituídas legalmente; participando e articulando todas as atividades que ali se desenvolvem. Ele promove o desenvolvimento sustentável e o uso consciente dos recursos naturais; atua como mediador de conflitos; protege e valoriza os sítios históricos e culturais; desenvolve a interpretação ambiental, realizando atividades de manutenção e segurança dos valores patrimoniais, trabalhando com e para a comunidade do entorno.

Tem como função principal a de proteger, monitorar e detectar atividades ilegais, para, desta forma, informar e ativar as autoridades competentes. O Guarda-parque também orienta, sensibiliza e participa do processo de educação ambiental das comunidades do entorno, na medida em que desenvolve e participa de atividades de monitoramento e investigação. O Guarda-parque é um profissional exclusivo das Áreas Naturais Protegidas e tem atribuições específicas, funções e responsabilidades.

O Guarda-parque, diferentemente de outros profissionais, não é um fiscal ambiental, nem tampouco um militar. Geralmente, é um civil com base vocacional, interessado em contribuir com a conservação e proteção dos valores ambientais e culturais da região onde mora e, para tanto, tem sua preparação direcionada especificamente para as Áreas de Conservação.

Portanto, não se vale das mesmas atribuições regulamentadas pelo poder de polícia que, em termos legais, dá autoridade aos agentes governamentais de realizarem serviços de registro, fiscalização ou expedição de algum ato. Esse profissional não faz uso de qualquer tipo de arma e sua tarefa é a de alertar eventuais irregularidades às autoridades competentes. A presença de Guarda-parques é essencial e indissociável às áreas protegidas. Por própria definição da profissão, ele é “a pessoa envolvida nas

práticas de preservação e proteção de todos os aspectos das áreas selvagens, históricas ou sítios culturais” (SMITH, 2003).

Eles devem possuir uma boa preparação interdisciplinar, que possa garantir o cumprimento de atividades de Proteção, Pesquisa, Monitoramento, Educação Ambiental, Trabalho Comunitário e Relacionamento com o Público. Protegem os recursos naturais, visitantes e o patrimônio institucional. Oferecem segurança, desenvolvem e participam de pesquisas, monitoram o estado e a evolução de fenômenos naturais, educam o público e as comunidades vizinhas, desenvolvem atividades de relações públicas no local. São eles que atendem às reclamações e expectativas de visitantes. São a “cara visível” da instituição local.

A Figura 4 apresenta os pilares da proteção que se desenvolve no contexto das áreas protegidas a partir da existência e cumprimento da legislação vigente, as atividades de educação e interpretação ambiental e as atividades de prevenção e controle articulada através do patrulhamento e vigilância, de acordo com a Figura 3.



Figura 3: Triângulo de proteção nas Áreas Protegidas.
Fonte: Adaptado de MOORE (2003)

O triângulo de proteção nas áreas protegidas se apóia plenamente nas funções específicas e profissionais que os Guarda-parques desenvolvem nas suas jornadas de trabalho. E claro, sua correta concepção e articulação determinará o sucesso final. Assim, caberá ao Guarda-parque, conhecer a legislação vigente relacionada com a conservação da área e seus valores, mas fazê-la cumprir corretamente em toda situação e momento. Deverá dominar e articular diversas técnicas de interpretação e transmissão de conhecimentos, promovendo a mudança de conduta dos usuários e o fortalecimento do conhecimento ambiental. Possivelmente, esta seja uma das funções chaves e principais que serão mais necessárias e terão maior desenvolvimento como função específica. Particularmente, em parques nacionais. Completando o triângulo, se encontram as funções de prevenção e controle de ilícitos dentro da unidade. O Guarda-parque deverá contar com muita preparação, experiência e condições pessoais favoráveis para desenvolver estas atividades. Sensivelmente, com maior risco de vida.

Os Guarda-parques podem contar com diferentes bases de experiência previa, conhecimentos, habilidades, destrezas e formação específica. Alguns são nativos da região, habitantes e vizinhos das áreas protegidas. Contam com seu conhecimento empírico sobre a natureza, uso e manejo dos recursos naturais, possuem habilidades e destrezas das artes de campo como background principal. Outros, também contam com estudos primários e secundários e possuem formação básica como Guarda-parques. Este segmento geralmente conforma os chamados “Guarda-parques de campo”. Outro perfil é o Guarda-parque profissional, possivelmente o mais escasso e necessário em muitas áreas protegidas no mundo, particularmente, em Latino-américa. Eles contam com alguma formação e cursos específicos na área, que permitem desenvolver atividades diferenciadas, além daquelas básicas de campo, quase obrigatórias e não menos importantes. Em outro escalão, encontram-se os Guarda-parques em “nível mestre”, aqueles com estudos de pós-graduação, diretores de parques com mais de 20 anos na gestão ativa de áreas protegidas. Com grandes responsabilidades, devendo gerenciar um diverso e importante contingente humano, manejando elevados orçamentos e articulando complexas estratégias de planejamento e gestão. Mas, de alguma forma, a função de Guarda-parque permite e requer: ter, conhecer e aplicar os desdobramentos de várias profissões, por vezes simultânea ou complementarmente.

Segundo a Federação Internacional de Guarda-parques (FIG) e (SMITH, 2003), existem três níveis de Guarda-parques em relação à suas funções, formação e competências:

Guarda-parque Mestre

(nível mestre ou superior, de extensa experiência em gestão de Áreas Protegidas)

Guarda-parque Profissional

(de alta performance ou competência)

Guarda-parque Junior/Novato

(recém formado, nível básico, concebido na figura
do Guarda-parque de campo)

O Guarda-parque tem um papel primordial de educador ambiental e de intérprete dos valores naturais e culturais da região, oferecendo também, serviços de primeiros socorros, busca e resgate. Em alguns países, um profissional como este tem responsabilidades obrigatórias baseadas na normativa oficial. O Guarda-parque é também encarregado de gerar relatórios para seus supervisores, analisando as condições de sua área de responsabilidade. Em alguns casos, envolvem-se em guerras civis e conflitos, com alto impacto para as áreas protegidas (SMITH, 2003).

Dentre suas funções, está o compartilhamento de informações sobre a área protegida, por meio de mensagens e histórias relevantes de cada localidade; o conhecimento sobre o público-alvo e o desenvolvimento de projetos e programas que respeitem a biodiversidade do local; a aplicação de técnicas de comunicação efetiva, mantendo ideias relevantes e a consequente avaliação de resultados; a possibilidade de proporcionar oportunidades para que o público se envolva com a área protegida; o reconhecimento sobre ações, ensinamentos e práticas para ensinar o significado do local.

Uma questão relevante é que o trabalho de identificação de funções e atribuições depende do contexto regional de cada país, que vai atuar em definições específicas do labor dos profissionais com foco nas necessidades de cada unidade de conservação, a partir de seu equilíbrio estatal e nos diferentes graus de maturidade e gestão (CHAGAS, 2013).

Os Guarda-parques podem trabalhar em nível municipal, estadual, nacional e internacional em diferentes Áreas Protegidas públicas ou privadas, tanto em áreas marinhas, insulares ou em terra firme. Sejam elas:

- Áreas Indígenas
- Reserva da Biosfera
- Sítios de Patrimônio Mundial / Sítios Ramsar
- Unidades de Conservação de Proteção Integral (Reservas Biológicas, Estações Ecológicas, Parques Nacionais, Monumento Natural, Refúgio de Vida Silvestre)
- Unidades de Conservação de Uso Sustentável (Área de Proteção Ambiental, Área de Relevante Interesse Ecológico, Floresta Nacional, Reserva Extrativista, Reserva de Fauna, Reserva de Desenvolvimento Sustentável, Reserva Particular do Patrimônio Natural Proteção Integral)
- Áreas protegidas privadas (muito desenvolvidas em alguns países)

3.3 A Federação Internacional de Guarda-parques

A Federação Internacional de Guarda-parques (FIG), ou em inglês International Ranger Federation (IRF) é uma organização sem fins lucrativos criada para sensibilizar, reconhecer e apoiar o trabalho fundamental que os Guarda-parques do mundo desenvolvem para conservar o patrimônio natural e cultural nas Áreas Protegidas.

Foi criada em 1992, mediante um acordo assinado entre a CountrySide Management Association (CMA), que representa os Guarda-parques de Inglaterra e País de Gales, a Schottisch CountrysideRangersAssociation (SCRA), que representa os Guarda-parques da Escócia e a US National Park Rangers (ANPR), que representa os Guarda-parques de Estados Unidos.

O objetivo do acordo era tentar gerar um fórum para os Guarda-parques de todo o mundo para compartilhar seus sucessos e fracassos na proteção do patrimônio

mundial e promover a transferência de tecnologia e informação a partir aqueles países onde o manejo das áreas protegidas conta com um amplo apoio público e governamental para os países em que a gestão das área protegidas é menos apoiada.

Mais de 63 associações de entidades nacionais, estaduais e territoriais de 46 países e de seis dos sete continentes, estão associados na FIG. Também, alguns Guarda-parques tem sua adesão provisória, enquanto tentam estabelecer associações de Guarda-parques em seus países.

O papel da FIG é fortalecer os Guarda-parques, apoiando as suas organizações nacionais ou estaduais ou auxiliar no estabelecimento de Associações locais de Guarda-parques nos países onde elas ainda não existam (IRF, 2014).

Segundo informações da Federação Internacional de Guarda-Parques, o Guarda-parque existe para:

- Fomentar os padrões profissionais de Guarda-parques no mundo todo.
- Promover os objetivos da União Internacional para a Conservação da Natureza (UICN).
- Compartilhar conhecimentos e recursos.
- Estabelecer comunicações globais entre as diversas organizações de Guarda-parques.
- Gerar intercâmbios profissionais entre Guarda-parques.
- Organizar reuniões internacionais regulares, incluindo um Congresso Mundial a cada 3 anos.
- Realizar atividades conjuntas para apoiar diretamente as operações de cada um, sempre que seja viável e necessário.
- Trabalhar com o nosso braço de caridade “The Thin Green Line Foundation” para treinar, equipar e dar apoio aos Guarda-parques e às viúvas dos Guarda-parques assassinados no cumprimento do dever
- Representar os interesses dos Guarda-parques por meio da cooperação estreita com outras organizações internacionais.

Há desde 2012 no Brasil, a Associação Brasileira de Guarda-parques (ABG), formalmente reconhecida como OSCIP e associada à Federação Internacional de Guarda-parques (FIG). A ABG tem como missão contribuir para a consolidação da imagem do Guarda-parque Brasileiro, valorizando sua importância no trabalho de proteção dos valores naturais e culturais nas distintas Áreas Protegidas; representando e defendendo o interesse do coletivo (ABG, 2014).

Seus objetivos institucionais contemplam:

- Promover a integridade, dignidade, bem-estar e segurança dos Guarda-parques dentro e fora das Áreas Protegidas em todo momento, espaço e situação.
- Incentivar o reconhecimento legal da profissão no país, para todas os grupos e categorias.
- Promover a permanente formação e qualificação profissional dos Guarda-parques para atingir melhores resultados no serviço, aumentar o nível segurança laboral, se adaptar aos desafios dos novos paradigmas.
- Fortalecer a participação ativa dos Guarda-parque em todos os processos de decisão dentro e fora das Áreas Protegidas.
- Promover o surgimento, coexistência e fortalecer as Associações Regionais e Estaduais de Guarda-parques.
- Aprimorar a participação e comunicação dos Guarda-parques Brasileiros.

Considerando o pioneirismo da formação da Associação de Guarda-parques do Amapá (AGPA) no ano 2008 e do reconhecimento por parte da FIG de uma Associação Indígena (APITIKATXI) como membro parte (FIG, 2014). Algumas outras Associações de Guarda-parques começam a aparecer no contexto estadual e federal Brasileiro. Estados como Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro, acabaram de criar as suas Associações de Guarda-parques (ABG, 2014).

3.4 O contexto dos Guarda-parques Brasileiros

Parece um pouco difícil determinar quem foi o primeiro “Guarda-parque” da historia moderna brasileira, mas a criação da Floresta da Tijuca (1861) gerou a nomeação de um encarregado (Maj. Gomes Archer) e seis ajudantes escravos (Eleutério, Leopoldo, Constantino, Manuel, Mateus e Maria) que, de alguma forma, compartilhavam seguramente, algumas funções básicas dos Guarda-parques, como o controle e vigilância do local, tarefas de manutenção de infraestrutura, monitoramento de recursos naturais, serviços de guia, recuperação de áreas degradadas e manejo de recursos naturais. Tanto o administrador, feitores e serventes eram investidos de

autoridade para prender e remeter à autoridade policial, quem fosse flagrado em delito.

Dentre os possíveis delitos, figurava infringir dano às árvores e até o ingresso na Floresta, mesmo que não fosse para caçar. As atividades de caça eram permitidas mediante a necessária portaria de licença. Assim, mais tarde, para poder atender ao enorme acúmulo de tarefas que implicava a atividade principal de recomposição florestal (reflorestamento), foram contratados outros 22 trabalhadores assalariados.

O major Gomes Archer era engenheiro, integrava a Guarda Nacional (força militar criada no Império para suprir a falta de um exército profissional), tinha muito interesse por botânica e mantinha mudas de espécies nativas que foram usadas no replantio da floresta. Foi também o percussor da criação de escolas agrônômicas e defendia a exploração racional dos produtos florestais, como fonte de riqueza para o país. Não sendo botânico nem especialista na matéria, mas um autêntico amante da Natureza, é hoje reconhecido, com inteira justiça, como o precursor da silvicultura no Brasil (LORDEIRO, 2002).

Resumindo, desde o momento em que foi criada legalmente a primeira Área protegida no Brasil e uma pessoa contratada pela instituição gerenciadora tomou posse para contribuir com seu esforço na integralidade das tarefas de proteção, controle e vigilância, participando das atividades de monitoramento, pesquisando, educando e trabalhando com visitantes, fazendo manutenção de infraestrutura, esta pessoa, deveria ter recebido o reconhecimento como Guarda-parque.

No Brasil, o serviço de um funcionário contratado para trabalhar em uma Área Protegida reconhecida legalmente, prestando serviços de proteção e gestão da unidade, características das funções dos Guarda-parques, pode receber várias denominações ou se enquadrar em outras figuras, como aponta o Quadro 2.

Quadro 2: Diferentes nomes que recebe o desenvolvimento das funções de Guarda-parque no Brasil nas Áreas Protegidas.

Diferentes figuras e denominações sobre as funções desenvolvidas em uma Área Protegida no Brasil:

Agente de defesa ambiental
Agente ambiental voluntario
Agente de defesa florestal
Agente de fiscalização ambiental
Agente de inspeção de pesca
Analista ambiental
Analista de projetos ambientais
Fiscal do meio ambiente
Fiscal florestal
Guarda ambiental
Guarda florestal
Inspector agrícola
Polícia florestal e de mananciais
Bombeiros e resgatistas
Polícia Ambiental

Fonte: (CBO/MTE, 2014).

Segundo a Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) (2014) a ocupação de Guarda-parque está classificada como um sinônimo de “Agente de defesa ambiental - código 3522-05”. Já a descrição sumaria da ocupação diz: “Orientam e fiscalizam as atividades e obras para prevenção/preservação ambiental e da saúde, por meio de vistorias, inspeções e análises técnicas de locais, atividades, obras, projetos e processos, visando o cumprimento da legislação ambiental e sanitária; promovem educação sanitária e ambiental”. Evidentemente, a descrição da CBO/MTE não atende a real dimensão das funções que

desenvolve um Guarda-parque em uma Área Protegida e coloca como sinônimos diferentes ocupações com atribuições específicas.

Segundo a Coordenação Geral de Gestão de Pessoas (CGGP) do ICMBio a descrição da função pública do “Analista Ambiental” aponta: “São atribuições dos ocupantes do cargo de Analista Ambiental o planejamento ambiental, organizacional e estratégico afetos à execução das políticas nacionais de meio ambiente formuladas no âmbito da União, em especial as que se relacionem com as seguintes atividades:”

- I – regulação, controle, fiscalização, licenciamento e auditoria ambiental;
- II – monitoramento ambiental;
- III – gestão, proteção e controle da qualidade ambiental;
- IV – ordenamento dos recursos florestais e pesqueiros;
- V – conservação dos ecossistemas e das espécies neles inseridas, incluindo seu manejo e proteção; e
- VI – estímulo e difusão de tecnologias, informação e educação ambientais.

Neste caso, a descrição de “Analista Ambiental” é muito genérica, dando lugar a varias interpretações, carece das especificidades e não fala em momento algum sobre lotação específica em Unidades de Conservação. Além disso, é uma descrição com certo traço administrativo que não relaciona ao funcionário com um serviço exclusivo a ser prestado em “campo”, em uma Unidade de Conservação. Pelo contrario, a descrição da função de Guarda-parque, não da espaço a dúvida, que remete exclusivamente a um serviço a ser desenvolvido em uma UC.

O Decreto nº 6.515, de 22 de julho de 2008 instituí, no âmbito dos Ministérios do Meio Ambiente e da Justiça, os Programas de Segurança Ambiental denominados Guarda Ambiental Nacional e Corpo de Guarda-parques, com o objetivo de desenvolver ações de cooperação federativa na área ambiental (BRASIL, 2008). O decreto instituí como programas cujo foco deve ser atendido por este corpo de profissionais, programas destinados, prioritariamente, às atividades de prevenção e defesa contra crimes e infrações ambientais, bem como para a preservação do meio ambiente, da fauna e da flora. Para isto, a contratação destes profissionais deverá ser "episódico e planejado" e segundo as condições estabelecidas pelo decreto, cada uma das operações deverá ser informada pelo Ministro de Estado do Meio Ambiente aos Governadores dos Estados

onde serão realizadas as operações. Sua composição é empreendida por integrantes do Corpo de Bombeiros e da Polícia Militar, e seus Batalhões Florestais e Ambientais, cuja atuação será dirigida à proteção ambiental das unidades de conservação federais situadas no território do respectivamente federativo (BRASIL, 2008).

O Decreto Nº 6.515, de 22 de julho de 2008, detalha:

§ 1o Caberá ao Corpo de Guarda-parques:

I - prevenir, fiscalizar e combater incêndios florestais e queimadas no interior das unidades de conservação e em seu entorno imediato;

II - garantir a segurança dos visitantes e funcionários das unidades de conservação;

III - empreender ações de busca e salvamento no interior das unidades de conservação;

IV - promover atividades de interpretação natural, cultural e histórica relacionadas com as unidades de conservação;

V - promover ações de caráter socioambiental voltadas para as comunidades residentes na unidade de conservação e no seu entorno;

VI - prestar apoio operacional e de segurança aos servidores competentes para exercer o poder de polícia ambiental nas unidades de conservação federais; e

VII - zelar pelo patrimônio físico das unidades de conservação.

§ 2o O Corpo de Guarda-parques disponível em cada unidade de conservação contribuirá para o funcionamento, em parceria com os servidores da área ambiental, de postos florestais de proteção ambiental nessas unidades

O Programa de Segurança Ambiental denominados Guarda Ambiental Nacional e Corpo de Guarda-parques considerava a capacitação de policiais militares do Corpo de Bombeiros e da Polícia Militar (Batalhões Florestais e Ambientais) para receberem treinamento como Guarda-parques antes de prestar serviço efetivo nas Unidades de Conservação, em caso de chamado. Considerando que aconteceram alguns treinamentos e ações pontuais, na prática, e até o dia de hoje como medida emergencial para dotar de maior proteção as UC, foi um fracasso. Os treinamentos fazem anos que não acontecem e não existe o vital e pensado apoio para as UC. Outro fator preocupante era que o pessoal convocado não ficaria sediado nas distintas UC Brasileiras, sendo

eventualmente chamados para “situações de emergência”. Apenas incursões episódicas, prévio chamado. Estas eventuais convocações e chegadas para as UC, os poderia deixar fragilizados ao não conhecerem a problemática local no dia a dia e ficar longe dos temas em comum que devem ser tratados permanentemente com as comunidades vizinhas.

Na situação atual, pode-se perceber que existe uma potencial sobrecarga dos Bombeiros e Policiais Militares para atuar além das suas funções e cometidos de grande responsabilidade para o correto cumprimento das suas atividades específicas. Nesse sentido, se correria o risco de não atender corretamente o serviço para qual foram contratados e treinados. Onde também existe uma vocação particular. Como foi mencionado, o desenvolvimento das funções de Guarda-parque requer muita capacitação que também seria um fator a considerar.

Apesar da profissão não ser reconhecida em alguns estados, o decreto que cria o Programa Corpo de Guarda-Parques em território nacional se inspira nos resultados obtidos em Minas Gerais e Rio de Janeiro e sugere a formação do Corpo de Guarda-parques por membros do Corpo de Bombeiros e da Polícia Militar. Suas principais atribuições incluem a prevenção, monitoramento e auxílio no combate a incêndios e queimadas, além da garantia de segurança aos frequentadores das áreas protegidas.

Esse programa foi criado para auxiliar atividades de proteção ambiental já promovidas pelos órgãos governamentais. Em parte, ele segue o exemplo de iniciativas que já haviam demonstrado bastante eficácia em diversos estados da Federação, e em outras partes do mundo, como Argentina, Austrália, México, Espanha, Índia e África do Sul. Outros países, como Estados Unidos, Inglaterra, França, Canadá, Rússia, Portugal, China e Cuba exibem uma estrutura de proteção com efetivos corpos de Guarda-parques em unidades de conservação (CHAGAS, 2013; FIGUEIROA & FLORIANI, 2012).

Podemos considerar que o universo dos Guarda-parques Brasileiros é muito amplo e complexo. Sendo os Guarda-parques Militares os únicos que contam com algum tipo de reconhecimento a nível federal. Já nos estados e municípios, o reconhecimento da figura do Guarda-parque atende à população civil em geral, direcionando para tentar reconhecer também aqueles potenciais Guarda-parques que são habitantes vizinhos das Unidades de Conservação. A Figura 4 apresenta o Universo dos Guarda-parques brasileiros:

1- Guarda-parques militares: (únicos reconhecidos em nível federal).

1.1-Guarda-parques Militares do Batalhão Ambiental ou do Batalhão Florestal (com curso específico)

1.2-Guarda-parques Militares do Corpo de Bombeiros (com curso específico)

2- Guarda-parques civis (empregados públicos ou privados em nível estadual ou municipal, sob diferentes denominações e condições contratuais)

2.1- Guarda-parques indígenas: (atuam em seus próprios territórios, muitos deles legalmente delimitados e sem conflitos jurídicos).

2.2- Guarda-parques voluntários: (qualificados ou não, realizam diversas tarefas de forma voluntaria nas Áreas Protegidas com prévia autorização das autoridades competentes).

2.3- Guarda-parques privados: atuam de forma assalariada nas Áreas Protegidas privadas (reconhecidas sob alguma forma legal de conservação, ou não).



Figura 4: O universo dos Guarda-parques no Brasil.Fonte: Elaborado pelo autor

O panorama Brasileiro sobre Guarda-parques é bem heterogêneo e desafiante. As funções de Guarda-parque estão divididas e compartilhadas por vários atores em diferentes graus. Existe uma dificuldade de diálogo entre muitos atores e um longo caminho para recorrer. Os Guarda-parques indígenas e comunitários são um segmento vulnerável e ainda marginalizado no contexto da proteção de UC. É imperante o reconhecimento dos Guarda-parques civis a nível federal que os coloque na mesma posição que os Guarda-parques militares e ofereça melhores alternativas para a participação cidadã na proteção dos valores ambientais e culturais presentes nas UC.

No Brasil, é visível a distinção entre as atribuições apresentadas entre os estados, em uma nítida falta de equidade sobre as funções, perfis e nível de escolaridade do profissional. O que se busca é o entendimento da maioria das atribuições resguardando as peculiaridades regionais, como forma de conduzir ao início da construção de uma base nacional para estruturação da carreira do Guarda-parque profissional, que em outros países, já é uma realidade. Um exemplo são os Guarda-parques do Rio Grande do Sul, que realizam somente atividades de controle ou fiscalização, ao contrário dos profissionais argentinos que podem exercer atividade de gestão ou operacionais dentro do sistema de áreas protegidas do país (CHAGAS, 2013).

Assim, o esforço empreendido neste trabalho representa uma busca pela sistematização e a organização das competências de um profissional que atua em um contexto nacional em que se observa uma ampla diversidade de atribuições, uma ampla variação nos níveis de escolaridade requeridos pelas distintas organizações e programas, e, de modo geral, formas e resultados de capacitação que são insuficientes para preparar os profissionais às atividades inerentes ao cargo.

Alguns estados brasileiros reconhecem a profissão dentro da legislação estadual e têm Corpos de Guarda-parques criados, como o Rio Grande do Sul, Minas Gerais, Paraná, Tocantins, Rondônia, Bahia, Rio de Janeiro e São Paulo. Outros, inclusive, têm grande participação na articulação de trabalhos e projetos ambientais desenvolvidos na conservação em unidades. Alguns parques têm quadros de Guarda-parques formados trabalhando de forma profissional (um exemplo é o Parque Estadual do Rio Doce-MG). As iniciativas nos estados do Rio Grande do Sul, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Bahia, Rondônia, Paraná, Rio de Janeiro e São Paulo ajudaram no fortalecimento da profissão. Por exemplo, há registros da iniciativa no estado de Minas Gerais que, desde 1992, vêm contribuindo para a conservação das áreas protegidas da região centro-sul do país e formando Guarda-parques em todo o Brasil e países da América do Sul. Este

curso foi oferecido pelo Instituto Estadual de Florestas (IEF/MG) (CHAGAS, 2013); FIGUEIROA & FLORIANI, 2012).No Quadro 3 são apresentados alguns estados brasileiros que já tem legislação estadual específica sobre Guarda-parques:

Quadro 3: Lista de Estados brasileiros que reconhecem a profissão dentro da legislação estadual.



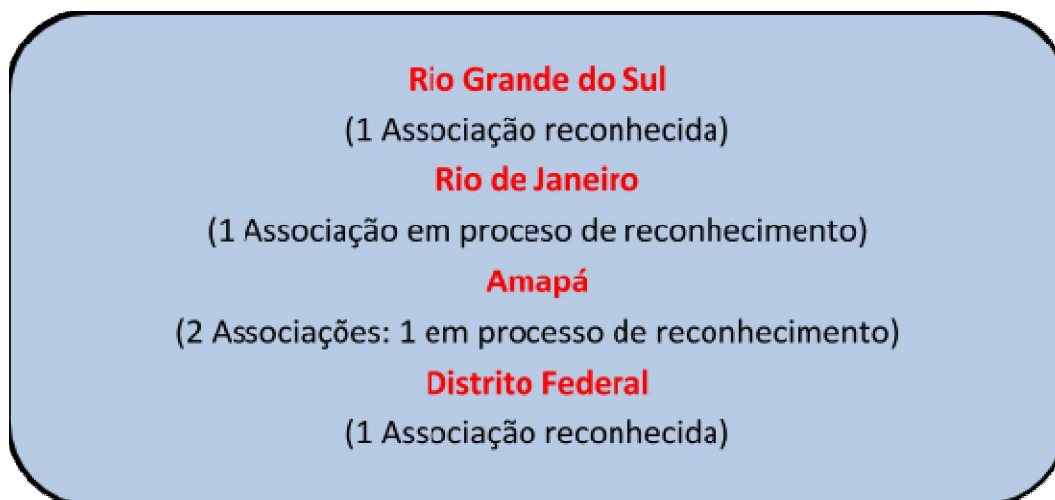
Fonte: Elaborado pelo autor a partir de Chagas (2013).

É possível afirmar que não adianta, apenas, criar unidades de conservação, é necessário dotá-las de proteção efetiva. Nesse sentido, alguns estados levam anos reconhecendo a profissão, preparando seus quadros e inserindo Guarda-parques nas UC como correspondem. Outros, ainda vão ter que percorrer um longo caminho. Ainda assim, existe a esperança que o governo federal reconheça também, legal e

formalmente, aos Guarda-parques não militares. Como exemplo, o Estado do Amapá cria a carreira de Guarda-parque e Guarda-florestal a través da Lei Nº 1.469 de 14 de abril de 2010.

O Quadro 4 apresenta os estados Brasileiros que contam com Associações de Guarda-parques reconhecidas ou em processo de reconhecimento. Muito dos estados pioneiros no reconhecimento da profissão e contratação de quadros de Guarda-parques ainda não conseguiram essa organização.

Quadro 4: Estados brasileiros que tem Associações de Guarda-parques reconhecidas ou em processo de reconhecimento.



Rio Grande do Sul (1 Associação reconhecida)
Rio de Janeiro (1 Associação em proceso de reconhecimento)
Amapá (2 Associações: 1 em processo de reconhecimento)
Distrito Federal (1 Associação reconhecida)

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de (Associação Brasileira de Guarda-parques, 2014).

Formar Guarda-parques e contratá-los pode ser um processo complexo. Organizá-los em uma associação também não é simples. Vários estados levam anos reconhecendo Guarda-parques, treinando eles e incorporando-os nas UC. O isolamento que o Guarda-parque experimenta nas UC, as dificuldades da comunicação a distancia, sua agenda comprometida com as atividades de campo é um perfil reservado da vida na cidade, possivelmente, conspirem contra um maior associativismo.

3.5 A falta de Guarda-parques nas Unidades de Conservação do Brasil

Apesar do Brasil ocupar hoje a posição de sexta economia mundial, ainda não consegue aprimorar sua competência em gestão sustentável de UC, ficando atrás de países com muito menos recursos financeiros disponíveis (MARQUES, 2012).

A maioria das UC Brasileiras não conta com plano de manejo ou não o utiliza de forma efetiva. A gestão é realizada de forma precária e sem foco em resultados, sendo um desafio à profissionalização da gestão (ARAUJO, CABRAL, MARQUES, 2012).

A falta de recursos humanos e financeiros constitui um problema crônico no modelo brasileiro que impôs sérias restrições ao funcionamento de muitas Unidades de Conservação (MEDEIROS; IRVING; GARAY, 2007).

A figura do Guarda-parque consolidada dentro de uma UC Brasileira, na qual se apoiariam oportunos resultados, foi historicamente ignorada. Também foram desconsideradas suas funções específicas, apoio e organização do seu quadro, inclusão nos processos de planejamento e decisão e oferecimento de condições laborais dignas. Assim, é possível observar uma lacuna existente com a falta de uma carreira de Guarda-parques nas posições oferecidas pelas instituições gerenciadoras responsáveis da gestão das áreas protegidas.

3.6 A falta de Guarda-parques no Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros

O Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros apresenta uma estrutura de proteção carente da figura de Guarda-parque. Na prática, esta carência é suprida, com muito esforço, pelo conjunto de outros atores (Analistas Ambientais, Guias, Guardas patrimoniais e Brigadistas) em diferentes graus de eficiência.

Nesse sentido, a diversidade de atores e as dificuldades para sua organização e trabalho complementar poderiam estar limitando o incremento da efetividade de proteção e manejo, dificultando também, a possibilidade de melhorar a condição de risco.

O estudo “Avaliação comparada das aplicações do método RAPPAM nas unidades de conservação federais, nos ciclos 2005-06 e 2010”, que cobriu 245 unidades (aproximadamente 85% das UC existentes no período 2005-2006) e 292 Unidades (aproximadamente, 94% das 310 UC no 2010), representou um verdadeiro

avanço para conhecer a situação da efetividade de gestão nas UC federais. O referido estudo inclui o PNCV, caracterizando entre outros, a situação de gestão e as condições de gestão dos recursos humanos (ICMBIO, 2011).

Araujo (2012) menciona que de forma geral os resultados da aplicação da metodologia Rappam pela WWF em diversos estados e UC do Brasil indicam que a maioria das UC apresenta uma baixa efetividade da gestão.

Segundo os dados levantadas nos ciclos 2005-2006 e 2010 pela método RAPPAM, disponibilizados publicamente em um site específico desenvolvimento pela ONG WWF e denominado “Observatório de Unidades de Conservação”, a situação do PNCV apresenta-se na Tabela 4 .

Tabela 4: Principais problemas e ameaças em 2005-2006 e 2010 afetando o PNCV

Presente no ano 2010	Presente no ano 2005- 2006	Problemas e ameaças
SIM	SIM	Caça
SIM	SIM	Coleta de produtos não-madeireiros
SIM	SIM	Construção e operação de infraestruturas
SIM	SIM	Conversão do uso do solo
SIM	SIM	Disposição de resíduos (poluição)
SIM	SIM	Espécies exóticas invasoras
SIM	SIM	Ocupação humana
SIM	SIM	Extração de madeira
SIM	SIM	Incêndios de origem antrópica
SIM	SIM	Influências externas
SIM	SIM	Pastagem
SIM	SIM	Extração mineral
		Adaptado de WWF – Observatório de UC’s

Fonte: Observatório das Unidades de Conservação - WWF.³

De acordo com os dados apresentados é possível observar que alguns problemas e ameaças são mantidos ao longo dos anos. Estes, colocam em risco os distintos valores da unidade, é, evidenciam a necessidade de uma melhor estrutura de proteção.

³ Conteúdo disponível em: <http://observatorio.wwf.org.br/unidades/cadastro/365/> Acesso em maio, 2014.

A Tabela 5 detalha alguns dos valores ambientais, socioeconômicos e sócio culturais presentes no PNCV nos quais se apoia e fundamenta a necessidade de uma sólida estrutura de proteção..

Tabela 5: Alguns dos valores presentes no PNCV, segundo estudos 2005/2006 e 2010.

2010	2005- 2006	Valores ambientais, Socioeconômica, Socioculturais
SIM	NÃO	A UC possui atributos de relevante importância estética, histórica e/ou cultural
SIM	SIM	A UC possui espécies de plantas e animais de alta importância social, cultural ou econômica
SIM	SIM	A UC contribui significativamente com serviços e benefícios ambientais
SIM	SIM	A UC possui um alto valor educacional e/ou científico
SIM	SIM	A UC é uma fonte importante de emprego para as comunidades locais
SIM	SIM	A UC possui um alto valor recreativo

Fonte: Observatório das Unidades de Conservação - WWF.

A Tabela 6 apresenta um panorama da fraqueza e vulnerabilidade que apresenta a estrutura de proteção, considerando os problemas de recursos humanos a infraestrutura e os recursos financeiros.

Tabela 6: Situação de vulnerabilidade e dificuldades enfrentadas para uma proteção efetiva, estudos Rappam 2005/2006 e 2010

2010	2005- 2006	Vulnerabilidade
SIM	SIM	A unidade de conservação é de fácil acesso para atividades ilegais
SIM	SIM	As atividades ilegais na UC são difíceis para monitorar
NÃO	NÃO	Os usos no entorno propiciam a gestão efetiva da UC
		Problemas de gestão de recursos humanos
SIM	SIM	A permanência da equipe na UC é difícil
SIM	SIM	A contratação de funcionários é difícil
NÃO	NÃO	Os recursos humanos e financeiros são adequados para realizar as ações críticas de proteção
NÃO	NÃO	Há recursos humanos em número suficiente para a gestão efetiva da UC
NÃO	SIM	Os funcionários possuem habilidades adequadas para realizar as ações de gestão
NÃO	NÃO	Há oportunidades de capacitação e desenvolvimento da equipe, apropriadas às necessidades da UC
		As condições de trabalho são suficientes para manter uma equipe

SIM	NÃO	adequada aos objetivos da UC
		Infraestrutura
SIM	NÃO	O equipamento de trabalho é adequado para o atendimento dos objetivos da UC
SIM	NÃO	A infraestrutura de transporte é adequada para o atendimento dos objetivos da UC
SIM	NÃO	As instalações da UC são adequadas para o atendimento dos seus objetivos
		Recursos Financeiros
NÃO	NÃO	Os recursos financeiros dos últimos 5 anos foram adequados para atendimento dos objetivos da UC
NÃO	NÃO	A previsão financeira a longo prazo para a unidade de conservação é estável
		Adaptado de WWF – Observatório de UC's

Fonte: Observatório das Unidades de Conservação - WWF.⁴

A condição de vulnerabilidade para a ocorrência de ilícitos é importante no PNCV e a estrutura de proteção não parece adequada e fica muito condicionada para tentar obter altos níveis de eficiência. A situação dos recursos humanos que é central em qualquer estrutura de proteção, é crítica no PNCV.

Chamaatenção a suficiência de estrutura que apresenta a unidade no estudo de 2010 comparado com um histórico de recursos financeiros inadequados. Como o PNCV é um sítio do Patrimônio da Humanidade e recebe uma grande atenção de países e instituições internacionais parece coerente a necessidade de tentar incrementar, estabilizar e perpetuar um sistema de proteção profissional a cargo dos Guarda-parques.

Parece criticamente necessário determinar o quadro e perfil de Guarda-parques que atenda às necessidades de proteção efetiva no PNCV no curto e médio prazo. Entre outras, definir o número deste quadro, capacidades, atribuições e organização, considerando o melhor atendimento e controle das particularidades dos problemas e ameaças presentes na UC. Desta forma, no próximo capítulo se avançara naparte III - análise dos dados e discussão dos resultados, acompanhado das recomendações e conclusões.

⁴ Conteúdo disponível em: <http://www.wwf.org.br/>. Acesso em agosto, 2014.

PARTE III - ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

CAPÍTULO 4 - ANÁLISE DOS DADOS

Este capítulo contempla a análise dos resultados da pesquisa em relação à necessidade de Guarda-parques para o Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros PNCV. Desta forma, é feita uma apresentação dos problemas e ameaças que afetam a unidade, apresentando as recomendações sobre um perfil de Guarda-parque, percepção de risco e segurança que manifestaram os integrantes dos grupos entrevistados. Por último, se apresenta o número de Guarda-parques que seriam necessários para poder atender a unidade, contemplando seus problemas, particularidades e ameaças. Desta forma, o trabalho apresenta os resultados da análise de conteúdo desenvolvida sobre as opiniões emitidas pelos seis grupos pesquisados: *i*) Funcionários do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio); *ii*) Guardas Patrimoniais; *iii*) Guias Locais; *iv*) Visitantes, *v*) Comunidade e *vi*) Brigadistas.

4.1 A percepção da importância dos valores ambientais no Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros (PNCV)

Sem dúvida, o Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros (PNCV) possui enormerelevância enorme não só para os trabalhadores da proteção da área, mas para a comunidade local, o Brasil e o mundo. O Cerrado, como um dos biomas mais ameaçados, tem importância estratégica para a conservação mundial, encontrando no PNCV um exemplo de conservação. As fitofisionomias predominantes são formações savânicas estacionais campestres - campo rupestre, campo limpo e campo sujo. Podem ser encontradas as diferentes formações: Cerrado strictu sensu, cerradão, mata de galeria, vereda, mata mesofítica e campos (BRASIL, 2009)

(..)..Acho que é a mesma coisa, assim, preservação das espécies do Cerrado, que na ideia original era pra tá toda a Bacia do Tocantins, né, mas que com as reduções-- é-- ficou representado só por uma cabeceira dum rio em específico, né?..”, “(..) Então cê entra lá pra conhecer o Cerrado porque do lado de fora, assim, tá cada vez mais fragmentado, né?..”, “(..)..A-- a importância também da preservação do Cerrado, porque aí em torno tá só soja, né? Assim, é-- tá-- o Cerrado é a última fronteira agrícola que a gente tem, assim... Então acaba sendo um banco genético pra algumas espécies, assim, um lugar pra gente poder ter acesso como um-- hoje em dia, infelizmente como um museu, assim, né? Como cê vai assim “Ah, esse é o Cerrado”, né? Então cê entra lá pra conhecer o Cerrado porque do lado de fora, assim, tá cada vez mais fragmentado, né?...”, “E ai tem que ser

respeitado, simplesmente o cerrado tem que ser respeitado, não só o cerrado como a natureza...” (GUIAS LOCAIS).

O parque provê, diária e constantemente, vitais serviços ambientais para a manutenção da vida, particularmente para a humana.

(..) é muito importante ter um tipo de preservação da natureza né, e mesmo dá-- dá como é que fala mesmo? Climática né, da coisa climática. Então eu acho que é muito importante a preservação do Parque, do meio ambiente”(GUIAS LOCAIS).

“(..).É importante porque é um, é um área de reserva natural de recursos importantes como água é manutenção de espécies raras. Então ele é muito importante porque é uma reserva ambiental de recursos pra nossa sobrevivência.” (FUNCIONÁRIOS ICMBio)

“Ah, eu penso assim que é por causa da conservação, porque ta conservando vidas, o meio ambiente, água,né...E ao mesmo tempo aonde você tem uma oportunidade-- e conhecer também, algumas partes original, né?Então acho que é uma importância mundial, principalmente nessa crise aonde o planeta está aquecendo e ao mesmo tempo--por exemplo,aqui na região do parque que é... “ (GUARDAS PATRIMONIAIS)

A Unidade de Conservação é vital para a perpetuidade de formas de vida animal e vegetal, representando um contraste com a situação de ameaça verificada no entorno da unidade pelas atividades agropecuárias.

“..Então o Parque é um lugar de que os animais, os insetos encontram alimentos né. Porque que os insetos estão atingindo o homem nas lavouras? Porque eles vão devastando acabando com a vegetação. Os animais, os insetos ficam sem alimentação e acaba que atingindo o homem né, as lavouras..”, “ Nós temo líquen amarelo aqui que ele é-- ele vem trazendo ar puro, principalmente depositando naquela pedra e traz-- vem-- vem pelo vento”(GUIAS LOCAIS).

“(..) ..Um banco genético pra algumas espécies”(FUNCIONÁRIOS ICMBio).

“(..)Muitos animal que você vê a coisa mais linda os animais, as emas, os veados, os tatus, as codornas né?! Então é gratificante você entrar dentro dum parque e vê um veado né!? Você, ó que coisa mais linda... isso é bom não só pra nós mas futuramente para nossos filho que mora na cidade e não conhece, pai o senhor trabalhou em tal lugar assim...assim, bora lá meu filho que eu conheço, tem uma cachoeiras natural, tem os animais as vezes uma hora que você for dá, dá pra você vê os animais natural né?! “ (BRIGADISTAS).

Um alto grau de endemismo na flora e na fauna encontrassen presente no PNCV, sendo que o pato mergulhão (*Mergusoctosetaceus*) e o socó-jararaca (*Tigrisomafasciatum*), aves ameaçadas de extinção, são visíveis no parque, além de

outras espécies recém descobertas pela ciência, tais como o novo gênero de gramínea (*Altoparadisium*), cuja espécie foi denominada (*Altoparadisium chapadense*) e a nova espécie (*Triraphis devia*), ambos da Família Poaceae. Muitas espécies-típicas do Cerrado, como o lobo-guará (*Chrysocyonbrachyurus*), a ema (*Rhea americana*) e o veado-campeiro (*Ozotocerusbezoarticus*) são também vistas regularmente nos limites do PNCV (BRASIL, 2009)

De alguma forma, o trabalho desenvolvido pelos guias do parque ao longo dos anos tem ajudado a construir uma visão mais ética e respeitosa da importância de um parque nacional, do valor dos seus atributos e das vitais atividades de proteção que ali se desenvolvem.

“(..).Para mim é muito bom, pra mim é muito bom. Até por essa falta de respeito que tinha, que hoje não existe mais, essa falta de respeito. Nego garimpava escondido, mesmo que as vezes não podia garimpar, mais nego garimpava escondido, tocava a roça, funcionava a roça escondido, isso não é bom. Então, a gente hoje é tem total respeito...” , “(..)..Então aquilo que a gente destruiu no passado, a gente procurou aliar-se ao IBAMA né e a preservar e hoje nos sentimos assim é orgulhosos por ter o Parque Nacional aqui né. O que as pessoas achavam que prejudicava, porque atrapalhava trabalhar em garimpo né, hoje a gente vê que é mais viável preservar o meio ambiente de que destruir”, “..Primeiro o respeito a natureza. Porque aqui antigamente era uma falta de respeito terrível, o povo não respeitava..”.

Nesse sentido, existe um interesse maior ao estritamente econômico para a preservação do parque:

“(..).Então a gente não está, não vem ao parque por do, por causa financeiro né faz parte o caso financeiro, mas a gente preocupa também com a preservação do meio ambiente..” (GUIAS LOCAIS).

No Gráfico 1 é apresentada a opinião sobre a importância que o parque tem para as pessoas e comunidade. O que ele representa para a conservação mundial, nacional e local, assim como, para a própria qualidade de vida e grau de satisfação pessoal.

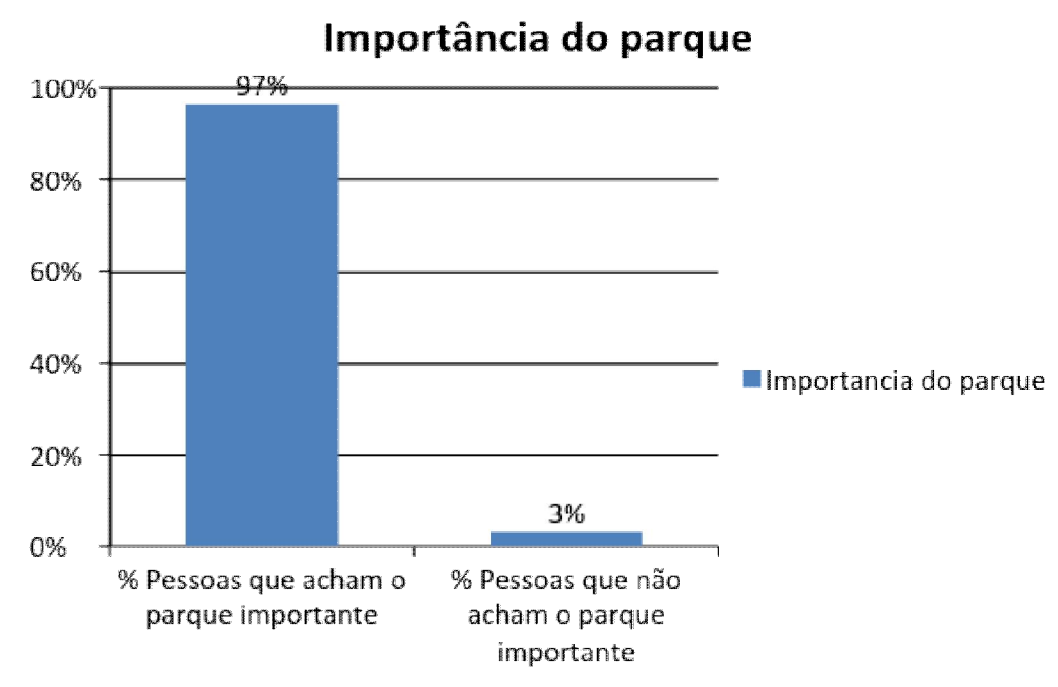


Gráfico 1: Opinião dos entrevistados sobre a importância do Parque. Fonte: Elaborado pelo autor.

O parque é muito importante para a grande maioria dos entrevistados e por essa questão visualizam como positivo a proteção. Ainda assim, podemos observar que nem todos compartilham a mesma visão, existindo pessoas que não acham o parque importante. Este dado poderia evidenciar que ainda existe pela frente um trabalho de aproximação com a sociedade para a internalização dos benefícios diretos e indiretos que oferece a UC (ex. Serviços Ambientais). Nessa linha, uma oportunidade também para poder continuar resolvendo conflitos passados e presentes entre a unidade e as comunidades locais, tentando favorecer a participação cidadã nos trabalhos de proteção.

4.2 - A importância cultural do PNCV para os entrevistados

O Parque já é parte da cultural local, regional e nacional, e seus valores culturais são plenamente reconhecidos e procurados. O parque tem ajudado a forjar a identidade local, comutando-se na história recente. Estes valores culturais são fator de orgulho para as comunidades locais, apoiando e reafirmando a sua identidade.

“ (...)...Isso ganhou um valor cultural da região, pelo trabalho de guias, do histórico da região...” (GUIAS LOCAIS).“(.) Então eles têm um sentimento de pertencimento muito grande, desde a época do garimpo” (FUNCIONÁRIOS ICMBio)

“E, quando morrer, eu quero ser enterrada aqui. Adoro a minha terra. Amo aonde nasci. Mas é aqui é que eu quero ficar porque aqui é o melhor de tudo.”,(.) “Que a gente trabalhava dentro do Parque para extrair o cristal, né, que é o cristal, o quartzo transparente. E, durante esse período, veio várias migrações de foras, pra poder à procura, à procura do cristal, que foi um cristal de boa qualidade que saía daqui de dentro, né? Então, por isso que deu o crescimento da Vila São Jorge. Que, na verdade, era uma vila de garimpeiros, né?”(COMUNIDADE)

Muito importante, que através do parque vem-- vem gente de vários locais, de países, que vem pra São Jorge visitar, principalmente por causa do parque. E eu acho que se não houvesse o parque aqui, não haveria o número que-- de visitantes que há hoje, no momento” (GUARDAS PATRIMONIAIS)

“(.) Essas coisa assim. E diz também que é um dos cerrado mais rico, né, em termos de planta medicinal aí. Então é esse conhecimento que a gente vê falar.”,“(.)“. Pra aquela pessoa que quer viver bem, então o Parque é um espelho.” BRIGADISTAS“(.) manter a história, né – que-- que a comunidade aqui ela tem uma história, né” ...Na realidade, quem realmente mantém, né, .. é quem tá mais próximo. Quem tem uma--uma história, um vínculo com aquilo ali” (VISITANTES).

4.3 A importância econômica do PNCV para a Comunidade

De forma clara, o parque significa muito para as comunidades do entorno e não simplesmente pelos seus valores ambientais e históricos culturais, mas, especialmente, pela importância econômica que o parque gera para a região através da criação de empregos diretos e indiretos, produto do turismo e serviços contratados para a gestão.

“...Então.. eu acho que é muito importante a preservação do Parque, do meio ambiente e também pra nós aqui também é muito importante né, o planeta ser preservado e o Parque também nacional, porque são onde nós tira o nosso sustento né, principalmente o pessoal aqui de São Jorge da Vila de São Jorge é baseado no Parque Nacional, então pra nós é muito importante. ...” (GUIAS LOCAIS).

“O parque pra comunidade São Jorge, meu amigo, a comunidade geral de São Jorge, Alto Paraíso e região... Eu acho que significa pai e mãe, em termo de condição financeira, que isso trouxe melhoras, melhora, melhora de quase 100%. O pessoal dos anos 80, vila de São Jorge tinha quatro família só. Era e mais duas. Quando o parque chegou aí abrindo portaria, centro de visitante, quando começou andar, melhorou a renda familiar, educação, própria cultura, né? Melhorou educação. Sendo turista, eles vem bem trajado, eles fala bem, é calma....isso fui copiando e teve um ganho geral a população aqui” (BRIGADISTAS)

A sócioeconomia das comunidades do entorno, outrora baseada em prospecção mineira e garimpeira, atividades agropecuárias e extrativistas, entre outras, foi mudando para dar atenção às atividades ecoturísticas e de conservação ambiental. Existe uma parceria implícita, visível e indivisível entre o Parque e a comunidade e seu guias, em relação aos benefícios econômicos derivados do Turismo. Assim, a comunidade e guias recebem estes benefícios econômicos, e o parque, a proteção.

“ (...) principalmente para o pessoal local né, que sobrevive disso né. É nós fomos garimpeiros, fomos caçadores né, por causa dos nossos pais, nossos avós, nossos criadores. Então era o meio de sobrevivência que a gente tinha né. Então aquilo que a gente destruiu no passado, a gente procurou aliar-se ao IBAMA né e a preservar e hoje nos sentimos assim é orgulhosos por ter o Parque Nacional aqui né. O que as pessoas achavam que prejudicava, porque atrapalhava trabalhar em garimpo né, hoje a gente vê que é mais viável preservar o meio ambiente de que destruir.” “ (...)o Parque, é uma fonte de renda dos guias do pessoal da comunidade..”, “ (...)..Pra São Jorge? O parque, acho que, foi acima grande mudança do garimpo pra o turismo, né? Um salto quântico em termos de que que as pessoas se prepararam, assim, os garimpeiros começaram a virar guias e trabalhar com pousadas, com restaurante, com todo tipo de serviço pro turismo e começou a gerar economia, né?..”, “ (...)..Então assim, de certa forma, representa também a economia local, que antes era baseada no garimpo, que não rendia nada e que não servia pra nada, e qu-- quer era conhe-- conhecido como cinturão da fome do Goiás, do Nordeste goiano, na época. Né? E depois do parque se estabelecer, não em 61, né, com-- no mapa, mas em 90 quando a sede começou a vim pra cá e o turismo, de fato, começou a vim, a mudança da circulação de dinheiro, também....”(GUIAS LOCAIS).

Alguns anos atrás, o parque tinha uma modalidade de visitação que só permitia o ingresso de visitantes com a companhia de um guia. Existia uma obrigatoriedade de contratação de guias e um custo financeiro associado para usufruir dos atrativos da unidade. Isto permitia o pujante crescimento da economia local forjada na atividade turística e da atividade de guia praticada por um segmento da comunidade local. Desta forma, ingressava um sustento financeiro maior para muitas famílias locais, particularmente do povoado de São Jorge. Assim, parece que a comunidade e os guias ainda apostam no permanente desenvolvimento da atividade turística e das atividades de proteção associadas, como forma de garantir a sua subsistência socioeconômica.

“ (...)..então, mais mesmo assim fica essa pequena renda, só que diminuiu muito, não ficou bom, mais vamo lá que seja é-- é-- é-- Como é que fala? É criado assim, foi leite criado assim, pra não ter obrigatoriedade de dia, mas vamo remediar com o que, com o que

produz. Agora eu no meu caso, eu não posso reclamar muito, porque eu sempre ganhei, as vezes eu ganhei duas ou três vezes na semana...”, “(..)...Muito bom, significa que é uma segurança, que é uma fonte de renda. Porque mesmo que abriu, é seja opcional porque antes era obrigatório o dinheiro. De-- de 92 a, de 92 a 2013 era obrigatório o dinheiro, ai abriram opcional. Mas mesmo assim é, ainda, é ainda é muito bom para a comunidade, até mesmo pelo respeito né, porque é se não vira a casa da mãe Joana. Nós temos os parques nacionais do Brasil, nos temos parques nacionais que nem passaram ai outro tempo, os parques nacional da Europa. Tem que ser preservado, então tem uma certa agenda, mesmo assim com a opcionalidade ainda tem algumas renda...”.(GUIAS LOCAIS).

“(..)...É, é, é-- é muito, é muito importante porque, sem o parque, a gente não veve assim. A gente tem que tá junto com o parque, no dia-a-dia e-- e-- e eu trava-- e nós trabaiando com o parque, o parque trabaiando com nós, né? A gente aprendendo, a gente vai aprender com ele e ele também aprende com nós, né? Que esse plano de manejo, ele é-- criado, né, primeiro po-- pela-- pela comunidade, porque a comunidade começou a trabalhar-- tava com o plano de manejo, aí aprendeu, aí depois começou fazendo as coisa no meio ambiente, né? ...”, “(..)..Poderia ser o pessoal local da comunidade, gerando economia da região, dando um trabalho, um curso, para eles trabalhar diretamente com turismo de forma tão seja de guias, mas que tenha outra forma de solucionar os problemas que vem ocorrendo no parque...”.

De alguma forma o parque e suas atividades turísticas significam para os guias e comunidade a essência econômica de subsistência local.

“...é uma fonte de renda dos guias do pessoal da comunidade”...
(GUIAS LOCAIS).

A finalização compulsiva da atividade garimpeira no momento do Parque ser criado gerou um atrito importante entre a comunidade local de índole garimpeira e a instituição ambiental. Passaram os anos, e, recentemente, foi retirada a obrigatoriedade de guias da comunidade, o que representava um sustento econômico muito importante para muitas famílias e indivíduos. O fato de já não ser obrigatória, fez com que a contratação de guias diminuísse drasticamente, gerando um conflito socioeconômico local. Estas e outras decisões de gestão sem soluções laborais claras para a comunidade local, vem alimentando situações reativas e dúvidas por parte das comunidades e seus guias.

A retirada da obrigatoriedade dos guias foi um fator de alta tensão. Não só se visualiza como uma perda de rentabilidade para o coletivo e comunidade, como

também, um problema de conservação para o parque. O coletivo de guias tem discutido arduamente a questão passada, presente e futura, e, claramente, visualizam como fator crítico a obrigatoriedade do serviço de guias, ou algum tipo de contratação efetiva nessa área pelo parque (basicamente geração de postos de trabalho para guias), assim como, equipamentos, vestimenta, infraestrutura, cadastro e identificação dos guias e diversas opções de capacitação e treinamento para aprimorar o serviço.

4.4 - Os principais problemas para a proteção no PNCV na percepção do entrevistados

4.4.1 O problema do fogo

Os incêndios representam o principal problema para a conservação dos valores ambientais, culturais, patrimoniais e a proteção das vidas humanas dentro do Parque Nacional e seu entorno. De alguma forma, os incêndios dentro da unidade são um problema crônico de conservação que mobiliza muitos esforços, tirando atenção para outras atividades de importância associada.

“(.) O primeiro problema é o fogo pro Parque, ameaças pro Parque, “(.)“Eu acho que o principal, hoje em dia, é o fogo, né? Então, de fato, né, é o-- uma preocupação que a gente tem, né, durante seis meses muito forte e, durante os outros meses, mais pro-- por-- por questões naturais, como o fogo de raio, né? Mas durante seis meses a gente tem que ter essa preocupação, né, muito grande com incêndio florestal, principalmente com os incêndios que vêm da-- de fazendas vizinhas, né? E muito ainda criminoso também, né, então... De raio nós tivemos vários esse ano, né, mas eles foram-- como sempre, né, são bem pontuais, né? Às vezes em áreas super isoladas, que-- que a gente preferiu deixar queimar, né, porque foi na época de aceiro. Então a gente preferiu que se fizesse um aceiro natural, já com fogo de raio. Mas a gente tem bastante incêndio criminoso e muitos que vêm de fazendas que tão limpando o parque. Isso a gente tem bastante” (FUNCIONÁRIOS DO ICMBio).

“Queimadas Pra mim assim é o principal, principal problema que o Parque tem pra, pra tentar, que a gente que manter o Parque cuidado, conservado. Principal é o incêndio”, “(..)..Bota fogo de maldade, bota fogo de maldade.....Eles pega, bota fogo. ..Aí reacendeu esse fogo, né”,“(..)..Tem os brigadistas, as vez faz ronda na beira da rodovia na... quando o clima tá muito seco ai já, assim que a pessoa coloca fogo, logo em seguida já tá combatendo o incêndio... E protege assim, e muita, alguma denúncia anônima de alguém fazer alguma coisa de errado.” (BRIGADISTAS)

O Gráfico2 apresenta os resultados sobre qual é o principal problema que afeta a unidade.

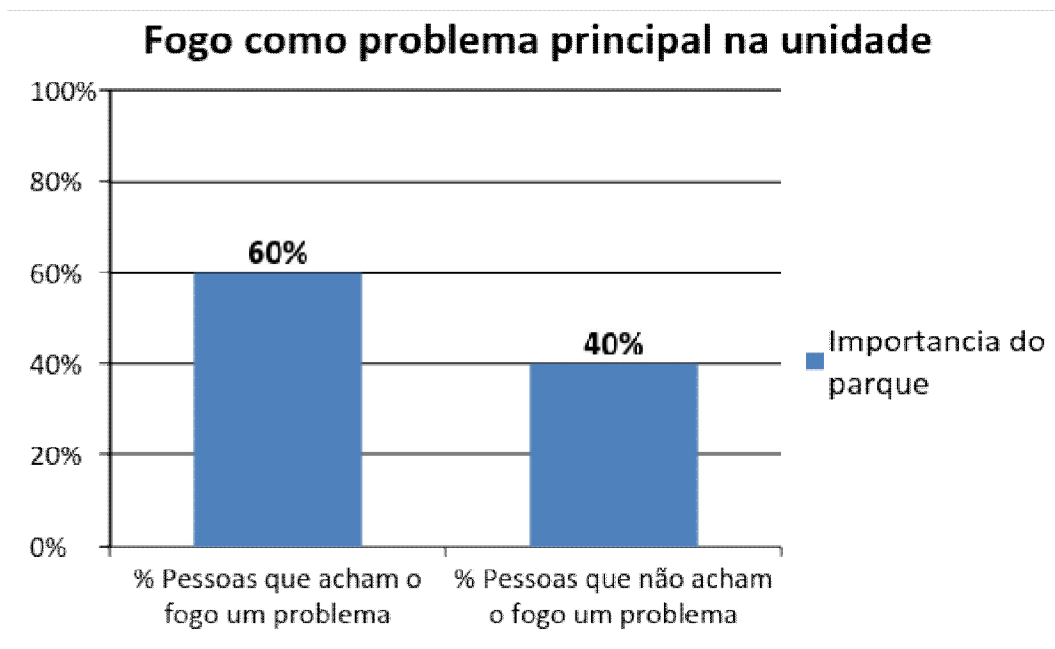


Gráfico 2: Opinião dos entrevistados sobre o fogo como problema principal da unidade. Fonte: Elaborado pelo autor.

Um proporção dos entrevistados claramente visualiza ao fogo como o maior problema que enfrenta a unidade para conservar seus valores. Uma fração não menor acredita que o fogo não é um problema determinante. Nesta porção se encontram indivíduos da comunidade, guias e os visitantes inteiramente. No Gráfico 3 é possível observar a opinião de cada grupo em relação ao maior problema que afeta a unidade.

Fogo como problema principal na unidade

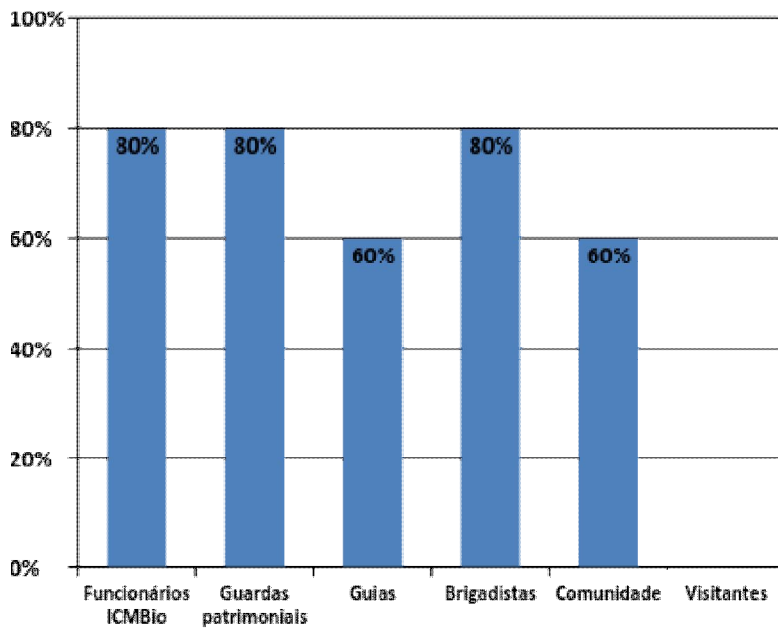


Gráfico 3: Opinião dos entrevistados sobre o fogo como problema principal da unidade em função dos grupos. Fonte: Elaborado pelo autor.

É clara a falta de conhecimento dos visitantes sobre os principais problemas e ameaças da unidade, evidente também, porque é o grupo que passa menos tempo de contato direto, convivendo no local. Os motivos dos guias locais e comunidade podem estar condicionados à memória histórica de uso de muito fogo na região e seus consequentes incêndios. Também, a confiança gerada pelos exitosos combates que o PNCV de Sempre Vivas desenvolve com seus brigadistas, as estratégias de prevenção e a participação de vários membros da comunidade nessas instâncias.

Segundo uma análise das principais causas de incêndios entre 1990-2004, foi observado que 41% dos casos eram criminosas, inferindo que a Unidade necessita de reforço nas atividades de vigilância. Cerca de 25% dos focos são por causas desconhecidas, sugerindo a necessidade de treinamento específico para a equipe da Unidade poder identificar a origem e causa dos incêndios. E a terceira maior causa de incêndio está associada à falta de controle do uso do fogo, reforçando a necessidade de orientação e regularização das queimas controladas junto aos proprietários rurais do entorno do PNCV (BRASIL, 2009).

A visitação sem guia e sem uma eficiente estrutura de proteção em campo pode significar um risco importante para a ocorrência de incêndios, particularmente após a abertura de novas trilhas com possibilidade de acampamento *in loco*.

“ (...)..Mas alguém, hoje em dia, pode criar uma fogueira lá dentro, porque agora tá tendo visitação, que pode acampar e tudo o mais, assim, nem sempre o controle é total e eficiente, né, desses que-- que tão fazendo. Então, acho que, ainda, o fogo, pra mim, do que eu vejo, do que que as pessoas podem tá impactando..” (GUIAS LOCAIS).

Considerando que aconteceram avanços significativos em matéria de preparação, estrutura, prevenção e combate, o parque ainda é muito ameaçado pelos incêndios que acontecem geralmente na sua área de amortecimento e se alastram ou ingressam até a unidade e seus limites. Esse desafio, quase crônico, demandará um permanente crescimento e aperfeiçoamento das atividades de prevenção e combate, considerando os quadros e contingentes humanos devidamente preparados, capacitados e com a suficiente estrutura, equipamento e materiais.

“(.)....Acho que mais investimento, mesmo, mais gente, mais equipamento, correr atrás do que já acontece no mundo pra também trazer pra cá, assim, né....nesse sentido de-- do fogo porque-- até funciona bem em alguns anos, em outros anos queima e o pessoal quando-- às vezes não consegue controlar mesmo-- acha que às vezes por falta de pessoal, sabe?..”, “ (.)“....olha assim que fosse mais, mais vigiado sabe, que tivesse mais um apoio pros próprios funcionários sabe, e equipamento para que não tenha nunca acontecer os incêndios sabe...”, “..Olha eu-- eu procuraria dar mais apoio ao pessoal local né, mais bem protegido né. Oferecer bastante como aconteceu, acho que um ex-diretor no início do turismo aqui, acho que ele pensou nisso sabe, de ter esse Parque como ele está hoje livre de caçador, livre de garimpeiro, livre de-- de incêndio, que tá bem controlado, acho que ele pensou assim, eu penso dessa maneira também. Por enquanto ainda está acontecendo alguns focos de incêndio, eu penso futuramente assim trabalhar assim para que não houvesse incêndio nenhum sabe, nunca teve um incêndio, porque quanto mais pessoas protegendo mais, seria maior a preservação né...” (GUIAS LOCAIS).

4.4.2 Insuficiente fiscalização: controle e vigilância

Evidentemente um parque tão relevante do ponto de vista ambiental, patrimônio da humanidade, de grande superfície e variedade de problemas e ameaças para a

conservação, requer uma sólida e efetiva estrutura de proteção, caracterizada pelo controle e vigilância das diferentes atividades da UC.

“(..) mas agora é muito a questão do fogo, talvez a caça, né? A caça é muito furtiva, assim, a gente num-- num percebe tão nitidamente, né, o efeito disso, é muito perversa essa defaunização que tem que-- a gente não percebe no dia-a-dia como percebe”, ““por exemplo hoje a única pessoa que pode assim, que fiscaliza assim sou eu, o único fiscal, pode, tem um outro colega que é fiscal mais ele tá na área de pesquisa ai tem que ter, e as pessoas não gostam muito né de fiscalizar, então é um ambiente ..muito difícil, então a gente precisa receber mais gente que tenha esse perfil de fiscal” (FUNCIONÁRIOS ICMBio)

“Não é. A proteção que existe hoje não é suficiente. Porque eu acho que câmeras não inibem a pessoa fazer o que quer até Porque Você vê nessas cidades grandes: as pessoas assaltam na frente das câmeras entendeu? É como no parque: não adianta colocar mil câmeras, as câmeras não vão falar nada” (COMUNIDADE)

“(..)Aqui do jeito que tá assim agora? Hoje... Como proteger... Cara, eu vou te falar a verdade: a fiscalização aqui tá pouca. Pelo perigo que é aqui “;”(..) principalmente incêndio, tinha que ter mais... Mais estrutura. ..É. Mais-- mais fiscalização e mais estrutura, igual fica uma turma aqui e outra lá no Pouso Alto. Aí, o que que acontece, às vezes nós tá aqui-- porque aqui nem é tanto perigoso, como lá. Lá é mais perigoso. Então tá ficando uma tu-- tá ficando uma turma lá. Aí o que que acontece? Ainda bem que a turma esse ano contratou muita gente, mas só que-- cê sabe que trabalhar com gente é... É difícil.” (BRIGADISTAS).

Sem dúvida, os visitantes são o grupo que mais poderiam estar sensíveis às tarefas de controle e vigilância (fiscalização) e até chegarem a serem reativos a isso. No entanto, a percepção de um aumento de controle é percebido como um instrumento para melhorar a visitação, proteger os valores e ter uma maior segurança pessoal e grupal.

Segundo a totalidade dos grupos e seus indivíduos entrevistados, é necessária mais fiscalização no PNCV como forma de manejar e conter todos os problemas e ameaças presentes. Este ponto não é menor quando se considera os anéis desses atores e sociedade como um todo, para fortalecer a proteção das UC e perpetuar a existência e qualidade dos valores protegidos.

É evidente a importância de contar com pessoal destinado às tarefas de uso público e proteção, papel que, de alguma forma, tinha sido exercido até agora pelos guias ao longo dos tempos, com maior ou menor eficiência, nas áreas destinadas a visitação. Mas, a sua presença no passado por causa da visitação obrigatória, permitia

esse fluxo de olhares protetores ao longo das trilhas, prestando e desenvolvendo serviços de manutenção e atendimento do público dentro da área, refletindo na sensação de segurança. E, de fato, acrescentando a segurança. Um fator importante é a visão e autoafirmação do coletivo sobre a sua importância na proteção dos valores presentes.

“(..).E através dos funcionários, contratação de guia, porque o guia é indiscutível o melhor fiscal de parque nacional, de preservação.”“(..).“...Os próprios guias são fiscal também do Parque, porque que são fiscal? É porque eles tem um respeito com o Parque..”,“(..), vou falar a verdade para você, quem mais protege o Parque é o guia, se não fossem os guias tava tudo detonado, que nem era detonado”,“(..).Então é a-- a primeira base de dentro do Parque Nacional é os guias, isso não tem o que discuti, pode doer a quem doer, mas a primeira base é os guias. É até por isso, isso ficou muito ruim, essa tirada de-- de guia, porque aqui era tão de uma maneira que era visto como um patrimônio, hoje não é mais, porque os guias estava ali junto” (GUIAS LOCAIS).

O fato dos guias serem aproveitados pelo seu passado garimpeiro, valorizando todo seu conhecimento tradicional, foi uma estratégia para favorecer a sustentabilidade econômica local, reduzindo os impactos e pressões para o parque, aproveitando-os para a proteção. Nesse sentido, foi uma estratégia paliativa e oportuna da entidade gestora, considerando as enormes carências passadas para implementar uma proteção efetiva. O aproveitamento das experiências dos guias e sua inclusão dentro do quadro de proteção do PNCV como “Guarda-parques de campo” poderia continuar essa estratégia inicial, proporcionando uma melhora na economia local e ganhos de efetividade de proteção.

O grupo dos visitantes é um dos que mais visualiza a importância dos guias, pela proximidade e correlação dos serviços com a sensação de segurança e satisfação da visita. Ainda assim, o fator preparação, treinamento específico para trabalho com visitantes e profissionalismo, parecem centrais:

“(..). Eu acho que, talvez, investir mais nesses guias locais, né? É-- até pra gerar a economia aqui de São Jorge, que é uma coisa que a gente até viu em vários lugares, né? Aquelas... “Dê preferên--“ É... “Você não precisa de guia, mas ajude, né-- ?.. Só que acho que essas pessoas têm que ser treinadas também, pra-- pra igual as meninas também já-- já... Eu tive uma experiência e tiveram outras. Eu vi há um tempo atrás aqui; o guia, ele dava todo o suporte. Ele ficava vigiando. Ele realmente vigiava o que que a gente fazia. Tem outros guias que não fazem isso. Então-- aí a resistência deles fica... É... Perde um pouco o sentido, né, se a gente fala nisso. E, que eu acho que poderiam ter pessoas que poderiam controlar melhor isso...”(VISITANTES).

Ainda assim, o grupo de visitantes se viu bastante favorecido em decorrência da falta de obrigatoriedade de ter guias. Tal fator, acrescenta o sentimento de liberdade individual e aumenta o nível de satisfação da visita de uma proporção dos visitantes.

4.4.3 A necessidade de preparação no atendimento ao visitante

Os visitantes foram o único grupo que manifestaram aberta e sensivelmente a falta de preparação do pessoal presente na unidade para o atendimento ao visitante. Este problema que os atinge não deixa de ser um problema maior, considerando a posição estratégica do parque em relação ao uso público. É evidente que o atendimento ao turista tem estrita relação com uma seleção e preparação específica dos recursos humanos.

“(.) eu acho que as pessoas que trabalham aqui no parque, não sei, que são os atendentes, deveriam ser melhor preparados, assim... pra tratar o turista, na forma de... ter contato com o turista. Né. Mais cordialidade... eu acho muito importante. É... Não to falando de todos, né.”, “É... é importante falar também uma coisa que... eu falei que as pessoas que atendem os turistas elas tem que ter um preparo. É uma coisa” (VISITANTES)

4.4.4 Insuficientes funcionários para a proteção do Parque

Considerando que não existe uma fórmula mágica que apresente a quantidade máxima e suficiente de funcionários a serem afetados na proteção de um parque, é claro que existe um mínimo necessário. Atualmente, o parque possui apenas cinco funcionários (analistas ambientais) para atender todas as atividades da unidade. É claro o fato de que existe um problema de insuficiência de pessoal. Isto é mais crítico quando observamos a falta de pessoal especialmente capacitado para as tarefas de proteção integral que devem ser desenvolvidas em campo.

O fato de ter incursões de caçadores, de visitantes sem guias recorrendo livremente a área, sem Guarda-parques fazendo o controle da visitação em campo e do alto risco de incêndios na época seca, reforça a necessidade de contar com mais funcionários. Isto, também pensando em uma perspectiva futura de maior visitação, de maior pressão sobre os recursos naturais e um claro resultado do estúdio Rappam.

“ (...)..Eu vejo hoje o numero de funcionários do parque ainda pequeno, não tem fiscais dentro da Unidade de Conservação para fiscalizar as pessoas que estão fazendo o passeio a gosto, sem o trabalho do condutor que era uma forma de controle dos visitantes para não causar danos ao Parque Nacional na trilha...”, “ (...) E hoje não, hoje você chega, todo mundo entra aí á vontade....”então, não tá tendo preservação mais.. E esse parque não pode ficar desse jeito..”(GUIAS LOCAIS).

“Ah-- a gente tem... A gente tem uma equipe muito reduzida, né? Dos cinco analistas ambientais, são quatro fiscais, eu sou o único que não sou fiscal, cê tem que fazer um curso, tem que ter uma portaria de fiscal.”, “(...) Eu acho que é ter pessoal, fundamental, ter pessoal, recurso humano e recurso financeiro.”, “(..)..Equipe uma equipe maior né. Então assim, são esses os maiores problemas”
(FUNCIONÁRIOS ICMBio)

Desta forma, é observada uma questão perniciososa: por anos, a falta de funcionários profissionais da proteção e de uma gestão mais eficiente, levou a uma tentativa de descaso com o atendimento das atividades de manejo de visitantes, por meio dos guias. Assim, guias, brigadistas e guardas patrimoniais desenvolveram e desenvolvem funções além de seus contratos, competência e conhecimentos. Assim, em definitivo, a falta de funcionários e Guarda-parques é compensada com o grande esforço de outras figuras.

Os resultados das respostas sobre a necessidade de contar com maior pessoal na proteção no PNCV, apresentou 100% de afirmação. Para todos os grupos entrevistados é necessária a presença de mais pessoal na proteção da unidade. Assim, os diferentes atores acompanham os resultados do Rappam e a sensação que se experimenta na visita e acompanhamento das atividades no parque. Os funcionários da unidade a maior parte do tempo estão sobrecarregados e devem utilizar as demais figuras para atender a carência. Mesmo com todos os concursos públicos realizados pelo ICMBio ao longo destes anos, as UC continuam com enorme carência de recursos humanos (BRASIL,2009).

“(..)..eu acho que o parque deve também-- eu acho que o parque tem que aumentar mais o pessoal da fiscalização”, “(..)“Umas dificuldades pra poder monitorar porque é pouco fiscali-- é pouco fiscal, né. Na verdade, isso a gente vê que é pouco pra poder fiscalizar o parque todo, né. Então... Eu acho que...São poucos. Eu acho que, na verdade, tem que ter mais, né. Porque, na verdade, a única parte que tá bem mais, é- - fiscalizada é essa parte aqui daqui pra Alto Paraíso, tendeu? A outra parte, por trás do parque, outros lugares, não estão. Então esse é o grau de dificuldade que o parque tem, né: numa área ser grande e poucas pessoas para fiscalizar.”..“Ah, eu acho que deveria contratar

mais gente, né? Que o parque é muito grande..... Eu acho que deveria contratar mais gente pra colocar em volta, mais-- aí pelo fundo. Que só tem gente que-- que-- que-- tem acesso aqui todo dia, daqui pra Alto Paraíso, né? E lá pra Teresina agora tem nós vigilante, tem um posto lá em cima.”, ““Tem os funcionário que é terceirizado e os outros funcionários do ICMBio mesmo .Ó, hoje nós tá com 16 vigilante aqui, mas acho que tem uns aí que nem fica lá-- vai lá mesmo só pra ficar” (GUARDAS PATRIMONIAIS)

“(.)e o número também de, de... como é que fala? De fiscais, de, de funcionários do Parque acho que se aumentasse a fiscalização, porque o que tem é pouco, não dá conta pelo tamanho do parque. Então acho que é três pontos: aumentar o número de brigadistas, é...aumentar o número de funcionários, fiscais né?! “ (BRIGADISTAS)

“Ah... A primeira coisa que eu faria era ter pessoas pra realmente tá acompanhando as pessoas ali”,“(.) Com certeza, contratar mais pessoas pra trabalhar dentro do parque né. E... concursos né de... provavelmente nessa área de biodiversidade, de consciência... do quê que pode ser feito, eu desconheço que tipo de atividade pode ser feita dentro do parque, não tenho nem ideia do quê que pode ser feito.” (VISITANTES)

4.4.5 Insuficiente infraestrutura, equipamentos e materiais

É fundamental poder contar com todos os instrumentos para garantir a proteção integral da unidade, pois a conseqüente falta ou insuficiência condiciona todo o acionar do corpo de proteção e sua efetividade. Apesar dos esforços realizados ao longo dos anos, ainda parecem necessários maiores investimentos. É importante ressaltar que a comunidade não vislumbra estes problemas, nem acha importantes, em relação aos demais grupos entrevistados, possivelmente, pela falta de envolvimento direto nas ações de proteção, pela aparente exuberância de infraestrutura (carros, alojamentos, centro de interpretação, dentro de outros), e pela falta de conhecimento de como deveria funcionar uma unidade modelo. Já os visitantes têm sido favorecidos ante as suas expectativas com a melhoria de informação nas trilhas, a partir da não obrigatoriedade dos guias. Nesse sentido, para eles, a infraestrutura é um aspecto positivo. Ainda assim, e devidamente justificado pelo papel do visitante no contexto, eles apresentam algumas sugestões para aprimorar a qualidade da visita, geralmente direcionadas à questão estética e ambiental com o lixo e melhoras na segurança

“Eu acho que falta de estrutura né, uma estrutura melhor pra receber os visitantes é, eu vejo assim que a falta de estrutura é algo que é o maior problema” (FUNCIONÁRIOS ICMBio)

“(..).Acho que mais investimento, mesmo, mais gente, mais equipamento..”, “ (..)..E equipamento para que não tenha nunca acontecer os incêndios sabe. Esses é um dos principais problema né (GUIAS LOCAIS)

“Então, eu acho que deveria colocar uns posto de serviço no fundo do parque aí. Pra vigiar a parte do fundo. É o que eu faria, sei lá. .. E, assim, correr atrás de equipamento, né? Equipamento. E equipamento. Necessita de um trator, necessita de um helicóptero na época do-- agora nessa época, não, na época do fogo”,“(..) E-- falta infraestrutura. O maior-- um dos maiores problema são esse”. (BRIGADISTAS)

“(..) Achei que as trilhas tão muito bem sinalizadas, né, eu tive aqui nesse parque há dezesseis anos atrás, a primeira vez, to voltando hoje né, é uma outra estrutura..”,“(..) Porque quando eu vim há dezesseis anos não existia..... Melhorou. “,”(..) Mas as trilhas estão muito bem sinalizadas... É mas... Então ta bacana” (VISITANTES)

“(..) Não sei se-- a-- mas umas-- umas lixeiras assim, ecológicas, né?, como eles dão a liberdade pra gente entrar com com alimentos e essas coisas... Então eu acho que tinha que ter um depósito, algum tipo-- em alguns lugares assim, estratégicos, pra depositar.” (VISITANTES).

4.5 A figura do Guarda-parque no contexto de proteção do PNCV

Fica evidente que nem todas as pessoas conhecem a figura de proteção, importância, funções e perfil dos Guarda-parques no contexto das Unidades de Conservação do Brasil. Possivelmente, derivado da escassa evolução que teve a implementação, proteção integral e efetiva das UC Brasileiras, em contraposição com os positivos esforços destinados à criação de novas UC. Nesse contexto geral, pouca coisa se conhece sobre os Guarda-parques e outras tantas se confundem ou se fundem em outras figuras de proteção. Na sequência, o Gráfico 4, apresenta o resultado da opinião dos entrevistados sobre a necessidade de Guarda-parques no Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros.

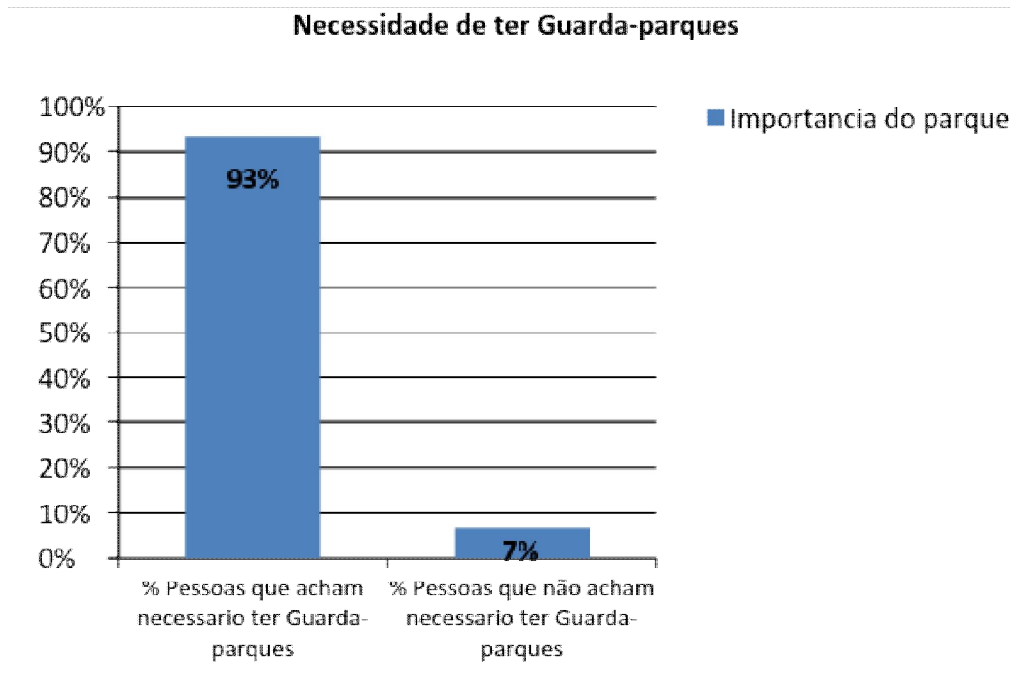


Gráfico 4: Opinião dos entrevistados sobre a necessidade de ter Guarda-parques no Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros. Fonte: Elaborado pelo autor.

Apesar da existência de um desconhecimento público sobre os Guarda-parques e suas funções nas áreas protegidas, a maior proporção dos entrevistados considera necessário a presença destes profissionais nesta UC. Uma porcentagem menor, correspondente aos indivíduos da comunidade, acha que não é necessária essa figura e maior proteção. Fato que possivelmente pode ser explicado pelo desconhecimento das funções. De forma geral, percebe-se um desconhecimento em alguns dos indivíduos entrevistados e uma importante clareza da figura em outros.

Finalmente, uma simples e direta associação de ideias permite distinguir e conectar os problemas de proteção na unidade com uma figura para tomar conta do PNCV.

“(.)...Não, um guarda mesmo é os que tá lá dentro, né? O que é lá dentro é o cara que Guarda-parque, chama Guarda-parque, porque vigia-- é-- fiscaliza lá dentro, né, andando lá pras Sete Queda... Que disse que na Sete Queda tinha lixo demais jogado no chão. Tinha muito papel higiênico porque lá eles ia no banheiro, né? Então tende a andar pra esse lado todo, né, pra poder fiscalizar. Esse é um Guarda-parque. Às vez eu tô lá-- na beira do rio lá, olhando lá eu sou o Guarda-parque, óia aqui-- óia aqui vou andando aqui por dentro, oiando, a trilha como é que tá. Se eu vejo alguém fazendo coisa errada eu chamo a atenção dele, né, mas não pra brigar, pra reclamar, pra

falar, pra dar conselho, né?..”, “(..).. eu creio que seria um uma .. alguém que trabalha dentro do parque nacional, em conservação da unidade, junto interagindo com a comunidade, visitantes e junto com o parque nacional, da forma mais viável de fazer uma visitação com segurança de ambos os lados, eu entendo por isso como Guarda-parque...”, “(..)..Olha na verdade eu não tenho bem o conhecimento do guarda parque sabe,...” (GUIAS LOCAIS).

“(..) Eu acho que o Guarda-parque-- ele é aquela figura, pensando em outros sistemas de áreas protegidas, até em estados que eu já fui que tem Guarda-parque, ele é aquela figura-- tem que ser uma figura cativante, que ela é aquela pessoa que pro visitante, que talvez esteja ali a primeira vez, é o cara daquele parque, é a pessoa quem protege aquele parque.”, “(..)Guarda parque pra mim é um profissional das-- das reservas ambientais, são-- são que fazem trabalhos muito de campo. Então eles estão ali como os olhos da administração é então eles estão ali rodando a unidade né, então tão a todo o momento na unidade percorrendo, recebendo público, dando instruções.”, “(..)Um guarda parque? É a pessoa responsável pela proteção da unidade, que fazem um trabalho, pode tá no rol de atividades dele a educação ambiental, proteção da unidade. Que no nosso caso como envolve , o guarda parque também atua ai na prevenção, junto com a brigada né e na proteção fiscalizando e fazendo o trabalho de educação ambiental na nas comunidades né. Eu acho que aqui teriam três, que agora vai vir uma outra pessoa no meu lugar, eu vou ficar só com a proteção e vou trabalhar mais com educação ambiental. Então eu me considero um guarda parque”(FUNCIONÁRIOS ICMBio)

A figura do Guarda-parque é confundida nas suas funções operativas por diversos grupos que desenvolvem atividades dentro de proteção dentro da UC, particularmente, pelos guias, guardas patrimoniais e analistas ambientais. Ainda assim, estes últimos atores são os que chegam bem mais próximos do que poderia ser o compendio de funções específicas que prestam os Guarda-parques profissionais no seu trabalho nas UC's. Mas, de alguma forma, a figura de Guarda patrimonial, tem sido confundida com a do Guarda-parque. Isto, possivelmente pela palavra “Guarda”, sua identificação (vestimenta), equipamentos, e porque estão sempre na portaria a toda hora e dia, cuidando e vigiando a portaria. E ainda que não façam de forma continua por questões contratuais, operativas e de capacidade, as diversas atividades de controle e vigilância da área e perímetro, proteção de valores ambientais e culturais, tarefas derivadas do uso público, educação e interpretação ambiental e tarefas de manutenção, eles, oferecem um importante barreira de contenção contra diversos ilícitos.

“(No meu modo de haver, eu acho que por enquanto os que estão exercendo o trabalho aqui de portaria, tão um ótimo trabalho. Eu acho que tá dentro do padrão, eu acho que não precisa mais acrescentar mais nada não, no meu conhecimento, as vezes até tem um ai que eu não tô, não tô bem claro, mais o que eles estão exercendo tá ótimo, eu só vejo esse lado igual eu falei né, que deveria fazer o percurso do Parque, mas no mais tá ótimo os guarda parque.” (GUIAS LOCAIS).

“Tem esses aqui que é o Guarda-parque porque eles é fiscal, né, fiscaliza aqui a portaria”, “(..)..Eles estão vigiando aqui o guarda parque de dia ele tá aqui guardando a portaria, tá controlando a portaria, mas se entra um cara, furar o arame lá e o parque, quebra uma árvore, arrancar uma planta, uma flor, matar um pássaro, matar até um bicho escondido” (GUIAS LOCAIS).

A concepção de um Guarda-parque está atrelada a uma mobilidade, a uma circulação permanente pela área e pelas comunidades vizinhas, mais que a uma posição fixa em uma portaria ou escritório. O Guarda-parque desenvolve atividades de controle e vigilância e monitoramento, fazendo longos percursos dentro da sua área e no entorno. Às vezes, prevenindo e desestimulando com a sua presença ações ilícitas, outras, aplicando a lei e detendo infratores, outras, dialogando e sensibilizando visitantes e comunidades. Também, monitorando a situação dos valores ambientais e culturais que estão sendo protegidos. Em definitiva, a função implica um amplo movimento dentro e no entorno das áreas protegidas.

A percepção da comunidade de São Jorge sobre o que é um Guarda-parque e sua figura, é um tanto escassa e confusa, possivelmente pela falta de contato com outras áreas, exemplos a nível estadual, federal e internacional e uma falta de conscientização local do PNCV. Um dos grupos entrevistados que teve maior dificuldade para definir a figura e funções dos Guarda-parque dentro de uma área protegida, confundindo com outras figuras de proteção, foram os brigadistas. Possivelmente, pelo limitado de suas ações e funções específicas que atendem basicamente só a questão do fogo.

“(..) Então tende a andar pra esse lado todo, né, pra poder fiscalizar. Esse é um Guarda-parque. Às vez eu tô lá-- na beira do rio lá, olhando lá eu sou o Guarda-parque, óia aqui-- óia aqui vou andando aqui por dentro, oiando, a trilha como é que tá. Se eu vejo alguém fazendo coisa errada eu chamo a atenção dele, né, mas não pra brigar, pra reclamar, pra falar, pra dar conselho, né? Então é o Guarda-parque é isso, que anda dentro dos parque. Dá uma olhando aqui, outro lá. Isso que é Guarda-parque, tem guarda que é portaria. O menino guarda aqui a portaria. E nós vamos guardar lá dentro, né?..” (GUIAS LOCAIS).

“Um guarda parque? Olha, um guarda parque pra mim hoje seria igual eu te falei, um fiscal”, “(..) É-- Faz-- Eu sou vigilante, né? Um Guarda-parque eu acho que ele tem mais autonomia do que eu. Ele tem mais-- mais alguma função, ele tem mais poder que eu porque-- eu não posso chegar e prender alguém, eu acho que o guarda-parque já, dentro do parque, ele-- ele tem-- tem esse poder, né? De-- de prender alguém, de ir ni fiscalização. A gente não pode. Fora do parque a gente não pode ir, o guarda po-- o Guarda-parque pode. Então eu acho que ele tem um pouco mais de-- de-- de poder, né, na mão do que a gente”, “(..) Eu acho que o Guarda-parque tem a função mesmo do fiscal, assim, do Ibama.” (GUARDA PATRIMONIAL)

“...Não, eu não conheço um guarda parque. Assim, pra mim é novo ainda, eu não sei o que que é a função, mas assim pelo nome guarda parque ele é... proteger né..”, “(..) O Guarda-par-- Guarda-parque, no caso um desses... Ah, quando tu fala “um Guarda-parque”, pra mim, eu acho que é um segurança aí, dando ronda no parque aí, Guarda-parque, assim-- ignorante assim, talvez eu pense nisso”, “(..) “Eu... bom assim pelo nome Guarda-parque assim seria, seria mais ou menos a parecido um vigilante”, “(..) Guarda-parque?... O guarda o senhor quer dizer?! Ata!! No meu modo de pensar o Guarda-parque é o seguinte ele tá guardando o parque né!? Pra num deixar deteriorar alguma coisa, se ele ver alguma fora do lugar ele vai lá colocar a coisa no lugar. Eu acho que é mais ou menos isso!”, “(..) Um Guarda-parque... Ele é um guarda, assim, igual-- aqui é terceirizado, né? O Guarda-parque seria do próprio órgão, do ICMBio. “ (BRIGADISTAS)

“(..) Uma pessoa responsável por... cuidar do parque. ..Aqui nesse parque tem isso?”, “(..) “Um Guarda-parque... É-- eu-- eu imagino que é alguém muito-- com uma função muito maior do que-- do que simplesmente tá circulando, orientando e-- e fazendo esse checklist, né, do que as pessoas vão-- vão deixando e interferindo. É-- não tenho ideia, mas assim-- não tenho ideia de quais são as outras atribuições mas imagino que seja algo maior, assim.” (VISITANTES).

4.6 A importância dos Guarda-parques

Ficou expressiva a percepção entre os grupos entrevistados, da importância e necessidade de uma figura profissional dedicada para atender todas às atividades inerentes a proteção integral dentro do Parque.

“(..) Então não falo só daqui não, todos os parque tem que ter Guarda-parque né, pra poder qualquer coisa funcionar.” “(..) ...Até porque tendo guarda parque nego respeita, ou queira ou não, tem que respeitar...”, “(..) ...Há essa necessidade de ele fazer trilha, fiscalizar o Parque acompanhar alguns grupos, porque tudo é impossível né, mas eu acho que seria mais a presença deles nos pontos das cachoeiras, nos local de banho...”, “(..) Se tem uma ordem de guarda parques, se tem, se tem aquele pelo menos, pelo menos aqueles guias práticos pra tá acompanhando, tá tudo beleza “, “(..) ...E aí precisa de muita pessoa aí dentro que o Guarda-parque não é só pra oiá as pessoa não, pra ver

que incêndio que tá saindo de dentro do parque, né? Às vez tá num lugar, tá vendo a fumaça levantando lá num lugar, fala-- aí liga aqui “ó, tem uma fumaça levantando em tal lugar assim, assim e assim”. Aí a pessoa já vai-- os brigadista já vai lá [inaudível] o fogo, ataca lá e paga rápido, né, não deixa aumentar o fogo. Então é muito importante, né, ter um Guarda-parque....” (GUIAS LOCAIS)

“(..) ah, eu acredito que, eu acredito que a figura dos guarda parques ainda não é instituída né, na administração pública federal, eu vejo que ela é de muita importância pras unidades em geral, eu acho que elas poderiam dá muito apoio, muito suporte e que de preferência isso teria que está assim nos editais de contratação das comunidades de entorno né, pra vê essa integração, porque eles que são os detentores do conhecimento, do local, dos bichos né. Então se pudesse valorizar esse conhecimento, e até valorizar a comunidade. Então eu acredito muito nessa proposta né, e não que por exemplo se torne mais um cargo de nível superior, que ai só vai entrar mestrado, doutorado. Hoje ICMBio analista ambiental quase todos já tem até doutorado, então é um cargo super né concorrido, então que os guarda parques a gente conseguisse criasse a estrutura de comunidade do entorno e valorizar as pessoas do local” (FUNCIONÁRIOS ICMBio)

Seguindo o análise anterior sobre a percepção da figura do Guarda-parques pela comunidade, consegue-se observar a importância de conhecer outros exemplos estaduais, nacionais e internacionais, para poder estimar a importância de ter Guarda-parques no PNCV. Uma outra opinião, poderia apontar para a falta de maturidade de uma “cultura de proteção de parques” no contexto das comunidades vizinhas às UC Brasileiras. A comunidade foi o grupo que menos achou importante a presença de Guarda-parques, seja por desconhecimento da figura e funções, seja por descontento com a UC e tentando evitar maiores controles oficiais e conflitos ou por preservar a mão de obra local. Dentro das opções, visualizamos que a falta de conhecimento é fundamental para não atingir uma porcentagem maior de aprovação aos 60% apresentados. Considerando que, na prática, o Guarda-parque deve trabalhar sempre muito perto da comunidade e a favor, esta aceitação poderá crescer no dia que existam realmente na Unidade e se compreenda melhor seu trabalho e benefícios locais associados.

“Ah, eu acho muito bom. Eu acho isso ótimo, sabe por causa de quê? Eu morei num lugar – porque eu sou do estado do Rio; eu morei num lugar, em Cachoeiras de Macacu. Você pegava a estrada de-- de-- do Rio pra Friburgo, de Niterói pra Friburgo, ele estava com aquela farda cáqui no meio da mata,den-- na estrada, porque a estrada corta o parque da Serra dos Órgãos. Aquelas estradas lá. Eles todos com aquela farda-- Ali... E cada orquídea naquelas árvore que dava

vontade da gente a parar o carro e panhar. Muita gente teve-- tinha vontade, mas não conseguia por causa deles. “(COMUNIDADE)

“Ah, que... Que-- que seja esse Guarda-parque bem, né? Porque negócio de-- só de vigilante não funciona. Porque o Guarda-parque pode acompanhar até o fiscal de Ibama, pode fazer impressão... E só isso... Tomara que aconteça, né?”“(.) “Com certeza. É sim. Porque vai ser tipo um-- a polícia mesmo, né? Cê tá ali-- cê sabe que tá mais protegido, vai--... O pessoal não vai fazer coisa aqui na vista de um Guarda-parque, né? Enfim” (GUARDA PATRIMONIAL)

“O Guarda-parque desses aí faz coisas de um ano, às vezes. Em termos de remuneração e ainda sobre dinheiro de caixa. Ajuda demais um Guarda-parque”,“(.) Ele, com certeza, ele vai ter um curso profissionalizante em cima, né, da área e ele pode tá trabalhando nessas área aí-- que ele pode autuar uma pessoa, entendeu? Porque aqui é poucos que tem, igual eu tava te falando, e melhoraria muito.” (BRIGADISTAS).

“(.)“Eu não sei, mas-- mas eu acho que-- que deveria ter, é... Um acompanhamento mais próximo. Hoje, de tempos em tempos, em locais estratégicos... ..Sim, eu acho que, pelo menos, se não na caminhada inteira, porque, realmente, talvez não seja necessário, mas, pontualmente, em lugares estratégicos, talvez fosse bom.” (VISITANTES).

O Gráfico 5 apresenta a opinião dos grupos entrevistados sobre a necessidade de Guarda-parques no Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros.

Opinião sobre a necessidade de Guarda-parques por grupo

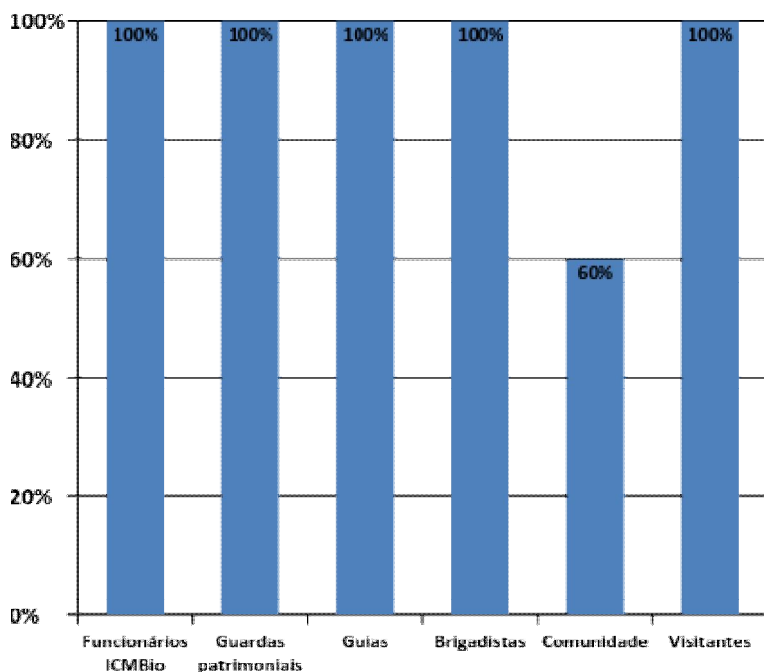


Gráfico 5: Opinião dos grupos entrevistados sobre a necessidade de ter Guarda-parques no Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros. Fonte: Elaborado pelo autor.

Quase todos os grupos acham importante a presença de Guarda-parques. Em sua totalidade o grupo da comunidade ainda apresenta algumas dúvidas. Possivelmente explicado pelo desconhecimento da figura, função e importância.

4.7 A concepção das funções do Guarda-parque dentro do PNCV

A *International Ranger Federation* (IRF) elaborou as funções e competências básicas dos Guarda-parques no contexto internacional de manejo de Áreas Protegidas (Competências Universais Essenciais).

Mas, considerando que não existem receitas de gestão e proteção, e que cada área é um universo com as suas próprias condicionantes particulares, parece claro que essas funções e competências também poderiam mudar de uma área para outra, serem

ajustadas na sua particularidade, mantendo a sua generalidade. Desta forma, existem as funções básicas e clássicas junto com as competências que o coletivo desenvolve em função dos convalidados objetivos nacionais e internacionais de manejo de áreas protegidas e sua criação. Nesse entendido, fica impossível não conceber as atividades de Controle e Vigilância, Pesquisa e Monitoramento, Educação e Interpretação Ambiental, Manutenção de Infraestrutura, Relacionamento público e comunitário, como atividades essenciais, transversais e replicáveis a qualquer Área Protegida com a intenção de poder cumprir seus objetivos de criação. Assim, outras atividades importantes como Busca, Resgate, Atendimento de Primeiros Socorros, Manejo de Espécies Exóticas e Prevenção e Combate a Incêndios acompanham as atividades principais.

(..)“Então.. Guarda-parque é aquele-- que como eu falei, né, aquele que ele pode tá presente nos atrativos, né, pode tá prestando orientação e informação; fazendo um pouco, dependendo do tipo de Guarda-parque e da localização, um trabalho de monitor ambiental, outro trabalho de-- ou da parte de polícia mesmo, né, de proteção, né? Ou da parte mais de orientação, de uma forma geral, então tendo esses-- esses aspectos assim, né? Então a-- é algo que eu vejo mais, que realmente é o nosso braço na ponta, de forma que a gente consiga saber o que tá acontecendo no parque. É ter pessoas dispersas por aí, né, pelo parque, dando esse apoio pra gente, pra gente conseguir respirar e trabalhar com a gestão mais-- de forma macro, né? Pensando em-- em recurso, outro pensando em administrativo, em burocracia de papel, né, em alguns trabalhos mais externos, né? Mas acho que esse é o papel fundamental que eu vejo um Guarda-parque. São nossos olhos, né, e braços e pernas nesse parque.”
(FUNCIONÁRIOS ICMBio)

"Eu acho que tipo uma fiscalização, né? Tem que fazer ronda, tem que, tem que, se ver uma coisa errada, ir lá e pedir pra num fazer, e tal. Eu acho que é essa parte. É um serviço assim... Mais aprofundado que o nosso hoje, que aí você vai ter uma autoridade, de chegar e falar cê pode ir numa comunidade, cê pode dar uma palestra, né, principalmente nas divisa do parque. E fazer o monitoramento, né? Igual a vigilância, ass-- sem-- fazer uma ronda, né? O Guarda-parque, vamo supor, ele vai ter um horário, vai ter um carro, onde ele sair aqui-- “hoje eu vou rodear o-- em torno do parque todo.” Aí entra num carro, vai lá e arrudeia e tal, se vê algumas coisa errada, anota, né? E passa pro-- pro chefe maior, né? Eu acho que a autoridade dele é essa”,”(..) “Pra mim..ou um...que trabalha dentro do parque...é, ah... ajudando essa equipe que já tem pra não deixar ninguém...Comparação: Vai pra cachoeira, não deixar ninguém jogar lixo, o turista num cortar uma árvore, num deixar...sempre limpo. E fiscalizar se tem caçador, garimpeiro quem vem de fora e quer entrar, e ajudar a fiscalizar” (GUARDAS PATRIMONIAIS).

“Eu acho que ele teria uma função mais de, de deslocamento de tá deslocando do interior do parque assim.. É vigiando mesmo,

cuidando, podendo é, o [gaguejou] autuar assim no fiscal assim... No que ele vê alguma coisa errada ele tem, tem o poder de autuar, vê assim um caçador, ele tá realmente protegendo o parque, tá protegendo a questão dos animais que o caçador quer caçar é... Questão de fogo, tá vigiando se alguém põe fogo, se o fazendeiro põe fogo, foguinho entra no parque” (BRIGADISTAS).

"(...) Que daria, não sei-- aí talvez ficaria em alguns pontos estratégicos do parque. Não só na entrada, como tem. Na entrada, chega e eles têm assistência, né? Passa videozinho e tal... Mas em todo o parque pra dar essa assistência a essas pessoas que tão passeando e tals e tão fazendo a trilha”,“(..) ajudaria na manutenção, na fiscalização..ficaria em alguns pontos estratégicos do parque. Não só na entrada, como tem. Na entrada, chega e eles têm assistência, ...Mas em todo o parque pra dar essa assistência a essas pessoas que tão passeando e tals e tão fazendo a trilha”,“(..)“Trabalha. Se alguém tiver fazendo alguma coisa errada, ele vai lá e-- chama a atenção .. fala o que que é certo pra fazer” (VISITANTES).

A percepção dos visitantes sobre as funções dos Guarda-parques talvez encontrasse um pouco diminuída e sem maior riqueza em relação aos demais grupos.

Possivelmente, pelo simples fato de não contar com muitos exemplos, de não contar com esta categoria profissional reconhecida, implementada e obrigatória a nível federal. A lógica diz que cada profissional deve estar no seu local, cumprindo com as suas funções, com base nas suas capacidades, habilidades e destrezas.

Outra opinião seria explicada pela falta de maior conhecimento e visitação de áreas protegidas em outros países e pelo pouco contato com o dia a dia dos problemas da unidade e sua resolução.

4.8 O perfil do Guarda-parque do PNCV

O perfil descrito pelos diferentes grupos entrevistados apresenta em sua concepção, aquele perfil imaginário que deveria ter um Guarda-parque para poder atender basicamente todos os problemas e ameaças da Unidade, prestar efetivo e correto serviço aos visitantes, fazer cumprir os objetivos de manejo e reduzir os níveis de insegurança. O Guarda-parque não vai poder ser nunca um super-herói, mas terá que chegar muito perto disso, porquê a proteção das Unidades de Conservação é assunto extremamente complexo e a máxima efetividade de proteção e manejo, apenas um sonho.

“(..).Olha primeiro ter um conhecimento sobre o cerrado né, a importância do meio ambiente“, ”(..)Acho que tem que ter o mínimo do conhecimento local, assim, que um tempo de moradia na Chapada

acaba te dando. Assim, conhecer o clima em si, a mudança das estações, a seca, a chuva, os perigos em si inerente do parque,..(..)...se for trabalhar num lugar onde tá o público ele vai ter que ter um tipo de treinamento. Se for agir num lugar onde tá, por exemplo, que-- que não tem tanta visitação e que for só pra-- pra tá fiscalizando, ele vai ter que ter outro tipo de-- de preparo, né? Assim, de caminhada, de primeiros-socorros, de informação ambiental coerente, né? Saber passar o porquê, não só falar “Não, isso não pode”, mas saber também explicar o por que não pode, né? (GUIAS LOCAIS).

“Ser um bom comunicador, um exímio conhecedor da Chapada, de preferência que seja alguém daqui, da localidade que, pensando especificamente, talvez algum guia, alguém que hoje é guia, condutor de visitantes, teria planas condições de ser um Guarda-parque, porque muito do trabalho do Guarda-parque é o trabalho do guia, né? Dá informação, dá percepção de que tipo de público que tá lidando, conhecer o visitante, sentir qual-- qual que é a expectativa, a motivação daquele visitante pra conhecer aquela área, e saber conduzir a coisa de acordo com a expectativa da pessoa, eu acho que tem que ter assim-- tem que ser-- acima de tudo é isso que eu falei: um bom comunicador e um bom conhecedor da região. Ah, e tem que gostar de por a mão na massa também. Tem que gostar de fazer um trabalho pesado, né? Um manejo das trilhas-- eu acho que-- que são essas três características principais” (FUNCIONÁRIOS ICMBio).

“Eu acho que, primeiramente, é-- o Guarda-parque, pra vim pra cá ele vai ter-- vai ter que ter um conhecimento-- a divisa do parque, a divisa de município, vai ter que ter conhecimento da área, principalmente isso. E conhecer de-- do-- do--do como abordar uma pessoa, como, no caso, se for o caso, de fazer uma multa, né? Eu acho que é, principalmente, tem que conhecer os municípios que tem em torno do parque...” (GUARDA PATRIMONIAL).

“É, ele tem que ter assim, um-- preparo de-- uma educação, saber lidar com as pessoas que era normal e foi acidentada por algum motivo, tem alguma deficiência. Depois ter um conhecimento bom com as plantas... É... Resgat-- resgate, salvamento, entendeu? A pessoa tem que ter um preparo, resgate, salvamento, porque tá lá, acontece as coisa, o cara tem que tá lá em cima, como se fosse um bombeiro, mesmo, né? Esses preparos do-- os primeiros-socorros. O cara preparado nisso aí: os primeiros-socorros, resgate e salvamento... Ter um conhecimento básico ali pra-- que a pessoa sofreu um acidente ou o cansaço extremo, uma câibra... Enfim, essas coisa.Esses preparo; de dá os primeiros-socorros de salvamentos de vida, como conhecimento do-- do parque geral, onde ele tá lidando, o tipo de planta que tem, os bicho... É-- o nome dos rios, nascente, aonde vai pra onde... Essas coisa assim.” (BRIGADISTAS).

“(..) Tem que ter paixão...É. Por exemplo: alguém jogou é-- um cigarro no chão. Ele não... “Ah, eu tenho que, que, que-- ah, repreender a pessoa porque ela jogou um cigarro no chão”. Não, aquilo ali tem que ser realmente ofensivo pra ele, né. Pra, claro, com respeito, pra ele coibir a pessoa de não fazer aquilo. Mas, é-- não simplesmente assim “Ah, eu não-- tenho que ir lá falar que não pode jogar o cigarro no

chão..Então tem que ter amor por aquilo”, “(..)Ah, uma preparação bem grande. Ele tem que entender de tudo, né? De fauna, de flora, de vegetação. Sim, um estudo mesmo, de região...”,“(..) De resolver problema. Tá... Que até ele escuta. Quando a gente vem visitar é ele que atende se você for reclamar, alguma coisa que tá errada, algum acidente lá que aconteceu... É ele que... Acho que é a primeira pessoa que você contacta assim...” (VISITANTES)

“Eu acho que o perfil do Guarda-parque deveria ser um perfil assim, né, bem uniformizado, né, pra poder impor segurança, impor respeito, e-- e bem preparados, né, tendeu? Bem preparado pra orientar as pessoas, entendeu? Dialog-- Como dialogar com as pessoas, isso é essencial; e também, assim, bem equipado. Equipado assim: com um carro bom, com transporte. Eu acho que isso é essencial. Pruque aí sim, ele tando bem uniformizado, bem seguro, um transporte excelente pra impor respeito, que ah-- né?” (COMUNIDADE)

Na Tabela 7, que segue, é apresentada a opinião dos grupos em relação ao perfil de Guarda-parques necessários para atender o universo de problemas e ameaças da unidade em contraposição com as “Competências Universais Essenciais dos Guarda-parques”, geradas pela Federação Internacional de Guarda-parques (FIG).

Tabela 7: Comparação do perfil de Guarda-parque sugerido pelos entrevistados para o PNCV e as Competências Universais essenciais dos Guarda-parques, segundo a Federação Internacional de Guarda-parques.

Competências Universais essenciais dos Guarda-parques Federação Internacional de Guarda-parques (FIG) <small>(SMITH, 2003)</small>	Perfil de Guarda-parque sugerido para o Parque Nacional Chapadas dos Veadeiros (com base nas opiniões dos entrevistados)
<p style="text-align: center;"><u>ECOLOGIA BÁSICA E CONSERVAÇÃO</u></p> <p>Conhecimentos de:</p> <ul style="list-style-type: none"> ● Princípios, funções e processos das paisagens naturais e culturais, para incluir e reconhecer os seres humanos e sua influência sobre as paisagens. ● O que é natural ● Métodos e mecanismos de autodescoberta ● Monitoramento básico e 	<p style="text-align: center;"><u>ECOLOGIA BÁSICA E CONSERVAÇÃO</u></p> <p>Conhecimentos de:</p> <ul style="list-style-type: none"> ● Pesquisa, Biologia, Ecologia ● Preservação e conservação ambiental ● Gestão de áreas protegidas, funções e objetivos ● Clima local ● Sobre o “Cerrado” e suas particularidades (região da Chapada) ● Geografia e historia (historia do parque) ● Biodiversidade (animais, arvores e plantas) ● Conhecimento multidisciplinar (conhecimentos da Engenharia ambiental e Biologia) ● Conhecer toda a área e seus caminhos ● Reflorestamento (gerar mudas de espécies)

<p>técnicas de medição.</p> <p>Habilidades para:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Saber observar e detectar mudanças na paisagem e tomar medidas apropriadas de conservação, incluindo o registo, elaboração de relatórios, como forma de manejo apropriado. 	<p>Habilidades para:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Para aprender • Lidar com as questões ambientais
<p><u>GARANTIR A INTEGRIDADE DOS ECOSISTEMAS</u></p> <p>(Proteção de recursos, conhecimento de arcabouço legal e sua finalidade, relacionamento da Área protegida)</p> <p>Conhecimentos de:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Relevantes e aplicáveis estratégias, tratados, leis, convenções e políticas a nível internacional, nacional, estadual e cultural. <p>Habilidades para:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Aplicar a legislação existente de forma adequada; entanto exercita a segurança pessoa e proteção dos outros. • Exercitar procedimentos e processos legislativos e administrativos, incluindo a coleta de informações e preparação para julgamentos no tribunal, etc. 	<p><u>GARANTIR A INTEGRIDADE DOS ECOSISTEMAS</u></p> <p>Conhecimentos de:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Leis ambientais, regulamentos e seus limites • Gestão pública (funções e conduta de um servidor público) • Processos administrativos • Policiamento <p>Habilidades para:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Autuar infratores (fazer uma multa) • Desenvolver atividades de fiscalização e vigilância (Controle e Vigilância) • Desenvolver patrulhamentos • Abordagem de pessoas (experiência com o trato de infratores (ex. caçadores)) • Socializar e lidar com pessoas e grupos.
<p><u>INTERPRETAÇÃO, EDUCAÇÃO E INFORMAÇÃO</u></p> <p>Conhecimentos de:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Filosofia da interpretação e da educação ambiental e a sua importância e seu 	<p><u>INTERPRETAÇÃO, EDUCAÇÃO E INFORMAÇÃO</u></p> <p>Conhecimentos de:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Educação e interpretação ambiental • Turismo • Idiomas • Atendimento de visitantes (saber como atender os reclamos)

<p>papel na salvaguarda dos recursos da área protegida.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Métodos e técnicas de interpretação e educação. <p>Habilidades para:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Comunicar efetivamente utilizando uma grande variedade de métodos, e a um nível profissional e global. 	<p>Habilidades para:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Expressar ideias e recomendações, saber expressar-se com diferentes atores (bom comunicador) • Fazer um trabalho educativo e conscientizar (saber passar sabedoria e conhecimentos de fauna, flora, etc.) • Ensinar (dar explicações com fundamento, demonstrar) • Apresentações públicas • Saber orientar pessoas (oferecer tratamento diferencial para as diferentes faixas de idade)
<p><u>RELACIONAMENTOS COM TODAS AS COMUNIDADES RELEVANTES E OUTRAS PARTES INTERESSADAS</u></p> <p>Conhecimentos de:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Quem são os vizinhos e aqueles que vivem nas áreas protegidas e que conhecimentos e expectativas que eles têm (a sua cultura). • Agendas políticas locais e "pessoas chave" nas comunidades. <p>Habilidades para:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Demonstrar sensibilidade e tolerância política, social e cultural. • Envolver e integrar as comunidades nas questões de manejo da área protegida. • Ouvir efetivamente e se envolver em facilitação, resolução de conflitos e resolução de problemas. 	<p><u>RELACIONAMENTOS COM TODAS AS COMUNIDADES RELEVANTES E OUTRAS PARTES INTERESSADAS</u></p> <p>Conhecimentos de:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Os vizinhos e redondezas, seus problemas e necessidades (convívio prévio com o parque e o pessoal da comunidade) • Sustentabilidade comunitária • Atividades agropecuárias <p>Habilidades para:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Relacionamento com a população do entorno e como repassar conhecimento • Resolução de problemas (conflitos) • Segurança para as pessoas da comunidade
<p><u>RESPOSTA A EMERGÊNCIAS</u></p> <p>Conhecimentos de:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Como cuidar de si mesmo e viajar com segurança em áreas com característica de selvagens ou primitivas da área protegida. • Procedimentos de emergência relativos a pessoas, flora e fauna, etc. 	<p><u>RESPOSTA A EMERGÊNCIAS</u></p> <p>Conhecimentos de:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Primeiros socorros (saber imobilizar e aplicar curativos) • Segurança, riscos e prevenção de acidentes na área (conhecer os perigos do parque) • Natação • Prevenção, combate e manejo do fogo <p>Habilidades para:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Busca e resgate (extração de vítimas)

<ul style="list-style-type: none"> • Responsabilidades dos órgãos competentes • Responsabilidades da instituição e os limites das próprias responsabilidades • Estrutura e hierarquia de liderança e manejo relevantes para uma emergência particular. <p>Habilidades para:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Responder apropriadamente a situações de emergência e incidentes característicos de sua área protegida, incluindo, assuntos como busca, resgate, supressão de incêndio, primeiros socorros, meio ambiente e desastres naturais. 	
<p style="text-align: center;"><u>TECNOLOGIA E MANUTENÇÃO DE INFRAESTRUTURA</u></p> <p>Conhecimentos de:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Como funciona, o que isso faz e como isso deve ser mantido. <p>Habilidades para:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Gerir, manter e operar com segurança uma variedade de infraestrutura e equipamento. 	<p style="text-align: center;"><u>TECNOLOGIA E MANUTENÇÃO DE INFRAESTRUTURA</u></p> <p>Conhecimentos de:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Trilhas <p>Habilidades para:</p>
<p style="text-align: center;"><u>COMUNICAÇÃO E RELAÇÕES NO TRABALHO</u></p> <p>Conhecimentos de:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Princípios de gestão de recursos humanos • Trabalho participativo em equipes <p>Habilidades para:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Operar efetivamente como membro de uma equipe. 	<p style="text-align: center;"><u>COMUNICAÇÃO E RELAÇÕES NO TRABALHO</u></p> <p>Conhecimentos de:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Saber trabalhar em equipe <p>Habilidades para:</p>

<p><u>ASSUNTOS ADMINISTRATIVOS DE ESCRITÓRIO, MANEJO DE PROJETO, MANEJO FINANCEIRO, PLANEJAMENTO OPERACIONAL</u></p> <p>Conhecimentos de:</p> <ul style="list-style-type: none"> ● Princípios empresariais básicos ● Procedimentos básicos administrativos, arquivamento de informação e manejo de correspondência, etc. ● Procedimentos de comunicação de informação (relatórios), aplicáveis e adequados. <p>Habilidades para:</p> <ul style="list-style-type: none"> ● Escrever de forma eficaz ● Manejo de projetos e orçamentos, incluindo preparação de monitoramento, avaliação e revisão. ● Demonstrar como, onde e o que planejar, implementar, avaliar e atualizar ou revisar. 	<p><u>ASSUNTOS ADMINISTRATIVOS DE ESCRITÓRIO, MANEJO DE PROJETO, MANEJO FINANCEIRO, PLANEJAMENTO OPERACIONAL</u></p> <p>Conhecimentos de:</p> <p>Habilidades para:</p>
---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de Smith(2003).

As opiniões dos entrevistados foram de considerável riqueza aportando as particularidades locais para a construção de um perfil necessário de Guarda-parque para conseguir atender aos problemas e ameaças da unidade.

Entanto, algumas competências, habilidades e destrezas básicas que compõem o perfil do Guarda-parque a nível mundial, não foram vislumbradas pelos entrevistados. Exemplo disto foram os vazios de informações para as atividades de respostas à emergências, administração, planejamento, manejo de recursos financeiros, gestão de recursos humanos, comunicação, manejo de tecnologia e manutenção de infraestrutura. Estas omissões podem estar atreladas ao desconhecimento do amplo espectro de atividades que desenvolvem os Guarda-parques dentro de uma UC, ao desconhecimento

das tarefas profissionais e preparação transversal que eles necessitam ter para trabalhar em uma UC e a uma visão de tarefas estritamente de campo e focalizada na prestação de serviços gerais, que usualmente são atribuídas os Guarda-parques no Brasil.

As competências universais pretendem atender à generalidade dos objetivos e desafios nas áreas protegidas a nível mundial. Mas, a busca pela definição final das particularidades que complementem esse perfil universal deve ser construído no nível da gestão local. Assim, foram treinados durante anos Guarda-parques comunitários da região Amazônica com treinamentos específicos de abordagem fluvial e manutenção básica em motores de popa (ACT-Brasil, 2009). Aspecto que pode ser bastante irrelevante em uma unidade de conservação do cerrado sem cursos de água navegáveis.

Nesse sentido, a melhor efetividade do Guarda-parque em campo, dependerá da criação desse perfil particular e local, que consiga pelo treinamento específico, manejar com suficiência todos os problemas locais de proteção.

A Tabela 8 apresenta os valores e atitudes que deveriam ter os Guarda-parques para trabalhar no PNCV, considerando as exigências para o enfrentamento dos problemas e ameaças e a necessidade de uma melhor proteção dos valores presentes.

Tabela 8: Valores e atitudes do Guarda-parque para o PNCV sugerido pelos grupos.

<u>VALORES E ATITUDES</u>
<ul style="list-style-type: none">● Paixão e carinho pelo trabalho que desenvolve● Ter consciência ecológica● Amor pela natureza, pelo ambiente e o contexto local● Gostar de fazer (ter atitude ativa)● Ter boa vontade● Correto e pontual● Ser uma boa pessoa e ter bom trato com as outras● Honesta, pessoa com ficha limpa, que não se venda● Fiel moralmente● Ter muita responsabilidade● Neutro● Ter caráter e atitude (ter pulso, que imponha respeito)● Saber escutar e aceitar recomendações● Ser bem esclarecido e instruído● Boa percepção e antecipação● Ter tolerância e manejo dos instintos (não ser agressivo)● Capacidade de progressão profissional e vontade de ocupar cargos superiores (quer melhorar)● Gostar de fazer trabalho pesado● Ter condições psicológicas positivas● Ter respeito e empatia pela comunidade local● Trabalhar pela sustentabilidade econômica local

- Ser um motivador de visitantes
- Ter máxima educação

Fonte: Elaborado pelo autor.

As informações apresentadas pelos grupos entrevistados detêm uma riqueza relevante e encontram-se com matizes da cultura local. O perfil requerido aponta para uma pessoa que tenha vocação pela proteção da natureza, de bom trato, de altos valores morais e com as condições para ser um articulador local. Um aspecto que aparece é a vontade de superação pessoal para poder aceder a cargos superiores. Isto implicaria, entre outras, ter na instituição uma estrutura que permitisse essa mobilidade ascendente com estímulos permanentes aos funcionários. A Tabela 9 mostra um compilado de qualidades, valores e atitudes desejadas para os Guarda-parques no desenvolvimento das suas funções nas áreas protegidas.

Tabela 9: Qualidades valores e atitudes desejadas para os Guarda-parques

Qualidades, valores e atitudes desejadas para os Guarda-parques
Amor pela natureza, identificação com ela: floresta, plantas e animais.
Visão holística, ética e altos valores morais e ambientais.
Dedicação, motivação, inspiração, mística.
Vontade de trabalho, honestidade, lealdade, disciplina, responsabilidade.
Boa presença e identificação com a instituição
Iniciativa e liderança.
Preparação interdisciplinar, capacidade de análise e critério.
Capacitação para tarefas de campo.
Amplitude de conhecimentos e destrezas.
Capacidade de adaptação a distintas situações e requerimentos dos novos paradigmas de conservação.
Habilidades de negociação e comunicação.
Preparação para enfrentar riscos, perigos e situações extremas.
Bom estado psicofísico (condições e ânimo para desenvolver exercícios regulares)
<i>Fonte: Elaborado pelo autor, a partir de SMITH (2003); PHILIPP (2003); IRF (2014); MOORE (1993); ABG. (2014)</i>

Para atender ao enorme desafio que supõe a proteção de uma área protegida é necessário contar com Guarda-parques que tenham positivas qualidades pessoais, valores e atitudes. Comparando com o exposto pelos grupos entrevistados (Tabela 8), podemos observar que existe uma base comum, mas, também existem particularidades que se complementam e seguem um traço sociocultural regional. Apesar de que o perfil de Guarda-parque para o PNCV expressado na (Tabela 7) e as qualidades desejáveis para o Guarda-parque (Tabela 9), serão sempre muito procuradas na conformação de um quadro de Guarda-parques, na prática, sabemos que são difíceis de achar em uma só pessoa. Ali também, radica a importância de ter uma equipe grande de Guarda-parques e o trabalho em conjunto e complementar de acordo com as possibilidades de cada um.

A seguir, a Tabela 10 apresenta as opiniões dos grupos entrevistados em relação às condições e características que deveriam ter os Guarda-parques para trabalhar no PNCV.

Tabela 10: Opiniões dos grupos entrevistados em relação às condições e características que deveriam ter os Guarda-parques para trabalhar no PNCV.

<u>OUTRAS CONDIÇÕES MENCIONADAS</u>
<ul style="list-style-type: none">● Ser morador local● Ter um bom salário● Ter concursado● Ser funcionário público federal (contrato público)● Ser uma pessoa jovem e forte● Ter resistência física (boa condição para caminhar, correr, fazer salvamento)● Estar bem equipado (ter uniforme)● Ser instruído, ter algum estudo, preparação, conhecimento ou formação em alguma área.● Ter especializações em alguma área do conhecimento● Ter Curso de Guarda-parque● Receber capacitação e cursos profissionalizantes● Ter perfil de instrutor● Aprender com o sistema e na marcha (aprender fazendo)● Ter transporte à disposição para cumprir com as tarefas● Ter experiência anterior como guia local e condutor de visitantes● Ter capacidade/permissão para circulação com veículos● Ter poder de apreensão de infratores

Fonte: Elaborado pelo autor.

A escolha de uma metodologia adequada para o levantamento e análise dos dados garantiu a obtenção de informações substanciais e detalhadas sobre o perfil de Guarda-parque vislumbrado e desejado pelos grupos para o PNCV. Estas colocações também seguem um traço sociocultural regional e posicionam algumas das demandas que os contratantes deverão observar na hora de oferecer uma posição para Guarda-parque.

4.9 Quantidade de Guarda-parques necessários para o PNCV

Tentar determinar o número de Guarda-parques necessários para uma Área Protegida é uma tarefa complexa, influenciada por diversos fatores. E apesar de vários intentos e pesquisas de suporte, ainda não existe uma ferramenta a nível nacional ou internacional que consiga determinar a quantidade exata de Guarda-parques que deveria ter uma Área Protegida para atender a totalidade da gestão com efetividade, ao longo do ano, estações climáticas, agendas turísticas, problemática, eventos, etc. Nessa lógica, seria importante determinar o que seria o suficiente e o mínimo indispensável. Assim, poder determinar quantos Guarda-parques são suficientes não é simples de responder.

Com a intenção de poder aproximar esse número, a pesquisa consultou aos indivíduos dos grupos entrevistados para que oferecessem um estimativo do número de Guarda-parques que conseguisse dar respostas a todos os problemas e ameaças que apresenta o Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros para a conservação dos valores ambientais e culturais, como mostra o Gráfico 6.

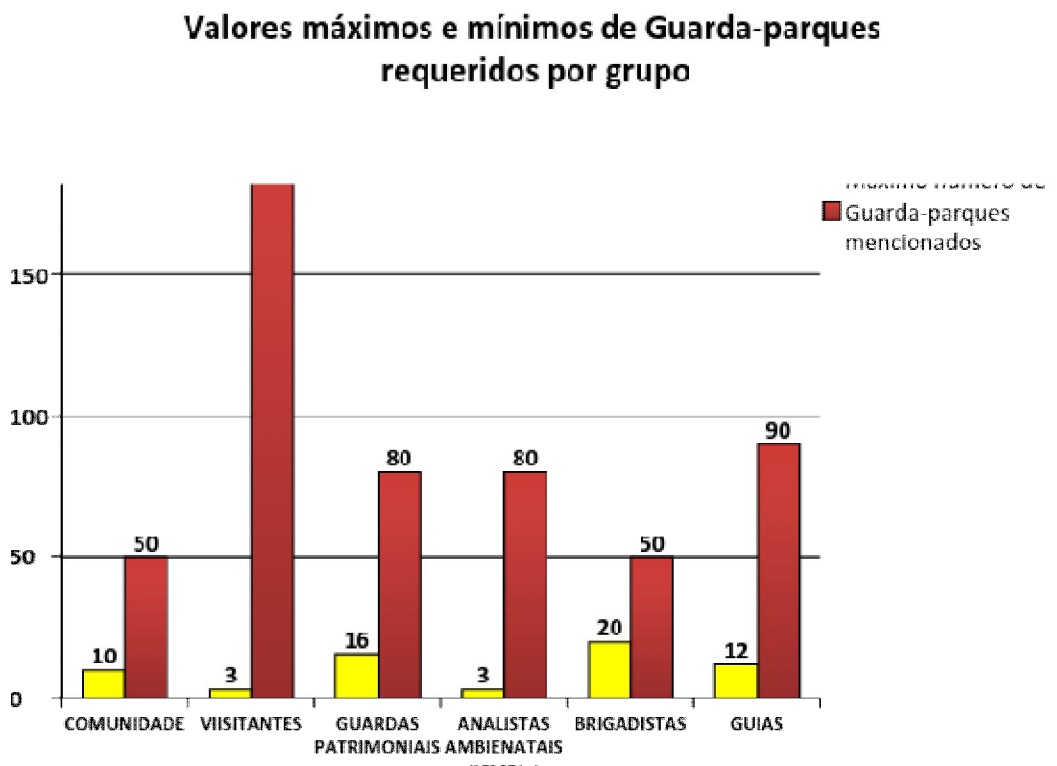


Gráfico 6: Valores máximos e mínimos de guarda-parques requeridos por grupo.
 Fonte: Elaborado pelo autor.

Foram trabalhados os valores máximos e mínimos emitidos pelos diferentes entrevistados dos grupos. Desta forma, os resultados apresentam claramente a necessidade de um contingente expressivo em todos os grupos.

O grupo dos visitantes, possivelmente influenciados pela ignorância das condicionantes de proteção *in loco*, são os que mais se manifestaram a favor de contar com um número importante de Guarda-parques. A visível diferença com os demais grupos, possivelmente esteja condicionada pela situação de insegurança vivenciada na visita e pelas necessidades insatisfeitas resultantes após a mesma. Já o grupo dos Guias pode justificar o segundo maior número de Guarda-parques sugeridos pelo seu conhecimento sobre a real situação da proteção e o estado de insegurança dos valores e visitantes da Unidade. Nessa linha de pensamento, insere-se o grupo dos Analistas Ambientais e Guardas patrimoniais que detém o maior conhecimento da situação de proteção e segurança, pelo seu convívio diário na Unidade. Já os brigadistas (de contratação temporal), por questões específicas às funções desempenhadas, incluem pouco contato com os visitantes, têm dificuldades para observar a real necessidade de

contar com um maior número de funcionários dedicados às tarefas de proteção o ano todo. Assim também, a percepção conceitual e prática de contar com um número maior de Guarda-parques, pode estar condicionada pelo desconhecimento das implicações das tarefas desenvolvidas por eles, em um contexto do “triângulo de proteção”.

“(.) se for a ideia, preservar o parque mermo, acredito que um pessoal grande, assim..(.) Talvez 30, não sei..”, “(.) De doze a quinze”, “(.) Acho que seria necessário aproximadamente uns noventa funcionários né, pra tá lidando no dia a dia, pra tá revezando né..(.)” (GUIAS LOCAIS).

“(.) Ai, teriam que ser muitos Guarda-parques... Aí uns 80 Guarda-parques, pensando... Isso sem querer ser exagerada. Isso não é nada, né?”(FUNCIONÁRIOS, ICMBio)

“Eu acho que seria uns 80 porque tem que revezar horários né? Igual a gente trabalha aqui, seria mais ou menos uns 80 .pelo menos pra começar né, porque eu acho que assim...” (GUARDA PATRIMONIAL).

“(.)..que dos 100% que a gente imagina ter, a gente tenha pelo menos 50”,”(..)..Ah, como a extensão do parque é grande tem que ser no mínimo umas 20 pessoas” (BRIGADISTAS).

“(..)Umas cem pessoas com cem pessoas ..”,“(..)Cara, não sei, eu acho que, seguramente, uma equipe de-- de acho que mais de 200 pessoas. “. (VISITANTES)

Para a grande maioria dos visitantes é fundamental a sensação de estar sempre bem atendidos, protegidos, e que a sensação de insegurança seja a menor possível. Isso poderia explicar, em parte, os números altos de Guarda-parques necessários que foram recomendados pelo grupo. Outro fator a considerar seria o fato da distância com o dia a dia, o desconhecimento aprofundado de uma estrutura de proteção, do trabalho e funções do Guarda-parque, das dimensões do parque e seus problemas e ameaças.

4.10 Sensação de segurança com a presença de Guarda-parques

O fator humano é determinante para construir uma sensação de segurança em uma Área Protegida. No Gráfico 7 são mostradas as opiniões dos entrevistados em relação à sensação de segurança com a presença de Guarda-parques no PNCV.

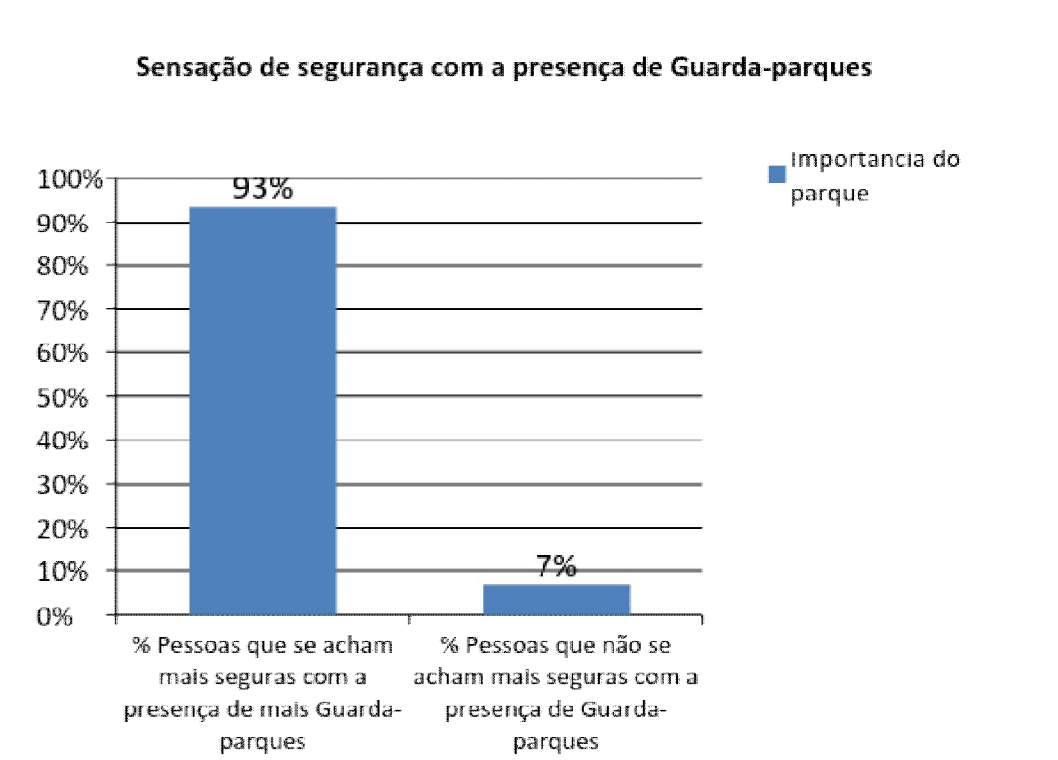


Gráfico 7: Opinião dos grupos entrevistados sobre a sensação de segurança com a presença de Guarda-parques no Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros. Fonte: Elaborado pelo autor.

É possível afirmar que a maior proporção dos entrevistados acredita existir mais segurança com a presença de Guarda-parques na UC. A opinião parece lógica e acompanha um reconhecimento do potencial e contribuição real do papel.

Fica clara que a sensação de segurança encontra-se na prática atrelada e dependente de múltiplos fatores. Mas, alguns deles, como contar com pessoal Guarda-parque em quantidade e qualidade, organizados, aptos e preparados psicologicamente e fisicamente para atender às condicionantes locais, com diferentes habilidades complementares, com estrutura, equipamentos e materiais adequados, com financiamento suficiente para desenvolver as ações de proteção, contando com planejamento e uma gestão ativa efetiva, fazem e farão sempre a diferença nessa sensação.

De alguma forma, a sensação de segurança e de risco está diretamente vinculada aos aspectos culturais, e isto, claramente muda de região em região. Também, para alguns visitantes, a sensação de insegurança pode ser um fator de satisfação positiva de visita (andar em um ambiente selvagem e sem controle). Ainda assim, o parque deve

seguir os objetivos de conservação, as leis municipais, estaduais, federais sobre segurança e saúde humana, e claro, o bom senso.

“(..).Se tem um pessoal dentro do Parque eles se sentiriam mais seguros né. Então ele sentiria mais seguro, quanto mais funcionário guarda parque ele se sentiria mais seguro...”, “(..) Então a segurança do visitante aqui dentro é o próprio guia né...”, “(..)..porque o pessoal que vem da cidade, quem anda lá no asfalto dentro dos apartamento é bastante diferente, não tem nada a ver com isso aqui né, pode causar um acidente por falta de conhecimento.”, “(..)“... Porque a natureza cobra caríssimo, eles entram dentro de uma reserva, por exemplo aqui, muitos quebra pedra, muitos risca a rocha, muitos quer banhar onde não pode, muitos que fazer essas coisas, e não pode, então tem que tá ai, tem que ter essa segurança.”, “(..).”a própria vida do visitante, principalmente em época de chuva que é muito riscoso os-- as trombas d’água né, a gente nessa época tá ai dentro de qualquer hora, momento acontecer um acidente por conta da nossa presença né, que foi tirada”. (GUIAS)

“(,,) Tendo bons Guarda-parques, né, os que saibam lidar com público, né, porque isso é realmente primordial, né, então, de fato, as pessoas se sentiriam mais seguras ...” (FUNCIONÁRIOS ICMBio)

“(..)...Ele-- ele encontra um-- um turista se perde aí, ele encontra um Guarda-parque, ele vai sa-- vai saber dá explicação, vai orientar o turista, vai conseguir tirar o turista-- dependendo do local, ele vai conseguir. Então eu acho que sim, se sentiria mais seguro. Ainda mais agora que tá liberada a entrada sem guia, né? É-- a pessoa contrata se quiser... Então já teve muitos casos aí de gente se perder, dentro do parque. Então eu acho que seja muito importante.” (GUARDA PATRIMONIAL).

“(..)...Com o Guarda-parque a pessoa fica mais assim: isso não posso fazer, isso é proibido que o cara pode ver, então não vou fazer ...Questão de segurança, o cara fica, não vou banhar aqui que tá tranquilo, tem o Guarda-parque ali...que se me ..se acontecer alguma coisa eu tô seguro, tal se vem alguém aqui para me ajudar né?! na trilha se o pessoal se perder tem o Guarda-parque ai andando ai...Seria mais seguro né?! E pro Parque seria fundamental e na preservação também principalmente dos atrativos...” (BRIGADISTAS).

Um dos grupos entrevistados chaves e que pode falar com propriedade na questão de sensação de insegurança na visitação, são os próprios visitantes. É evidente a relação direta entre uma visita de qualidade e satisfatória com um bom nível de segurança.

“(..)É... Será que, por exemplo, se eu tiver uma queda de-- de pressão ali no parque, né? “Ah, liga pro 192 ou 193”, mas se eu desmaiar, como que eu vou ligar?”, “(..)..Na... Há dois dias atrás, o passei que eu fiz, eu fiz sozinho. É... Eu tinha uma certa ansiedade, principalmente na volta, né? Que você tem a preocupação “Ah, 18h, eu tenho que tá aqui portaria”, “(..) Eu senti uma sensação de insegurança pelo fato de estar sozinho ali.”..E você fica muito sozinho, eu acho. Talvez,

realmente, é... O nível de dificuldade, em si, sejam em trechos muito episódicos. Mas o fato de você tá sozinho é muito aberto. Você tá sem guia, você tá exposto àquilo. E... Eu imagino que grande parte que venha pra-- pra esse tipo de-- de passeio tenha alguma experiência, faça é-- coisas semelhantes, mas não é conhecedor dali daquela região onde está, né? E, às vezes, você ficar muito-- muito livre, sem alguém mais conhecedor ali da região, às vezes pode te expor a perigos sim.” (VISITANTES)

No Gráfico 8 apresentam-se as opiniões dos grupos em relação a sensação de segurança com a presença de Guarda-parques no Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros.

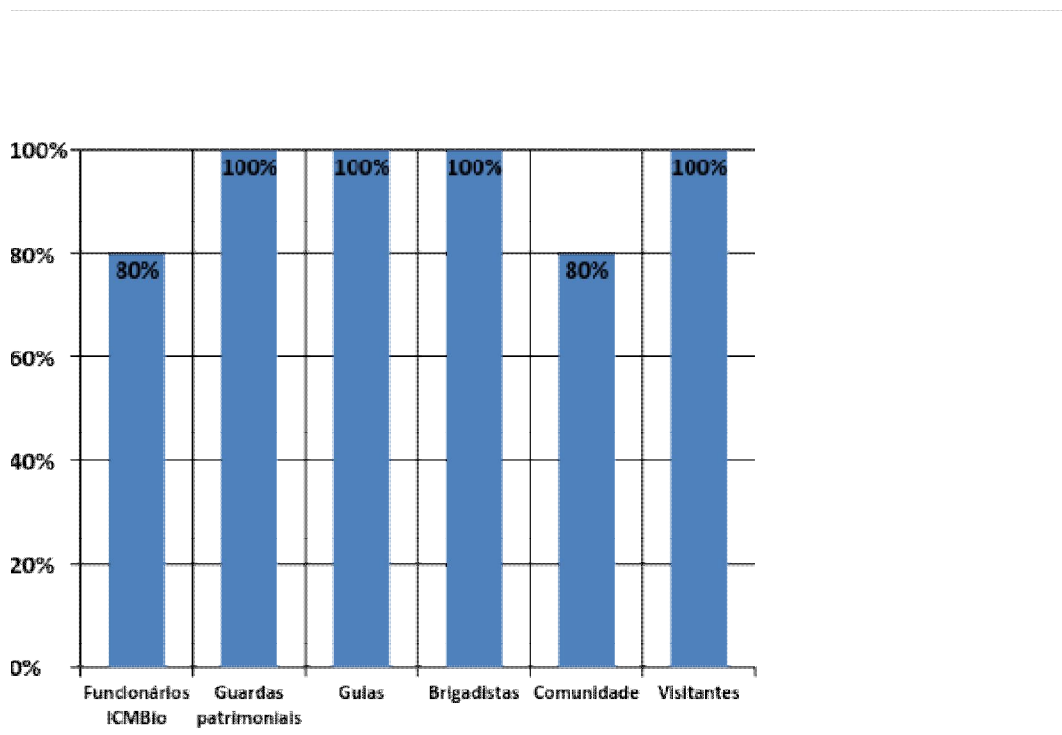


Gráfico 8: Opinião dos grupos entrevistados sobre a necessidade de segurança no Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros. Fonte: Elaborado pelo autor

Uma opinião bem objetiva e causal apresentada pelos grupos entrevistados permite observar que a maior proporção deles se sente mais seguro com a presença de Guarda-parques. Os visitantes representam um grupo muito susceptível a questões de segurança em uma UC e são um termômetro da situação, neste caso, opinando a favor de mais segurança. Já alguns entrevistados da comunidade e funcionários do ICMBio não possui esse entendimento.

4.10.1 A sensação de segurança pessoal que experimentam os protetores do parque

A sensação de segurança de visitantes e trabalhadores em uma Área Protegida é uma questão de extrema importância, porque reflete na própria vida, com um estado de alerta e insegurança permanente, com a perda de sensações agradáveis, com experiências nefastas e com a publicidade e marketing negativo para a unidade (após a visita). Também, vai contra a imagem da instituição gerenciadora, os protetores e a comunidade vizinha.

Nas entrevistas dos grupos ficou claro que a segurança dos atores que participam articulando as diversas tarefas de proteção da Unidade é fundamental tanto para assegurar a permanência e qualidade dos valores presentes, garantir a integridade física dos visitantes, como também, para manter a saúde individual e coletiva dos protetores e sua fonte de trabalho.

“Não nós nos sentimos ainda um pouco inseguro, porque quando nos necessitamos de um, de um chamado urgente, nós não temos nenhum equipamento, carrega no projeto, no papel ai que não tem nenhuma segurança né...”,“(..).Então nós não sentimos segurança nenhuma..”
(GUIA)

A opinião dos funcionários do ICMBIO sobre a segurança reflete uma preocupação importante, ainda assim, as opiniões estão divididas entre os entrevistados.

“Agora, sem sombra de dúvida, a proteção é mais-- é extremamente perigosa, né, complexa, né, arriscada, né, e que-- eu, pessoalmente, acho que a gente não tem uma capacitação tão aprofundada pra fazer isso sozinhos, né? Nós não somos policiais, né, nós temos um bom treinamento de-- até maior do que a polícia em relação à quantidade de tiros, por exemplo, mas enfim... Isso não é o suficiente pra, de repente, a gente se tornar policiais quando é necessário, né?”,“(..)
“Olha eu, eu posso falar por mim, as vezes eu não me sinto seguro não, tanto em, na utilização de equipamentos, a gente usa muito equipamento obsoleto, carros obsoletos, então não é segurança. Muitas vezes também dentro do Parque, por exemplo eu já flagrei caçadores , eu tava eu e mais um eu não me senti seguro pra fazer uma abordagem entendeu, é eu também não fui pra aquilo eu fui pra filmagem então é, em dias de grande turismo né, a gente sempre tá suscetível a alguma coisa né, que é agente público né, e de certa forma tem uma visibilidade maior, eu não me sinto cem por cento seguro não!”(FUNCIONÁRIOS ICMBio)

“Os caras não fazem ronda à noite, com medo. Os cara têm medo”,
”Então, tá precisando sim de focar mais alguma coisa pra cá. Vamo

focar lá porque lá tá precisando sim dum apoio, eu acho que na segurança nossa sempre tá precisando ..." (BRIGADISTAS).

Os visitantes são os que menos instrumentos possuem para poder avaliar a segurança dos protetores do PNCV, podendo observar questões em relação a infraestrutura, materiais e equipamentos presentes, e, muito particularmente, aos equipamentos de proteção individual (EPI) usados pelo pessoal de campo na articulação e cumprimento das suas funções.

“(..) eles tava com a mochila né... eu não sei o que eles tem dentro da mochila né. Mas os bombeiro no dia de hoje né, tava lá com... é... colete salva-vidas, bóias né... o serviço hoje dos corpo de bombeiros, um dia típico né, tava com.. nos locais. ... E atento, tinha sombra pra ficar e eles tava no sol lá, na berada da água e observan o a... o bombeiro, né?” (VISITANTES)

As áreas protegidas são locais naturais, potencialmente perigosos, onde pequenos erros e descuidos podem levar a um desenlace fatal, traumático, diminuindo o grau de satisfação da visita. Por outra parte, os protetores das áreas jamais estarão seguros plenamente, mas devem sempre tentar trabalhar com as máximas condições de segurança possíveis.

CAPÍTULO 5 - DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

5.1 Importância do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros

Os resultados das entrevistas afirmam o alto grau de adesão dos entrevistados com o reconhecimento da importância do PNCV para o fornecimento dos serviços ambientais, proteção da biodiversidade, importância de seus valores estéticos, culturais, e benefícios socioeconômicos, que oferece para a comunidade pelas atividades turísticas derivadas. Nesse sentido, as percepções dos benefícios coletivos das UC dependem da efetividade do fortalecimento da proteção (BROCKELMAN et al., 2002). Entendendo a necessidade de maior proteção das áreas protegidas e particularmente, dos parques nacionais.

O Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros conta com reconhecimento internacional como Sítio de Patrimônio da Humanidade e, apesar desse enorme valor nacional e status internacional, parece que a estrutura de proteção que assegure a permanência, quantidade e qualidade dos valores ambientais e culturais, tendo a figura do Guarda-parque como peça fundamental, não está desenvolvida.

Então, como poder manter esse status internacional a meio e longo prazo, diluindo ou desconhecendo a necessidade de uma estrutura efetiva e suficiente de proteção? A conservação da Biodiversidade enfrenta dois desafios principais. O primeiro deles, passa por destinar mais áreas para a proteção da biodiversidade, o segundo, por proteger melhor e implementar efetivamente as áreas que foram criadas (TERBORGH, SCHAIK, 2002). É necessário aprimorar o manejo para que as Áreas Protegidas possam cumprir com a missão para a qual foram criadas (ARAÚJO, CABRAL, MARQUES, 2012).

5.2 Os incêndios como principal problema da unidade

Os incêndios são um dos principais problemas que afetam cronicamente o PNCV (MMA, 2009), situação ratificada também ao longo das entrevistas feitas com a maior parte dos entrevistados. Assim, os valores da área, atividades de visitação, sócioeconômico local, gestão da unidade e condições de vida e trabalho dos protetores, estão sempre comprometidos. Considerando que alguns incêndios acontecem por causa

natural, estes não são tão frequentes nem destrutivos como os que ingressam desde fora da unidade (por causa humana) e se alastram por diversas áreas do parque. Outros entanto, tiveram seu epicentro na própria área do parque e por causa eminentemente criminosa. Este histórico e crônico flagelo poderia estar em parte associado a um insuficiente cuidado pelos vizinhos quando realizam a suas queimadas. Mas, possivelmente também, a uma insuficiente campanha de sensibilização e trabalho junto aos vizinhos produtores rurais e insuficiências nas tarefas de controle e vigilância do parque e seu perímetro. Isto, também responde a outros fatores como insuficiente número de funcionários que tenham específica preparação e experiência em controle e vigilância, educação ambiental, sensibilização comunitária e resolução de conflitos, entre outros. Capacidades e funções, tipicamente desenvolvidas e contidas em uma só figura de proteção: o Guarda-parque.

Assim, o trabalho do Guarda-parque em quantidade suficiente, organizado em um quadro profissional e competente, poderá não ser a solução terminante dos eventos, más, poderá oferecer maiores garantias de proteção, baixando o nível de risco e com um ganho de governança para a unidade sobre seus problemas crônicos.

5.3 A necessidade de maior fiscalização

A totalidade dos entrevistados concorda com a necessidade de mais fiscalização no PNCV que ajude a garantir a permanência, quantidade e qualidade dos valores que determinam a reconhecida importância ambiental e sociocultural. O aumento da fiscalização deve ir em busca da redução dos impactos, no que tange problemas e ameaças, acrescentar a sensação de segurança e incrementar a presença e governança institucional. Os parques necessitam de mais apoio para melhorar a efetividade encontra das ameaças, particularmente para evitar a caça (BRUNER et al. 2001).

Considerando que a prevenção opera como principio básico do fortalecimento da proteção, ainda assim, os governos não comprometem recursos e pessoal suficiente para isto (BROCKELMAN et al., 2002).

A fiscalização só poderá ser efetiva e atenderá a visão dos entrevistados se acontece um aumento dos funcionários dedicados a essa atividade, com uma devida preparação, com orçamento, infraestrutura e equipamentos necessários, atuando de forma planejada e sistemática.

Um aumento do investimento financeiro para a gestão do parque pode melhorar consideravelmente eficiência de conservação, especialmente quando as finanças são investidas na demarcação de limites e o recrutamento de Guarda-parques para aplicar as leis e regulamentos do parque (MARTIN; BLACKBURN, 2009). Ainda assim, deverá ser considerado que estes custos de proteção podem ser maiores em regiões onde os recursos naturais são limitados e a capacidade institucional é fraca (OESTREICHER, et al, 2009)

Os resultados comparativos da aplicação da metodologia Rappam nos ciclos 2005/2006 e 2010 mostram que é preocupante e insatisfatória a quantidade de funcionários efetivos disponíveis para a gestão das UC e a dificuldade em monitorar as atividades ilegais. Os recursos financeiros o planejamento e a infraestrutura ainda são avaliados como insatisfatórios (KINOUCI et al, 2012). Deve existir uma presença visível e expressiva dos Guarda-parques e funcionários nas atividades de fiscalização, caso isto não aconteça nas áreas passíveis de infrações, estas aumentarão (BROCKELMAN et al., 2002).

5.4 Maior número de pessoas atuantes na proteção da unidade

O problema da insuficiência de pessoal na proteção da unidade, não é um tema menor. Pelo contrario, a totalidade dos entrevistados manifestou sua grande preocupação e posição a favor de uma maior quantidade de pessoas dedicadas às tarefas de proteção no parque. De alguma forma, a quantidade de funcionários vai pautando o estado da proteção presente e futura no PNCV.

A pesar que o nome “áreas protegidas” remete ao pensamento de uma porção geográfica demarcada com eficiente sistema de vigilância especializada, na pratica, não é verdade. Muitas áreas protegidas tem um ciclo de gestão incompleto e apenas contam com um funcionário (CHAGAS, 2013). Segundo Bruner (2000) e Vreugdenhil (2003), citado por Marques (2012), para garantir a proteção das UCs é preciso investir na qualidade e densidade de pessoal de campo.

Tentar gerir uma unidade de tanta importância sem ter o capital humano vital e suficiente que leve a frente às atividades de proteção, e ainda, pretender atingir níveis aceitáveis de efetividade é claramente irracional. Sem pessoas protegendo em campo, em quantidade e qualidade, não existe proteção. Apenas se estará forjando uma ilusão coletiva e um provável resultado trágico para muitos valores ante o negligente olhar da

sociedade e suas instituições competentes. Neste caso, se faz necessária uma pressão da sociedade civil para melhorar o desempenho gerencial das UC (ARAÚJO, CABRAL, MARQUES, 2012).

É crítica a falta de funcionários para o controle da visitação nos finais de semana e feriados. Sendo assim, e considerando que desde 2004 até 2006 o PNCV se manteve só com três Analistas Ambientais (BRASIL, 2009), estes tomavam conta de 21.838 hectares cada um. Como o número de servidores é insuficiente para garantir o funcionamento satisfatório do PNCV são, em muitos casos, contratados serviços terceirizados para diversas tarefas de controle e vigilância, prevenção e combate a incêndios, cuidado do patrimônio, atendimento ao turista, limpeza e manutenção do centro de visitantes, entre outras funcionalidades existentes. Nas condições atuais, o apoio das figuras de Guarda patrimonial, Guia e Brigadistas para complementar o faltante de funcionários, vazios funcionais e atividades a cumprir é amplamente valioso.

O corpo terceirizado de “Guardas patrimoniais” tem preparação restrita para o cuidado "apenas" dos valores patrimoniais. Mas, pela falta de Guarda-parques e tentando auxiliar de boa fé em questões circunstanciais e operativas no dia-a-dia, muitas vezes eles cumprem outras funções fora do contrato, da função declarada, capacitação e qualificação específica. Funções que deveriam estar desenvolvendo os Guarda-parques, estes sim, com capacitação específica, apropriada e transversal para poder atender todas as demandas dentro de uma UC. Lembrando que o habitat por excelência do Guarda-parque é a própria UC, seu âmbito de gosto e domínio e que por livre escolha encontra-se ali. Por pura vocação profissional.

Apesar dos Brigadistas, Guias e Guardas patrimoniais terem as suas responsabilidades específicas para atender no dia a dia, a necessidade da gestão da área, eles assumem outras funções e ficam sobrecarregados. As tarefas de Guarda-parque requerem um perfil e preparação específica, e sem isto, se gera ou aumenta a situação de insegurança para os protetores e os valores a proteger. Será que todas estas figuras com suas funções específicas não ficam sobrecarregadas assimilando outras? Será que não são suficientes as responsabilidades e atribuições de cada uma delas, para ter que tomar outras responsabilidades e atribuições sem a devida capacitação específica, experiência e vocação? Será que configura um risco extra esta situação para os valores da área, visitantes, gestão institucional e até para a própria integridade física, psicoemocional e moral destes nobres colaboradores?

O déficit de pessoal nas UC força os órgãos gerenciadores a procurar saídas para incorporar pessoal nas atividades de conservação e proteção, uma manobra comum é, geralmente, contratar servidores temporários (MARQUES, 2012). A falta de pessoal faz com que o pessoal nas UC assuma inúmeras funções, frequentemente, distintas a sua vocação. Isto restringe o tempo para desenvolver efetivamente as atividades de conservação de impacto (MARQUES, 2012).

Funcionários e financiamento adequado são elementos imprescindíveis à gestão de UC, aparte de infraestrutura, equipamentos básicos, organização interna do pessoal e dos procedimentos operacionais, demarcação dos limites da unidade, entre outros (FARIA, 2012). Segundo Chagas (2013), “a criação de áreas protegidas sem pessoal qualificado para sua gestão e operação é temerária”.

5.5 A necessidade de Guarda-parques

Considerando que a maioria dos entrevistados acha que devem existir Guarda-parques no PNCV, a afirmação que segue é lógica: os Guarda-parques são o resultado da intrínseca necessidade de proteger os parques.

O Guarda-parque é o indivíduo fundamental para cumprir com os objetivos de gestão da unidade. É a referência especializada e obrigatória de qualquer tipo de área protegida (CIPMA, 2003). Representa um fator importante na transformação de parques de papel em parques implementados e em pleno funcionamento (BRUNER et al., 2001). Desta forma, não deveriam continuar a serem ignorados e negligenciados.

Hilborn, Ray, et. al (2006) estudaram 50 anos da relação das atividades ilegais e aplicação da lei no Parque Nacional do Serengeti, na Tanzânia, e concluíram que há uma clara relação entre baixo orçamento no parque e maior intensidade de caça furtiva. Quando os orçamentos e dinheiro aplicado na área aumentavam, as atividades de caça diminuía drasticamente. Ainda assim, observaram que quando existem atividades de capacitação e treinamento, junto com o reforço da moral e profissionalismo dos corpos de Guarda-parques, não necessariamente o melhor indicador de efetividade contra a caça é o clássico aumento do orçamento disponível. O resultado do estudo reforça a ideia que não só com grandes orçamentos funciona a proteção efetiva. Que às vezes, é determinante favorecer as instâncias para a permanente capacitação e treinamento dos corpos de Guarda-parques, tentando fortalecer a coesão grupal, o espírito de corpo e os altos níveis de profissionalismo.

A falta de um Corpo de Guarda-parques profissionais organizados não só incide na efetividade de proteção como afeta também uma possível imagem “amadora” da Unidade. A capacidade de atendimento das ocorrências e dos visitantes, a contenção de emergências, as atividades de educação e interpretação ambiental, as atividades de controle e vigilância, as atividades de manutenção de infraestrutura, as atividades de pesquisa e monitoramento e o relacionamento com a vizinhança - todas estas ações poderiam ser feitas simultaneamente por um corpo especialmente treinado e qualificado para desenvolvê-las com eficiência e particular devoção.

No Brasil, a figura do Guarda-parque não está integrada na memória visual ou histórica das Áreas Protegidas Nacionais, e por isso, não recebe do poder público o devido respeito que merece. Os Guarda-parques estão sempre relegados ao segundo plano. Quando existem nas áreas protegidas, não possuem as mínimas condições de trabalho e treinamento (CHAGAS, 2013).

5.6 Perfil do Guarda-parque necessário para atuar no PNCV

Nas origens, os Guarda-parques apenas tinham educação básica e suas tarefas primárias eram rudimentares. Estas foram adquirindo complexidade e se diversificando com o tempo. Em alguns países os Guarda-parques são profissionais com título universitário e estão hierarquizados de igual para igual com o resto dos funcionários, que em conjunto, fazem funcionar a administração das áreas protegidas (BARRETO, 2009).

Nos sistemas de áreas protegidas a nível mundial o Guarda-parque tem um perfil eminentemente como funcionário de campo (BARRETO, 2009). Ainda assim, vão crescendo os requerimentos para desenvolver tarefas de caráter gerencial das áreas protegidas.

Os Guarda-parques desenvolvem vários aspectos relacionados com a planificação geral e marco legal da área (CIPMA, 2003).

Chagas (2013) em sua pesquisa sobre as atribuições dos Guarda-parques em alguns países e vários estados Brasileiros afirma que as atividades de Educação Ambiental e Monitoramento Ambiental são as mais comuns. Apenas na Argentina, os Guarda-parques participam do Licenciamento Ambiental e da edição de normativas.

A Argentina é o único país na América latina onde quase todos os parques nacionais são conduzidos por Guarda-parques, cargo em que chegaram por concurso, ou designados pela autoridade máxima caso não tenha acontecido o concurso. Ainda assim, a normativa existente não contempla que essa posição seja parte da carreira (BARRETO, 2009).

No caso dos Analistas Ambientais no Brasil, os processos de seleção no contexto das unidades de conservação atraem de maneira geral formados em ciências naturais e sociais e o leque de resultados a serem alcançados é amplo e variado: fiscalização, combate aos incêndios, relação com o entorno, educação ambiental, representação institucional, consolidação territorial, pesquisa, uso público, manutenção de veículos e embarcações, dentre outros. Os processos de seleção e formação dos gestores de unidades de conservação enfatizam apenas o conhecimento técnico em legislação ambiental, educação ambiental, uso público, fiscalização, plano de manejo, gestão participativa, prevenção e combate de incêndios. Mas, ainda que esses conteúdos sejam muito importantes, não são suficientes (ARAUJO, CABRAL, MARQUES, 2012).

Os órgãos ambientais encarregados da gestão das UC a nível federal e estadual, ainda não oferecem assistência aos funcionários gestores para desenvolver as competências essenciais. Nesse sentido, os funcionários gerentes serão mais ou menos eficazes de acordo com suas potencialidades e experiências. E difícil pensar em um perfil gerencial responsável por todo e qualquer desafio (MARQUES, 2012).

Marques (2012), descrevendo o papel dos gestores de Unidades de Conservação no Brasil observa que o trabalho de gerência de uma UC implica em um processo contínuo de solução de problemas diversificados, onde é frequente a fragmentação do trabalho e as interrupções e demanda versatilidade funcional e de humor. O pessoal fica sempre assombrado pelo que poderia fazer e pelo que precisa fazer.

Segundo Barreto (2009), as condições de trabalho individuais (pessoal e familiar) do Guarda-parque, afetam seu presente e seu futuro. Um caminho para resolver essa situação é a profissionalização, que inclui uma titulação básica e uma capacitação permanente em serviço, vinculada a uma carreira hierárquica.

Considerando o grande desafio para a proteção do PNCV os grupos entrevistados identificaram diversas condicionantes, qualidades pessoais, habilidades e destrezas que deveria ter uma pessoa para atuar como Guarda-parque no PNCV. Estes insumos são fundamentais não só para um futuro e possível processo de contratação local, mas, para a definição de futuras capacitações e suas particularidades.

Desta forma, considerando as particularidades mencionadas, poderia ser sugerido um perfil básico de um Guarda-parque:

5.7 Valores e condições pessoais desejáveis para um Guarda-parque

- Ter vocação e paixão pelo trabalho de proteção em uma UC;
- Possuir altos valores éticos e morais;
- Respeitar e fazer cumprir a normativa legal e código de ética dos Guarda-parques;
- Ser um bom comunicador e negociador social;
- Ter capacidade para aprender e executar diversas tarefas;
- Adaptável a diferentes condições ambientais e ritmos de trabalho no dia a dia;
- De boa aptidão física;
- Com habilidades para uso de diferentes meios de transporte.

5.8 Conhecimentos mínimos necessários de um Guarda-parque

- Ecologia e Biodiversidade, Fauna e Flora nativa;
- Valores culturais;
- Gestão de Áreas Protegidas e princípios de planejamento;
- Legislação Ambiental;
- Cartografia básica e SIG;
- Resolução de conflitos;
- Patrulhamento e abordagem;
- Primeiros Socorros, Prevenção de Acidentes, Busca e Resgate, Sobrevivência;
- Prevenção e Combate de Incêndios, Manejo Integral do Fogo;
- Ecoturismo, educação e interpretação ambiental;
- Manutenção de infraestrutura, manejo de trilhas, manejo de lixo;
- Radiocomunicação.

Um dos temas recorrentes ao longo das entrevistas tinha relação com a valorização do cidadão local e seu conhecimento para futuras estratégias de treinamento

e incorporação a um quadro de protetores locais. Questão que seria muito importante para o parque e a socioeconômica local.

É muito útil que alguns vizinhos das áreas protegidas obtenham benefícios diretos do parque sendo contratados como Guarda-parques (BROCKELMAN et al., 2002).

5.9 Quantidade de Guarda-parques estimados para o PNCV

Bruner *et al* (2001) avaliaram a efetividade proteção e manejo de parques tropicais e demonstraram que a maior quantidade de Guarda-parques por km² aumenta sua efetividade. Também, foi observado que a capacidade de aplicação da lei e suas variáveis (equipamento, salário e treinamento) não tinham correlação com a efetividade como o fato de ter Guarda-parques.

Os Estados Unidos apresentam um total de 4.002 Guarda-parques e a proporção de um por cada 82 km². No ano 2008, o Ibama tinha um fiscal para cada 4.502 km² e 2.030 pessoas trabalhando em todo o sistema de Unidades de Conservação do país. Nessa época afirmava-se que o necessário eram 9.075 servidores, um incremento de 347%. No Rio de Janeiro há um funcionário para cada 590 km² cuidando das UC (REIS; MAGALHÃES, 2008).

Na América Central estima-se que existam 1.500 Guarda-parques para uma superfície de 125 mil km². Dados nacionais indicavam que cada Guarda-parque de Honduras devia proteger (22.201 ha), na Nicarágua (12.526 ha) e no Panamá (11.184). Na Guatemala existe um contraste com relação à Guarda-parques por área. Algumas possuem um Guarda-recurso por cada 7.911 ha, enquanto outras, possuem um Guarda-recurso por cada 41.199 ha. Ao total, existem 7.182 Guarda-parques em 15 dos 41 países da América Latina e Caribe, e estima-se cerca de 10 mil trabalhando na região (BARRETO, 2009).

Segundo ICMBIO (2008) *apud* Marques (2012), na atualidade é necessário um quadro mínimo de 19 mil pessoas nas UC federais e estaduais. Deste contingente, 99% são necessários para as UC federais. Cerca de 13 mil pessoas são necessárias para cumprir com as atividades de campo nas unidades federais e estaduais.

Há correlação entre efetividade de manejo e quantidade de Guarda-parques presentes em campo, incrementada sobre três Guarda-parques para cada 100 km². Abaixo deste valor, as garantias de efetividade são insuficientes (Bruner et al. 2001).

Segundo os resultados obtidos na pesquisa, o número máximo de Guarda-parques sugerido para o Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros (65.514 há) foi de duzentos (*) e o mínimo de três (**).

Na Tabela 10 são apresentados dados mundiais e nacionais sobre Guarda-parques por hectares, comparando com os valores sugeridos máximo e mínimo da pesquisa para 100.000 hectares.

Tabela 11: Comparativo de quantidade de Guarda-parques por hectare

Hectares	Quantidade de Guarda-parques	Local
100.000	>4	Brasil
100.000	27	Mundo
100.000	33	EUA
100.000	131 (*proposta)	PNCV
100.000	1,96 (**proposta)	PNCV

Fonte: REIS; MAGALHÃES(2008); BARRETO (2009)

Analisando os dados apresentados na Tabela 11, é possível observar que a média do Brasil é muito baixa comparada aos valores internacionais e ainda está abaixo do sugerido por Bruner *et al.*(2001) em seus estudos sobre a correlação entre a presença de Guarda-parques em campo e a efetividade de proteção e manejo. Assim, no Brasil temos uma média inferior a 0,4 Guarda-parques para cada 10.000 hectares. O que não assegura níveis mínimos aceitáveis de efetividade. Os valores sugeridos na pesquisa sobre a existência de três Guarda-parques para tomar conta do PNCV, também não estariam atendendo os mínimos aceitáveis, chegando a 0,4 Guarda-parques para cada 10.000 hectares. Já a sugestão de 200 Guarda-parques estaria representando 30,5 Guarda-parques para cada 10.000 hectares, o que colocaria o PNCV acima da média

mundial de 2.7 Guarda-parques por cada 10.000 hectares e de 3.3 Guarda-parques para cada 10.000 hectares dos Estados Unidos.

Seguindo as experiências de Bruner *et al.* (2001) o PNCV deveria ter ao mínimo 19,6 Guarda-parques permanentemente em campo para tentar garantir níveis de efetividade.

Quando existem poucos Guarda-parques o patrulhamento é realizado geralmente em áreas prioritárias deixando outras áreas sem serem visitadas. Algumas dessas áreas ficam expostas a serem cuidadas por um só Guarda-parque. Os Guarda-parques com envolvimento direto diário no patrulhamento e monitoramento reportavam atividades ilegais e constituíam o menor e mais crítico escalão da proteção em algumas áreas protegidas do Panamá (Bruner *et al* 2001).

A quantidade de Guarda-parques deve figurar no plano de manejo, e estar em relação direta com as atividades e os problemas de proteção da unidade, considerando o uso público, as atividades permitidas e proibidas, a superfície sob proteção, comunidades vizinhas, ou interiores, pressões por retirada de madeira, caçadores furtivos, quantidade de visitantes, infraestrutura, entre outros, (BARRETO, 2009).

5.10 A necessidade de segurança na Unidade

Fora dos visitantes que são os que mais sofrem da sensação de insegurança, a comunidade está acostumada, há anos, com as condições locais, a visualizar e conviver diariamente com os problemas e ameaças que afetam a unidade e seu entorno. Sofrem com um relativo atendimento e descaso do poder público federal, não participam diretamente das complexas atividades de proteção dentro da área e não conhecem muito bem a função dos Guarda-parques profissionais e seus benefícios tanto para o parque quanto para a própria comunidade. Além disso, existem alguns conflitos e feridas passadas com a gestão do parque. Em definitivo, a comunidade pode entender que mais protetores não resolvem os problemas de fundo e tudo isto ajuda a relativizar a necessidade de contar com mais protetores na área.

Os Analistas Ambientais do ICMBio apesar de terem enormes responsabilidades e não terem todos os instrumentos necessários, contam com um respaldo operativo e institucional diferencial aos demais grupos de protetores atuantes. Por serem funcionários públicos federais de carreira efetivados, por serem os gestores da unidade,

terem equipamentos e infraestrutura, suporte legal para o cumprimento das suas ações dentro e no entorno da área e terem formação, preparação específica e experiência de gestão e proteção, diminuí a sensação de insegurança em relação às demais figuras de proteção, que não tem essas bases.

Os Guardas patrimoniais, Guias e Brigadistas sentem os efeitos de certo abandono e baixo reconhecimento institucional, sobrecarga de funções, escassa estrutura de proteção, escassos equipamentos, muita responsabilidade, preparação insuficiente, entre outros. Isto alimenta um alto sentimento de insegurança.

A sensação de segurança no parque está ligada com a presença de um sistema de proteção bem organizado e suficiente. É imperativo para a unidade tentar baixar os níveis de risco e acrescentar a segurança de todos os atores. A preparação transversal, organização, ter suporte de equipamentos e infraestrutura, experiência e preparação, são centrais para diminuir o sentimento de insegurança no desenvolvimento das tarefas de proteção. Assim, a situação de gestão operacional leva a uma frustração e desmotivação dos funcionários (ARAUJO, CABRAL, MARQUES, 2012), e isto acrescenta o nível de insegurança de quem tem que enfrentar as tarefas de proteção.

Apesar de ao longo da história muitas pessoas terem dado a sua vida protegendo o que é de interesse comum, nunca foi tão importante proteger o meio ambiente e nunca houve consequências tão mortais. Assim, cada vez mais pessoas se colocam na linha do fogo para defender o meio ambiente da exploração insustentável (NUNES, 2014).

O aumento no número de assassinatos de ambientalistas deve-se à intensificação da concorrência por recursos, numa economia global baseada no consumo e no crescimento. Estes crimes geralmente passam despercebidos devido à falta de visibilidade e responsabilização. Na prática, estas pessoas deveriam poder realizar o seu trabalho, sem o medo de morte, perseguição, intimidação ou ameaças às suas vidas, famílias ou colegas. Os governos nacionais, sobretudo os dos países mais afetados, como o Brasil e as Filipinas, devem tomar rápidas medidas (NUNES, 2014)

CAPÍTULO 6 – RECOMENDAÇÕES

O Guarda-parque é vital para o desenvolvimento das diferentes tarefas de controle e vigilância, atendimento de visitantes, apoio de monitoramento e pesquisa, e atividades de relacionamento público comunitário. Sem estas atividades funcionando de forma bem sucedida, ficará difícil poder esperar valores positivos de efetividade de proteção e manejo.

Parece prudente pensar que para proteger efetivamente as espécies ameaçadas e seus habitats vai ser necessária uma adequada estrutura de proteção. Considerando que as espécies do parque não podem garantir a sua permanência por si mesmas, e muito menos, ante as crescentes pressões que sofrem dia-a-dia, é um desafio enorme achar o pessoal que conjugue todas as capacidades necessárias. Por tanto, seria o norte de qualquer gestão, tentar contar com uma estrutura especializada e profissional de proteção.

Os esforços devem estar orientados a criar, implementar e proteger efetivamente com Guarda-parques as unidades de conservação, visando cumprir com seus objetivos de conservação, garantir a qualidade e permanência dos diferentes valores presentes, assegurar os serviços ambientais e a saúde ecossistêmica (favorecendo as inter-relações entre espécies e sistemas), gerando condições para a educação e interpretação ambiental e um ambiente de segurança para trabalhadores e visitantes.

A necessidade de contar com uniformes especialmente caracterizados como protetores da Unidade foi uma demanda visível em vários grupos, que na prática, tomam conta de algumas das funções que desenvolvem os Guarda-parques. Esta carência mencionada indiretamente, também se encaixa no contexto da insuficiência de equipamentos e materiais mencionada por vários entrevistados. Neste sentido, a falta desta caracterização do pessoal e identificação institucional na sua vestimenta diária ao serviço da unidade, afeta as tarefas de proteção. Particularmente, em aquelas que padecem muitas pressões com ilícitos ambientais e alta visitação pública. A correta identificação e caracterização do pessoal com uniformes padronizados ajuda a inibir certos ilícitos, apenas por sua presença. Também, ajudaria na coesão interna do corpo de protetores, sentido corporativo, identificação institucional e articulação das tarefas de uso público e o manejo de visitantes. O uniforme caracterizado poderia aumentar o nível de segurança dos protetores e dos que gostariam de contar com proteção dentro

daunidade. Com o uso de uniformes deveria ser esperado ganhos na valorização, reconhecimento, respeito e aceitação das recomendações que os protetores do parque emitissem ao público.

Devem ser melhoradas as competências profissionais dos Guarda-parques, as instituições devem preparar aos Guarda-parques para participar ativamente dos processos de planejamento, compreender e acompanhar os resultados estratégicos e operacionais a serem alcançados pela UC

O modelo de gestão deve contemplar elevar o planejamento da proteção e sua efetividade esperada, tomando como base principal, o capital humano e suas potencialidades. Nesse raciocínio, promovendo também a permanente profissionalização dos quadros de funcionários que participam da gestão da unidade.

Os Guarda-parques devem ser bem remunerados, garantindo a sua segurança e condições de trabalho dignas, assim como, a estabilidade da fonte de emprego. Isto terá incidência direta no melhor desenvolvimento e níveis positivos de efetividade. Os contratantes deverão implementar as melhores praticas de manejo e desenvolvimento dos recursos humanos contratados na função Guarda-parque.

O bom serviço desenvolvido pelos Guarda-parques dentro das UC deve ser sempre motivo de muito orgulho, consideração e reconhecimento institucional e social. Ao final, são eles que estão arriscando permanentemente em campo a própria vida, tentando assegurar opatrimônio de todos. Pensando nas atuais e futuras gerações.

CONCLUSÃO

A presente pesquisa teve como objetivo analisar a necessidade de Guarda-parques para a proteção dos valores ambientais e culturais no Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros (PNCV), em função dos problemas e ameaças presentes.

A revisão bibliográfica foi realizada como forma de obter informações sobre a situação de proteção das áreas protegidas a nível mundial e nacional (UC Brasileiras), relação da efetividade de manejo com a presença de Guarda-parques, informações sobre o PNCV (problemas e ameaças para a conservação, gestão e contexto socioeconômico local) e sobre Guarda-parques (funções, competências, associacionismo, marco legal, capacitação, desafios da profissão, e outros). Assim, foi possível observar e corroborar a necessidade de Guarda-parques no PNCV, como forma de profissionalizar a proteção e obter ganhos de efetividade superiores aos registrados nas pesquisas desenvolvidas desde o ano 2005.

O trabalho partiu para o desenvolvimento de entrevistas em profundidade com grupos de atores locais, estrategicamente selecionados pela condição de usuários, vizinhos da comunidade, prestadores de serviços e gestores. Posteriormente, foi iniciada a análise de conteúdo, a partir dos dados coletados. Desta forma, foi possível identificar os principais problemas e ameaças presentes dentro do PNCV que colocam em risco a qualidade e permanência dos valores ambientais e culturais, apresentar uma caracterização do perfil do Guarda-parque e avançar com um possível quadro funcional para atender às necessidades de proteção efetiva dentro do PNCV.

A metodologia escolhida para a obtenção e processamento de dados foi fundamental para aproveitar a riqueza das informações obtidas nas entrevistas. Os resultados apontam para o reconhecimento do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros como uma área de grande importância para a maior parte dos entrevistados. O que implica, logicamente, tentar consolidar uma proteção integral e efetiva, com marcada presença de protetores em campo. Proteção que segundo a maior parte dos entrevistados, atualmente, se encontra fragilizada pela crônica incidência de incêndios, insuficiente fiscalização e insuficientes funcionários, como assuntos principais reconhecidos.

Na sequência lógica, aparece como resultado determinante a necessidade de um corpo de Guarda-parques para favorecer e subsidiar uma melhor proteção no

PNCV. Os resultados também recaem sobre o número aproximado de Guarda-parques necessários para tomar conta da proteção da unidade. Nesse sentido, a quantidade de Guarda-parques que poderia garantir um mínimo de efetividade deveria ser maior que três por cada 10.000 hectares. Ou seja, não inferior a 19,6 Guarda-parques permanentemente em campo. Já a média do Brasil é inferior a 0,4 Guarda-parques para cada 10.000 hectares o que explica em parte, o baixo índice de efetividade das UC Brasileiras. De acordo com a opinião dos entrevistados, os resultados apontam para uma maior sensação de segurança na UC em relação com a presença de Guarda-parques.

Os Guarda-parques são uma peça chave na gestão das áreas protegidas, destacando-se pela diversidade de funções que vão incorporando para poder atender os permanentes desafios e paradigmas de conservação. Essa importante missão apresenta o caminho da profissionalização, condicionada pelos distintos quadros e configurações locais (municipais, estaduais e federais) que por questões legais, financeiras e operativas são apresentados no país.

As funções e perfis dos Guarda-parques evoluem com o passar do tempo e as circunstâncias, passando desde uma apresentação inicial como agentes que punem e perseguem infratores, para articuladores locais, com capacidade de diálogo, negociação, educação e interpretação ambiental. Estas, especialmente direcionadas para poder despertar a mudança de ações e condutas nocivas contra o meio ambiente e particularmente, as áreas protegidas.

Apesar do importante desafio presente e futuro para a conservação dos valores presentes nas Áreas Protegidas, associados a uma melhor qualificação profissional do Guarda-parque contratado, é relevante mencionar ainda, a necessidade de valorizar a participação cidadã das comunidades do entorno, de forma a valorizar e aproveitar seu conhecimento tradicional. No caso do PNCV, é muito importante promover e melhorar conhecimentos, habilidades e competências dos funcionários atualmente afetados na proteção da área, oferecendo clareza nas funções, estabilidade e condições laborais dignas e seguras. Nesse sentido, indica-se contar com eles em possíveis treinamentos futuros ou oportunidades de formação e inserção como Guarda-parques locais.

O presente estudo por ter adotado uma forma de análise que levou em conta seis grupos de atores no contexto do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros, contribuiu para o conhecimento e caracterização de uma temática que ainda é incipiente em estudos e pesquisas no território brasileiro e que trata diretamente de um papel, ainda

pouco conhecido no Brasil. Ao contemplar o processo de concepção da figura de proteção no contexto da problemática ambiental do Parque, o trabalho apresenta resultados concretos a favor da figura dos Guarda-parques com um mínimo necessário, que seja a base para a futura determinação do número suficiente. Nesse sentido, um espectro de estimativas foram ampla e diretamente apresentadas pelos seis grupos ouvidos pela pesquisa.

Diante do exposto, é possível afirmar que a diversidade e maior número de figuras de proteção não significa, essencialmente, maior proteção, tampouco a garantia de permanência e qualidade dos valores ambientais, naturais e culturais presentes em uma Unidade de Conservação. Assim também, observa-se uma grande dependência econômica por parte dos guias e comunidade vizinha ao Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros, particularmente, comerciantes e fornecedores de serviços. Isto demonstra os cuidados que devem ser tomados na proteção dos valores presentes desde o ponto de vista turístico e visualizando ao parque como provedor de serviços ambientais. A proteção integral da Unidade e seus valores, o aumento da eficiência de manejo e o aumento da satisfação dos visitantes por maior segurança, poderão ser aumentados profissionalizando as atuais figuras locais de proteção, que na prática, vão assimilando algumas funções de Guarda-parques.

Assim, a pesquisa demonstra que a necessidade deste profissional é vital para erradicar ou controlar os problemas e ameaças para a conservação, deixando clara, a importância da formação de Guarda-parques provenientes das comunidades do entorno, aproveitando seus conhecimentos empíricos, e fortalecendo a sócioeconomia local. Parece evidente que a gestão de unidades de conservação, não só no PNCV, deve transitar pelo caminho da profissionalização de seus quadros de proteção em campo, diversificados na atribuição e funções específicas, mas com um padrão básico de capacidades e treinamento. Proteger todos os valores presentes será cada dia uma missão mais complexa e perigosa, que demandará um enorme sacrifício das instituições gestoras e seus quadros de funcionários contratados.

A presença de Guarda-parques como figura principal de proteção em campo, devidamente caracterizado e identificável como tal, em quantidade e qualidade, parece tão vital como imperiosa. A conseqüente demora na sua estruturação poderá ser um fator determinante na hora de evitar problemas de conservação, conter alguns e estar preparados para os novos desafios.

A limitação deste estudo decorre do fato de não ter sido aprofundada a possível forma de contratação dos Guarda-parques no contexto institucional, nem como poderiam ser desenvolvidas diferentes capacitações do pessoal local como Guarda-parque. Portanto, além de um limitador, este também é um ponto em que podem ser desenvolvidos novos estudos que analisem formas de contratação, formação de quadros profissionais de Guarda-parques no Brasil, adequação de perfis em função de problemas e ameaças presentes, financiamento das atividades de capacitação, entre outras.

Nessa mesma perspectiva, tais estudos poderão abarcar o impacto da contratação destes funcionários na sócioeconomia local, o aumento da efetividade de manejo e o processo de desenvolvimento do turismo regional. A partir disso, poderá ser possível compreender um pouco mais todo o universo de implicações e benefícios de contar com Guarda-parques nas diferentes unidades de conservação tanto a nível municipal, estadual como federal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Maria Margarida. Introdução à metodologia do trabalho científico: elaboração de trabalhos de graduação. São Paulo: Atlas, 2001. 174 p.

ALBRIGHT, Horace M.; TAYLOR, Frank J. "Oh, Ranger!" A Book about the National Parks. Stanford University Press. pp. 5–7. ISBN 978-1-4400-8022-7. 1929

ARAÚJO, M. A. R. Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza (SNUC) In: NEXUCS (Org.). Unidades de Conservação no Brasil. São Carlos: Rima Editora; 536 p., p. 113-124. 2012.

ARAÚJO, M. A. R., 2012. A seleção e o desenho de Unidades de Conservação. In: NEXUCS (Org.). Unidades de Conservação no Brasil. São Carlos: Rima Editora; 536 p

ARAÚJO, M. A. R. Unidades de conservação: Importância e historia no mundo. In: NEXUCS (Org.). Unidades de Conservação no Brasil. São Carlos: Rima Editora; 536 p., p. 25-50. 2012.

ARAÚJO, M. A. R., CABRAL, R.F.B; MARQUES, C.P. Unidades de conservação: Uma breve história sobre a gestão de unidades de conservação no Brasil. In: NEXUCS (Org.). Unidades de Conservação no Brasil. São Carlos: Rima Editora; 536 p., p. 191-204. 2012.

ARAÚZ E, YOUNG J., SÁNCHEZ N. Manual de campo para guarda-parques, com ênfasis en áreas protegidas costeras. Panamá. Fundación Marviva 2012. 39 pág.; 21 cm. ISBN 978-9962-8996-7-9.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE GUARDA-PARQUES (ABG). Disponível em: <http://abguardaparques.blogspot.com.br/p/faq.html>. Acesso em: 01 May. 2014.

BARBOSA, Alan Gonçalves. As Estratégias de Conservação da Biodiversidade na Chapada dos Veadeiros: Conflitos e Oportunidades. Dissertação de mestrado. Centro de Desenvolvimento Sustentável, UnB, 2008.

BARDIN, Laurence. Análise de Conteúdo, edição revisada e actualizada. Lisboa: Edições, v. 70, 2009.

BARRETO, D. P, 2009. Guardaparques en América Latina. Disponível em: <http://apgvn.blogspot.com.br/2009/11/guarda-parque-na-america-latina.html>. Acesso em 07/12/2013.

BARRETO, D.; M. OCHOA, S. MUTCOLL (Eds.) 2006. Manual. Texto de Apoyo. Segundo Curso Regional para Guarda-parques de América Latina. Centro de Formación y Capacitación en Áreas Protegidas. Administración de Parques Nacionales. Embalse, Córdoba, Argentina. 309 páginas.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. In: Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Vozes, 2010.

BERNARD, E.; PENNA, LAO; ARAÚJO, E. Downgrading, Downsizing, Degazettement, and Reclassification of Protected Areas in Brazil. *Conservation Biology*, 2014.

BERNARDES, A. T. *Valores sócio-culturais de unidades de conservação: herança natural e cultural do homem*. In: Anais do I Congresso Brasileiro de Unidades de Conservação. 1997. p. 22-31.

BERNBAUN, Edwin. O significado espiritual e cultural dos parques nacionais. Diretor do Programa Montanhas Sagradas, Instituto das Montanhas. Departamento de Estado dos EUA. *Revista e Journal*. Julho de 2008. V. 13. N. 7. Disponível em: <<http://www.america.gov/publications/ejournals.html>>. Acesso em jun. 2014.

BRANDON, Katrina et al. Conservação brasileira: desafios e oportunidades. *Megadiversidade*, v. 1, n. 1, p. 7-13, 2005.

BRASIL, 1997. *Marco conceitual das Unidades de Conservação de uso indireto*. IBAMA/GTZ. Brasília 1997.

BRASIL, 2000. LEI Nº 9.985 de 18 de junho de 2000. Institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC). *Diário Oficial da República Federativa do Brasil*, Poder Executivo, Brasília, DF. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil/leis/L9985.htm>. Acesso em jun. 2014.

BRASIL, 2007. *Cerrado e Pantanal. Áreas e Ações Prioritárias para Conservação da Biodiversidade*. Ministério do Meio Ambiente. Conteúdo disponível em: <http://www.mma.gov.br/estruturas/chm/_arquivos/cerrado_pantanal.pdf>. Acesso em nov. 2013.

BRASIL, 2007. Lei nº 9.985 de 18 de julho de 2000. Sistema Nacional de Unidades de Conservação. Coletânea de legislação ambiental. Organização Odete Medauar. 6ª edição revisada, ampliada e atualizada. Editora Revista dos tribunais. São Paulo.

BRASIL, 2008. Guarda Ambiental Nacional e Corpo de Guarda-Parques. Decreto n. 6.515, de 22 de julho de 2008. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Decreto/D6515.htm>. Acesso em: 01 May. 2014.

BRASIL, 2009. Ministério do Meio Ambiente. *Plano de Manejo Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros*. Resumo Executivo. Brasil, 2009. Conteúdo disponível em: http://www4.icmbio.gov.br/parna_veadeiros/download.php?id_download=215. Acesso em Nov., 2013.

BRASIL, 2010. Lei nº 1.469 de 14 de abril de 2010. Cria a carreira de guarda parque e guarda florestal no Estado do Amapá.

BRITO, D. M. C. *Conflitos em Unidades de Conservação*. In: Revista de Humanidades do Curso de Ciências Sociais UNIFAP. Número 1. Dezembro 2008.

BROCKELMAN, W. Y.; GRIFFITHS, M. Mecanismos de fortalecimento das áreas protegidas. In: Tornando os parques eficientes: estratégias para conservação da natureza nos trópicos. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2002. p. 290-304.

BRUNER, Aaron G. et al. Effectiveness of parks in protecting tropical biodiversity. *Science*, v. 291, n. 5501, p. 125-128, 2001.

BURNS, Ken e DUNCAN, Dayton. A Própria História dos Estados Unidos. Entrevista ao Serviço Nacional de Parques Americano. Departamento de Estado dos EUA. Revista eJornal. Julho de 2008. V. 13. N. 7. Disponível em: <<http://www.america.gov/publications/ejournals.html>>. Acesso em jun. 2014.

CARIN, Antonio Adalberto. Ecoletânea. Editora Valer: Manaus, 2000.

CARRANZA, Tharsila *et al.* Mismatches between conservation outcomes and management evaluation in protected areas: A case study in the Brazilian Cerrado. *Biological Conservation*, v. 173, p. 10-16, 2014.

CHAGAS, Denis Sena das. Análise de programa de guarda parque: Construção de uma proposta para Manaus / Denis Sena das Chagas. Manaus : [s.n.], 2013. xiii, 85 f. :il. Dissertação (mestrado) INPA, Manaus, 2013.

CIFUENTES, M.A.; IZURIETA, A.; DE FARIA, H.H. *Medición de la Efectividad del Manejo de Áreas Protegidas*. Forest Innovations Project, WWF, IUCN and GTZ, Turrialba, Costa Rica, 1999.

CIPMA. *Manual para guardaparques – parte I: las áreas silvestres protegidas y la conservación de espacios naturales*. Editorial San Marino, Valdivia. 62 pp. 2003

COIMBRA-FILHO, A.F. & I. de G. Câmara. Os limites originais do bioma Mata Atlântica na região Nordeste do Brasil. Fundação Brasileira para a Conservação da Natureza, Rio de Janeiro, 1996.

CORREIA, Francisco. Associação Portuguesa de Guarda Parque e Vigilantes da Natureza. Resumo histórico dos vigilantes da natureza em Portugal. Disponível em: <http://vigilantesnatureza.paginas.sapo.pt/vigilantesresumo.htm>. Acesso em jun, 2014.

CORTE, D. A. de A. *Planejamento e Gestão de APAs: um enfoque institucional* IBAMA. Série Seminários Ambientais, nº 15.

COX, John Charles. *The Royal Forests of England*. Methuen & Company, 1905.

DARDENNE, M.; GUIMARÃES, J. *Sítio de grande beleza cênica do centro-oeste brasileiro. Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros*. Sítios geológicos e paleontológicos do Brasil. Universidade de Brasília - Instituto de Geociências Departamento de Geoquímica e Recursos Minerais, 1996.

DAVENPORT, Lisa; RAO, Madhu. A história da proteção: paradoxos do passado e desafios do futuro. Terborgh J, Schaik C, organizadores. Curitiba: UFPR, Fundação O Boticário, 2002

DEAN, W. *With broadax and firebrand: the destruction of the Brazilian Atlantic Forest*. University of California Press, San Francisco, 1995.

DELGADO-MENDEZ, Jesus Manuel. *Proteção de áreas naturais e desenvolvimento social: percepções de um conflito na gestão de unidades de conservação de proteção integral*. 2008. Tese de Doutorado. ESALQ/USP.

DRUMMOND, José Augusto Leitão. *O jardim dentro da máquina: breve história ambiental da Floresta da Tijuca*. 1998.

DRUMMOND, José Augusto; FRANCO, José Luiz de Andrade; OLIVEIRA, Daniela. Uma análise sobre a história e a situação das unidades de conservação no Brasil. *Conservação da biodiversidade: legislação e políticas públicas*. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, p. 341-385, 2010.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (orgs.). 2. ed. *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*. São Paulo: Atlas, 2006, p. 62-83.

DUARTE. Áreas naturais protegidas no Rio Grande do Sul. COLÓQUIO– Revista Científica da Faccat – Vol. 6, No (1-2), (jan/dez 2008). Disponível em: <http://www2.faccat.br/download/pdf/coloquio/6/areas.pdf>

ELBERS, J. (Editor). *Las áreas protegidas de América Latina: Situación actual y perspectivas para el futuro*. Quito, Ecuador, UICN, 227 p. 2011

FARABEE, Charles R. *National Park Ranger: An American Icon*. Rowman & Littlefield, 2003.

FARIA, H. H. Avaliação do desempenho gerencial de unidades de conservação: a técnica a serviço de gestões eficazes. ARAÚJO, MAR *Unidades de Conservação no Brasil: Da República à Gestão de Classe Mundial*. Belo Horizonte: SEGRAC, p. 139-160, 2007.

FIGUEIROA, APOENA C.; FLORIANI, DIANA C. *GUARDAPARQUES -Uma proposta de avanço na efetividade das Unidades de Conservação Federais Brasileiras*. In VIICBUC - Congresso Brasileiro de Unidades de Conservação, 2012.

FISCHER, Frauke. The Importance of Law Enforcement for Protected Areas: Don't Step Back! Be Honest–Protect!. *GAIA-Ecological Perspectives for Science and Society*, v. 17, n. Supplement 1, p. 101-103, 2008.

FLICK, Uwe. *Introdução à pesquisa qualitativa*: Tradução Joice Elias Costa. 3. ed. Porto Alegre: Armed, 2009. 45p.

GAMBAROTTA, J.C. *Protegiendo a losProtectores*. Relatório. Congreso Mundial de la FIG, Parque Nacional Wilson'sPromontory, Australia 2003.

- GANEM, Roseli Senna. *Políticas de conservação da biodiversidade e conectividade entre remanescentes de Cerrado*. 2010.
- GANEM, Roseli Senna (Org.). *Conservação da biodiversidade: legislação e políticas públicas*. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2011. 437 p. (Série memória e análise de leis, 2)
- GUERRA, A. T. *Dicionário geológico-geomorfológico*. 7. ed. Rio de Janeiro: IBGE, 1987. 446 p.
- GIL, Antônio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*/Antônio Carlos Gil. São Paulo: Atlas, 1999.
- GOLDENBERG, Mirian. *A arte de pesquisar: Como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais*. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- HAUFF, Shirley Noely. *Relações entre comunidades rurais locais e administrações de parques no Brasil: subsídios ao estabelecimento das zonas de amortecimento*. 2004.
- HILBORN, Ray et al. Effective enforcement in a conservation area. *Science*, v. 314, n. 5803, p. 1266-1266, 2006.
- IBISCH, P.L.; P.R. HOBSON (eds.) MARISCO. *Adaptive Management of vulnerability and Risk at Conservation sites. A guidebook for risk-robust, adaptive and ecosystem-based conservation of biodiversity*. Centre for Economics and Ecosystem Management, Eberswalde. 2014.
- ICMBio *Avaliação comparada das aplicações do método Rappam nas unidades de conservação federais, nos ciclos 2005-06 e 2010*. Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, WWF -Brasil. Brasília: ICMBio, 2011. 134 p.
- IRF. International Ranger Federation. Disponível em: <http://www.internationalrangers.org/about/> Acesso: 01/02/2014.
- JORGE PÁDUA, M. T. J. *Sistema Brasileiro de Unidades de conservação: de onde viemos e para onde vamos?* In: CONGRESSO BRASILEIRO DE UNIDADES DE CONSERVAÇÃO, *Anais*. Curitiba: IAP, v.1, 1997, p.214 - 236.
- JENKS, K. E., HOWARD, J. AND LEIMGRUBER, P. Do Ranger Stations Deter Poaching Activity in National Parks in Thailand?. *Biotropica*. doi: 10.1111/j.1744-7429.2012.00869.x. 2012.
- KINOUCHI R. M., et al. *Avaliação comparada das aplicações do método Rappam nas unidades de conservação federais, nos ciclos 2005-06 e 2010*. In: NEXUCS (Org.). *Unidades de Conservação no Brasil*. São Carlos: Rima Editora; 536 p., p. 395-421. 2012.
- LIMA, Priscylla Cristina Alves de; FRANCO, José Luiz de Andrade. RPPNs as a Strategy for the Conservation of Biodiversity: The Case of the Chapada dos Veadeiros. *Sociedade & Natureza*, v. 26, n. 1, p. 113-125, 2014.

LEITE, J. F. *As unidades de conservação estaduais: uma análise da realidade goiana*. Dissertação de mestrado. Centro de Desenvolvimento Sustentável, UnB, 2004.

LEVERINGTON, F.; HOCKINGS, M. *Evaluating the effectiveness of protected area management: The challenge of change*. In: Barber, C.V., Miller, K.R. and Boness, M. (Eds). *Securing Protected Areas in the Face of Global Change. Issues and Strategies*. IUCN, Gland, Switzerland and Cambridge, UK, 2004.

LOCKWOOD, Michael; WORBOYS, Graeme; KOTHARI, Ashish (Ed.). *Managing protected areas: a global guide*. Routledge, 2012.

LORDEIRO, Manuel Souza. Presença em Petrópolis, do Major Archer, o precursor da silvicultura no Brasil. Texto básico de palestra. Tribuna de Petrópolis, Edição Especial, 159 Anos de Petrópolis. 2002. Disponível em: http://www.ihp.org.br/lib_ihp/docs/msl20020316.htm

LOVEJOY, T. O Brasil em foco. *Megadiversidade*, v. 1, n.1, p. 5-6, 2005.

MACHLIS, G. E.; NEWMANN, R. P. The state of national parks in the neotropical realm. *International Journal for manager of national parks*. v. 12, n. 2, p. 3-8. 1987.

MACHLIS, Gary E.; TICHNEL David L. *The state of the world's parks: an international assessment for resource management, policy and research*. London. Westview Press, 1985.

MARQUES P. C. Desvendando o papel dos gestores de unidades de conservação e as diretrizes para sua formação. In: NEXUCS (Org.). *Unidades de Conservação no Brasil*. São Carlos: Rima Editora; 536 p., p. 447-460. 2012.

MARTIN, Thomas Edward; BLACKBURN, George Alan. The effectiveness of a Mesoamerican 'paper park' in conserving cloud forest avifauna. **Biodiversity and conservation**, v. 18, n. 14, p. 3841-3859, 2009.

MARTINS, Gilberto Andrade. *Manual para elaboração de monografias e dissertações*. São Paulo: Atlas, 2000. 120 p.

MBRS PROJECT. *Manual for training rangers of MPAs in the MBRS Region published by the Conservation and sustainable use of the Mesoamerican Barrier Reef System (MBRS) project*. 2003.

MEDEIROS, R. A política de criação de áreas protegidas no Brasil: evolução, contradições e conflitos. Anais do IV Congresso Brasileiro de Unidades de Evolução das tipologias e categorias de áreas protegidas no Brasil – RODRIGO MEDEIROS Conservação, vol1. Curitiba: Fundação O Boticário de Proteção à Natureza & Rede Pró Unidades de Conservação, 2004.

MEDEIROS, Rodrigo; IRVING, Marta de Azevedo; GARAY, Irene. A Proteção da Natureza no Brasil: evolução e conflitos de um modelo em construção. **RDE-Revista de Desenvolvimento Econômico**, v. 6, n. 9, 2007.

MINISTERIO DEL AMBIENTE / GTZ-GESOREN, 2008. Documentación del IV Curso Regional para Guardaparques, Región Andina Amazónica. 26 de marzo - 16 de abril del 2008. Ecuador.

MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO. Classificação Brasileira de Ocupações (CBO). Descrição da ocupação Guarda-parques. Portal do Trabalho e Emprego. 2014.

MILANO, M. S. *Conceitos básicos e Princípios Gerais de Planejamento, Manejo e Administração de Unidades de Conservação*. In: Planejamento e Manejo de Áreas Naturais Protegidas. FBPN: Guaraqueçaba, 2001.

MILANO, M. S. *Planejamento em unidades de conservação: um meio e não um fim*. In: Congresso Brasileiro de Unidades de Conservação, *Anais*. Curitiba: IAP, 1997. v.1, p.150-165.

MILANO, M. S. *Unidades de Conservação: Técnica, Lei e Ética para a Conservação da Biodiversidade*. In: BENJAMIN, A. H. Direito ambiental das áreas protegidas –o regime jurídico das Unidades de Conservação. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

MILANO, M. S. *Unidades de Conservação: Atualidades e Tendências*. 1 ed. Curitiba, Fundação O Boticário de Proteção à Natureza, 2002. p. 17-30. Disponível em: <<http://www.repams.org.br/publicacoes.php?cod=15>>. Acesso em jun, 2014.

MILLER, Kenton R. *et al. Busca de um novo equilíbrio: diretrizes para aumentar as oportunidades de conservação da biodiversidade por meio do manejo biorregional*. In: Busca de um novo equilíbrio: diretrizes para aumentar as oportunidades de conservação da biodiversidade por meio do manejo biorregional. IBAMA, 1997.

MITTERMEIER, RUSSELL A. et al. Uma breve história da conservação da biodiversidade no Brasil. *Megadiversidade*, v. 1, n. 1, p. 14-21, 2005.

MMA, 2000. *Avaliação e ações prioritárias para a conservação da biodiversidade da Mata Atlântica e Campos Sulinos*. Brasília, DF.

MMA. *Plano de Manejo Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros. Resumo Executivo*. Brasil, 2009. Conteúdo disponível em: http://www4.icmbio.gov.br/parna_veadeiros/download.php?id_download=215. Acesso em Out., 2011.

MOORE, ALAN W. (editor). *Manual para la Capacitación del Personal de Áreas Protegidas*. National Park Service, Washington, D.C. USA. v. i, ii. 2ª edição, 1993

NEXUCS (org.) 2012. Unidades de conservação no Brasil: O caminho da gestão para resultados. RiMa Editora. 536p.

NUNES, Carol. Ambiente mortal. Página 22, n. 85, p. 11, 2014.

OESTREICHER, Jordan S. et al. Avoiding deforestation in Panamanian protected areas: An analysis of protection effectiveness and implications for reducing emissions from deforestation and forest degradation. **Global Environmental Change**, v. 19, n. 2, p. 279-291, 2009.

OLDFIELD, S. *Buffer zone management in tropical moist forest: Case studies and guidelines*. The IUCN Tropical Forest Programme. Gland: IUCN, 1988. 49p.

ORTIZ, Fabíola. *Chapada dos Veadeiros inaugura primeira travessia com pernoite*. Portal O Eco, 2013. Conteúdo disponível em: <<http://www.oeco.org.br/noticias/27300-chapada-dos-veadeiros-inaugura-primeira-travessia-com-pernoite>>. Acesso em Out., 2013.

PÁDUA J, M. T. J. Sistema Brasileiro de Unidades de conservação: de onde viemos e para onde vamos? In: CONGRESSO BRASILEIRO DE UNIDADES DE CONSERVAÇÃO, *Anais*. Curitiba: IAP, v.1, 1997, p.214 - 236.

PALAZZO JR., José Truda; CARBOGIM, João Bosco Priamo (orgs). *Conservação da natureza: e eu com isso?* 1ª Edição. Fortaleza, CE: Editora Fundação Brasil Cidadão, 2012.

PERES, Carlos A.; TERBORGH, John W. Amazonian nature reserves: an analysis of the defensibility status of existing conservation units and design criteria for the future. *Conservation Biology*, v. 9, n. 1, p. 34-46, 1995.

PINTOS LUIZ PAULO. Unidades de Conservação. Conteúdo disponível em: <<http://www.ufmg.br/diversa/14/index.php/unidade-de-conservacao/unidades-de-conservacao.html>>. Acesso, abril, 2012.

PHILLIPS, A. Turning Ideas on Their Head: The New Paradigm for Protected Areas. *The George Wright Forum*. Vol. 20, number 2: June 2003, pp. 8-32. The George Wright Society, PO Box 65, Hancock, MI, 49930-0065, USA.

PROJETO GUARDA-PARQUES: Disponível em <http://www.equipe.org.br/guardaparques/index.php?id=perguntas>. Consultado: Acesso Abril, 2012.

REDE NACIONAL PRÓ UNIDADES DE CONSERVAÇÃO: Conteúdo disponível em: <http://www.redeprouc.org.br/artigos.asp?codigo=339> Acesso Abril, 2012.

REIS, T.; MAGALHÃES, J. C. Fiscal do IBAMA cuida de área igual a 3 cidades de São Paulo. *Folha OnLine*. São Paulo. Março, 2008. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u380255.shtml>> Acesso em: 3 de junho de 2014.

RIBEIRO, J. F. et al. *Os principais tipos fitofisionômicos da região dos Cerrados*. Planaltina: EMBRAPA/CPAC, 1983. (Boletim de Pesquisa, 21).

RIBEIRO, R. F. *Florestas anãs do sertão, o cerrado na história de Minas Gerais*. Belo Horizonte, Autêntica, 2005.

RODRÍGUEZ-RODRÍGUEZ, D. *Efficient enforcement for effective MPA management*. MedPAN. Marseille, France. 2014. Link: <http://www.medpan.org/documents/10180/0/Science%2Bfor%2BMPA%2Bmanagement%2B-%2BIssue%2B2/8ba39a08-1088-4cd7-a0df-a61e6d300ff2>

RYLANDS, AB; BRANDON, K. Unidades de conservação brasileiras. *Megadiversidade*, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 27-35, 2005

ROCKTAESCHEL, B. *O Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros como Destino Ecoturístico*. Monografia (especialização) – Universidade de Brasília. Centro de Excelência em Turismo. Brasília, 2003.

ROTHERHAM, I.D. The ecology and economics of medieval deer parks. *Landscape Archaeology and Ecology*, 6, 86-102. (2007)

SEGALERBA, Marcelo Daniel *et al.* Metodologia de treinamento de Guarda-Parques. ACT Brasil Edições: Brasília, 2009. 144 p.

SELLTIZ, C., WRIGHTSMAN, L. S., & COOK, S. W. *Métodos de pesquisa nas relações sociais* (2a ed.). São Paulo: E.P.U, 1987.

SMITH, R. *Capacity Development Needed For Rangers* – International Ranger Federation - Fifth World Parks Congress – Durban Congress – South Africa. September 11, 2003

TERBORGH, John; SCHAİK, Carel Van. Por que o mundo necessita de parques. *Tornando os parques eficientes: estratégias para conservação da natureza nos trópicos*. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, p. 25-36, 2002.

TERBORGH, John; SPERGEL, Barry; GUAPYASSU, Maísa. *Tornando os parques eficientes: estratégias para a conservação da natureza nos trópicos*. Editora UFPR, 2002.

TERBORGH, J. Superando os impedimentos para conservação. Terborg, J.; Schaik, CV; Davenport, L.; Rao, M. *Tornando os parques eficientes: estratégias para a conservação da natureza nos trópicos*. Curitiba. Editora da UFPR, 2002.

TYLER MILLER, G. *Ecología y Medio Ambiente: Introducción a la ciencia ambiental, el desarrollo sustentable y la conciencia de conservación del planeta tierra*. Miller; tr. Irma de Leon Rodriguez. 1994.

VIANA, Maurício Boratto; GANEM, Roseli Senna. *APAs federais no Brasil. Consultoria Legislativa*, Brasília: Câmara dos Deputados, Estudo, p. 15, 2005.

WORLD HERITAGE COMMITTEE. Decision 35COM7B.28. Cerrado Protected Areas: Chapada dos Veadeiros and Emas National Parks (Brazil) (N 1035). Convention concerning the protection of the World Cultural and Natural Heritage WHC-11/35.COM/7B. Original: English / French. Paris, 27 May 2010. Conteúdo disponível em: <http://whc.unesco.org/en/decisions/4436>. Acesso Abril, 2012.

WWF. *Áreas protegidas ou espaços ameaçados?* Relatório do WWF sobre o grau de implementação e vulnerabilidade das unidades de conservação federais brasileiras de uso indireto. Brasília. WWF Brasil. Série Técnica 1, 17p, 1999.

WWF-BRASIL. Efetividade de Gestão das Unidades de Conservação do Brasil: Implantação do Método Rappam - Avaliação Rápida e Priorização da Gestão de Unidades de Conservação. IBAMA e WWF-Brasil. Brasília: Ibama, 2007, 96 p.

WWF. *Observatório de Unidades de Conservação*. RAPPAM (RapidAssessmentandPriorizationofProtectedArea Management). Um dos estudos desenvolvidos pela Rede WWF entre os anos 2005 e 2006. Conteúdo disponível em: <http://observatorio.wwf.org.br/unidades/cadastro/365/>. Acesso Abril, 2012.

APÊNDICES

APÊNDICE A
Documento de apresentação do
questionário



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE TECNOLOGIA
DEPARTAMENTO DE ENGENHARIA FLORESTAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS FLORESTAIS

Prezado (a) Profissional do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio),

O Programa de Pós-Graduação em Ciências Florestais, da Universidade de Brasília, por meio da Linha de pesquisa Conservação da Natureza, está desenvolvendo uma análise da necessidade de Guarda-parques para a proteção dos valores naturais e culturais no Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros (PNCV), em função dos problemas e ameaças presentes.

A pesquisa será desenvolvida junto a profissionais do ICMBio que atuam no Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros, localizado em Goiás (GO). Dessa forma V. S^a faz parte do grupo selecionado para a coleta de dados e por isso solicitamos sua importante colaboração para participar da entrevista, que fundamentará o trabalho.

É possível verificar que a simples criação legal de uma Unidade de Conservação não implica que os objetivos da UC sejam atingidos. Desta forma, a proposta apresentada tem a intenção de analisar os problemas e ameaças da UC realizando uma pesquisa qualitativa junto aos principais atores da área, analisando a necessidade de Guarda-parques em função dos problemas e ameaças para a conservação dos valores presentes.

V. S^a deverá escolher um espaço, local e data adequados para participar das entrevistas. **Por se tratar de um trabalho de natureza acadêmica, as informações serão utilizadas apenas para esta finalidade indicada.**

Contamos com sua colaboração e desde já expressamos os mais sinceros agradecimentos e colocamo-nos à disposição para quaisquer esclarecimentos que se fizerem necessários.

Cordialmente,

Marcelo Daniel Segalerba
Mestrando em Ciências Florestais -
EFL/UnB

Orientador
Programa de Pós-Graduação em
Ciências Florestais - Faculdade de
Tecnologia - EFL/Unb
Prof. Dr. Reuber Albuquerque Brandão

APÊNDICE B
Roteiro de questões para coleta de
dados



Universidade de Brasília
Faculdade de Tecnologia
Departamento de Engenharia Florestal
Programa de Pós-Graduação em Ciências Florestais

ROTEIRO DE ENTREVISTAS

1ª Parte: Importância, problemas e proteção do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros

1. O que o PNCV representa para você, sua vida, família, para a comunidade e para o mundo?
2. Em sua opinião, quais são os principais problemas do PNCV?
3. Em sua opinião, como se dá a proteção do parque?
4. Em sua opinião, como deveria ser a proteção do PNCV?
5. Em sua opinião, o que precisa ser feito para que o parque se mantenha protegido?

2ª Parte: Guarda-parques e segurança no Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros

1. O que você conhece e pensa sobre os Guarda-parques?
2. Em sua opinião, que preparação deve ter o pessoal para trabalhar na proteção do parque?
3. Em sua opinião, quantas pessoas são necessárias para garantir a proteção?
4. Em sua opinião, os Guarda-parques trazem maior sensação de segurança aos visitantes? De satisfação? Os visitantes voltariam?
5. O que você acha da segurança para os funcionários que trabalham no parque?
6. Alguma mensagem final? O que gostaria de acrescentar?

ANEXOS

ANEXO I

Autorização para aplicação das entrevistas em profundidade realizadas no Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros



Autorização para atividades com finalidade científica

Número: 37809-1	Data da Emissão: 26/09/2013 17:01	Data para Revalidação*: 26/10/2014
-----------------	-----------------------------------	------------------------------------

* De acordo com o art. 33 da IN 154/2007, esta autorização tem prazo de validade equivalente ao previsto no cronograma de atividades do projeto, mas deverá ser revalidada anualmente mediante a apresentação do relatório de atividades a ser enviado por meio do Sisbio no prazo de até 30 dias a contar da data do aniversário de sua emissão.

Dados do titular

Nome: Marcelo Daniel Segalier Bourdette	CPF: 742.375.271-15
Título do Projeto: Avaliação da necessidade de guarda-parques para a conservação dos valores naturais e culturais no Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros.	
Nome da Instituição : FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA	CNPJ: 00.038.174/0001-43

Cronograma de atividades

#	Descrição da atividade	Início (mês/ano)	Fim (mês/ano)
1	Levantamento documental sobre o parque (Instrumentos de gestão, publicações científicas, legislação,	01/2013	07/2013
2	Construção e validação do instrumento de coleta de dados	02/2013	03/2013
3	Aplicação do instrumento de coleta de dados	04/2013	09/2013
4	Análise dos dados e Redação da Dissertação	12/2013	02/2014
5	Defesa da dissertação	02/2014	02/2014

Observações e ressalvas

1	As atividades de campo exercidas por pessoa natural ou jurídica estrangeira, em todo o território nacional, que impliquem o deslocamento de recursos humanos e materiais, tendo por objeto coletar dados, materiais, espécimes biológicos e minerais, peças integrantes da cultura nativa e cultura popular, presente e passada, obtidos por meio de recursos e técnicas que se destinem ao estudo, à difusão ou à pesquisa, estão sujeitas a autorização do Ministério de Ciência e Tecnologia.
2	Esta autorização NÃO exige o pesquisador titular e os membros de sua equipe da necessidade de obter as anuências previstas em outros instrumentos legais, bem como do consentimento do responsável pela área, pública ou privada, onde será realizada a atividade, inclusive do órgão gestor de terra indígena (FUNAI), da unidade de conservação estadual, distrital ou municipal, ou do proprietário, arrendatário, posseiro ou morador de área dentro dos limites de unidade de conservação federal cujo processo de regularização fundiária encontra-se em curso.
3	Este documento somente poderá ser utilizado para os fins previstos na Instrução Normativa IBAMA nº 154/2007 ou na Instrução Normativa ICMBio nº 10/2010, no que especifica esta Autorização, não podendo ser utilizado para fins comerciais, industriais ou esportivos. O material biológico coletado deverá ser utilizado para atividades científicas ou didáticas no âmbito do ensino superior.
4	O titular de licença ou autorização e os membros da sua equipe deverão optar por métodos de coleta e instrumentos de captura direcionados, sempre que possível, ao grupo taxonômico de interesse, evitando a morte ou dano significativo a outros grupos; e empregar esforço de coleta ou captura que não comprometa a viabilidade de populações do grupo taxonômico de interesse em condição in situ.
5	O titular de autorização ou de licença permanente, assim como os membros de sua equipe, quando da violação da legislação vigente, ou quando da inadequação, omissão ou falsa descrição de informações relevantes que subsidiaram a expedição do ato, poderá, mediante decisão motivada, ter a autorização ou licença suspensa ou revogada pelo ICMBio e o material biológico coletado apreendido nos termos da legislação brasileira em vigor.
6	Este documento não dispensa o cumprimento da legislação que dispõe sobre acesso a componente do patrimônio genético existente no território nacional, na plataforma continental e na zona econômica exclusiva, ou ao conhecimento tradicional associado ao patrimônio genético, para fins de pesquisa científica, bioprospeção e desenvolvimento tecnológico. Veja maiores informações em www.mma.gov.br/fozen .
7	Em caso de pesquisa em UNIDADE DE CONSERVAÇÃO, o pesquisador titular desta autorização deverá contactar a administração da unidade a fim de CONFIRMAR AS DATAS das expedições, as condições para realização das coletas e de uso da infra-estrutura da unidade.

Outras ressalvas

1	Prezado pesquisador, informar com 30 (trinta) dias de antecedência as datas das expedições de campo, as condições para realização das coletas e uso da infra-estrutura da unidade à equipe do Parque Nacional no email prnchapadadosveadeiros@gmail.com ou no fone 62 34 55 11 14/ 11 16. Solicitamos não coletar nas trilhas de uso público do Parque Nacional.
---	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Equipe

#	Nome	Função	CPF	Doc. Identidade	Nacionalidade
1	REUBER ALBUQUERQUE BRANDAO	Orientador da pesquisa de mestrado	505.985.541-49	1265271 SSP-DF	Brasileira

Locais onde as atividades de campo serão executadas

Este documento (Autorização para atividades com finalidade científica) foi expedido com base na Instrução Normativa nº154/2007. Através do código de autenticação abaixo, qualquer cidadão poderá verificar a autenticidade deste documento, por meio da página do Sisbio/ICMBio na Internet (www.icmbio.gov.br/sisbio).

Código de autenticação: 97797582



Página 1/4